Vol. XXVIII — Numero 109 Anno X — Janeiro, 1925

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

ANATOLE FRANCE	Perillo Gomes	1
A CHIMICA MINERAL NO DICCIONARIO DO SR. C. DE FIGUEIREDO	Affonso d'E. Taunay . . .	5
OBSCURO — O CAVALEIRO .	José Oiticica	13
UMA CONFERENCIA	Mario de Andrade	15
AS DANÇAS	Guilherme de Almeida . .	21
O PRIMEIRO REINADO . . .	Haddock Lobo	26
O VOTO SECRETO NA ARGENTINA	Julio Navarro Manzó. . .	49
OS MYSTERIOSOS THESOUROS DA ILHA DA TRINDADE	Frederico Villar	69

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS — NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL — PRAÇA DA SÉ, 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO — Teleph. Central 5273
ASSIGNATURAS: — ANNO 20$000, EXTRANGEIRO — 25$000 NUMERO AVULSO — 1$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario.

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. . . . . 40$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10$000

Explicações Praticas de Escripturação Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. . . . . 6$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10$000

Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6$000

Problemas de Escripturação. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura . . . . . 10$000

Contabilidade Bancaria, em brochura . . . . . 12$000

Contabilidade Industrial, em brochura . . . . . 10$000

No prêlo: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura . . . . . 10$000

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — **São Paulo**

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

EDITORES: RUIZ HERMANOS, Madrid — FELIX ALCAN, Paris — NICOLA ZANICHELLI, Bolonha — WILLIAMS NORGATE, Londres — WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore RENASCENÇA PORTUGUEZA, Porto — THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

"SCIENTIA,,

Revista Internacional de Synthese Scientifica
Publicação mensal (Cada numero 120 paginas)
Director: **EUGENIO RIGNANO**

É **a unica revista** que tem verdadeiramente collaboradores em todo o mundo.

É **a unica revista** de circulação mundial.

É **a unica revista** de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentaes: historia das sciencias, mathematica, astronomia, geologia, physica, chimica, biologia, psycologia e sociologia.

É **a unica revista** que por meio de investigações entre os mais eminentes sabios e escriptores de todas as nações (*sobre os principios philosophicos das differentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronomicas e physicas de dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos differentes paises no desenvolvimento dos ramos da sciencia; sobre as maiores questões biologicas e, particularmente, sobre vitalismo; a questão social; as grandes questões excitadas da grande guerra*) estuda todos os problemas fundamentaes que possam interessar aos sabios e aos intelectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.

É **a unica revista** que conta com a collaboração dos mais illustres sabios do mundo. Todos os fasciculos levam o nome de mais de 350 collaboradores.

Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem annexo um *supplemento levando a traducção franceza de todos os estudos cujo original não é francez*. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da "Scientia", Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postaes).

Assignaturas: 100 liras italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretario Geral da Redacção: Dr. PAOLO BONETTI

VOXOPHONE

(A grande marca brasileira)

Feitos de escolhidas madeiras do paiz e sendo nelles applicados os melhores accessorios, são

em acabamento melhor
em sonoridade egual

ao mais caro apparelho extrangeiro; custam porem, quasi a metade destes, pois não são sujeitos ás grandes despezas de importação, nem á oscillação do cambio.

Venham examinal-os, sem compromisso de compra,

na **CASA ODEON**

Rua de São Bento N. 62

BIOTONICO FONTOURA

FORTIFICANTE EFFICAZ

PARA

HOMENS, SENHORAS E CREANÇAS

Consagrado pelas maiores notabilidades medicas em virtude do valor de sua formula e da seriedade de sua fabricação, de accordo com a mais rigorosa technica scientifica, sendo o remedio indicado para todos os organismos enfraquecidos que necessitam de um reconstituinte de acção rapida e segura.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

ESTÁ NO PRELO

PROBLEMAS DE ANTHROPOLOGIA SOCIAL

de OLIVEIRA VIANNA

Os assumptos versados pelos PROBLEMAS estão em plena actualidade, principalmente depois que os paulistas resolveram-se a desinteressar da immigração italiana e que o prof. Miguel Couto abriu campanha contra o immigrante japonez. Os PROBLEMAS trazem a solução scientifica da questão.

EDIÇÃO DA

COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

COMPANHIA GRAPHICO - EDITORA

Escrip. Central: Praça da Sé, 34 1-o Andar

MONTEIRO LOBATO
SÃO PAULO

End. Telegraphico: "EDITORA" Caixa 2-B

Contos Escolhidos

DE MONTEIRO LOBATO

PREÇO: 4$000

Magnifico volume em que o escriptor Monteiro Lobato reuniu, para a juventude, os melhores contos dos livros que já publicou.

Nelle se encontra o que de melhor se contem em **Urupês, Cidades Mortas e Negrinha**, como se verifica do seguinte summario:

O engraçado arrependido
A colcha de retalhos
A vingança da peroba
Bucolica
O comprador de fazendas
O estafeta
As fitas da vida
O drama da geada
O jardineiro Timotheo
O rapto
O "resto da onça"
Tragedia de um capão de pintos
Pedro Pichorra
O 22 da "Marajó"
A onda verde
A lua cornea
O despique
Veteranos
A nuvem de gafanhotos
Triptico indigena

Para recommendar a obra, basta dizer que a direcção do Collegio Mackenzie de S. Paulo já a approvou para leitura de suas classes secundarias, no que foi acompanhado por varios outros estabelecimentos de ensino do Estado.

A' venda em todas as livrarias do paiz e na

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 - S. PAULO - Caixa, 2-B

VIGOGENIO

O fortificante maximo para todas as edades

Calcifica os ossos e dá phosphoros

Sempre que os MESTRES DA SCIENCIA precisam de applicar um fortificante receitam o VIGOGENIO.

FRACOS, rachiticos, ANEMICOS, depauperados, NEURASTHENICOS, usem o VIGOGENIO.

Na fraqueza pulmonar e CONVALESCENÇAS o seu effeito é immediato e positivo.

Licenciado pelo D. N. de S. D. sob n. 833 em 20-11-919

Fluxo-Sedatina O remedio das senhoras.
Combate as colicas uterinas, mesmo as da gravidez, em duas horas. É o *melhor remedio* para as doenças do utero, como FLORES BRANCAS, inflammações, *utero cahido*, corrimentos, *catharro do utero*. A FLUXO-SEDATINA é usada com optimos resultados nos Hospitaes e Maternidades.

Licenciado pelo D. N. de S. D. sob n. 67 em 28-6-1915.

SYPHILIS!!!

Abortos! Chagas! Invalidez! Rheumatismo! Eczemas!

UM HORROR!!!

A syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destróe as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralyticos. Produz Placas, Quéda do cabello e das unhas, faz as pessoas Repugnantes! Ataca o Coração, o Baço, o Figado, os Rins, a Bocca, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, emfim, ataca todo o organismo. Eliminar a Syphilis de casa porque não havendo Saude não ha Alegria.

ELIXIR 914 E' o melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Bôba.

AINDA MAIS !...

O ELIXIR 914 não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contem Hermophenyl o qual destróe os microbios do sangue. E' o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, sécca e faz desapparecer as feridas. Não contem arsenico nem iodureto, sendo inoffensivo ás creanças.

O que o doente sente com o uso do ELIXIR 914:

Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saude em pouco tempo.

ATTESTADOS:

E' o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitaes, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de ELIXIR 914.

E' o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o 1.º vidro.

Não deixe para amanhã, comece hoje mesmo a tomar o ELIXIR 914.

Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a GALVÃO & Cia. — CAIXA 2-C — SÃO PAULO.

A NOVA REMINGTON N.º 12

Com todas as vantagens REMINGTON, mais a acção silenciosa de que V. S. tem sempre sentido falta.

Quatorze dispositivos attenuadores do Ruido.

Queira pedir uma demonstração pratica sem compromisso á

CASA PRATT

Praça da Sé N.º 16 — Caixa Postal N.º 1419

SÃO PAULO

POLYBIBLION

REVISTA BIBLIOGRAPHICA UNIVERSAL

5, Rue de Saint Simon, 5 — PARIS, VII

"Polybiblion", que está no seu 58.º anno de existencia, apparece mensalmente com duas partes distinctas:

I — Uma "Parte literaria" (2 volumes por anno), contendo: 1.º) "Articles d'ensemble" sobre os differentes ramos da sciencia e da literatura. 2.º) "Comptes rendus" das principaes obras publicadas em França e no estrangeiro. 3.º) Uma chronica resumindo todos os acontecimentos referentes á literatura. — Desde os fins de 1914, "Polybiblion" dá "comptes rendus" relativos á guerra européa.

II — Uma "Parte technica" (1 volume por anno), contendo: 1.º) uma "Bibliographia methodica" das obras publicadas em França e no estrangeiro, com indicação dos preços. 2.º) os summarios de numerosas revistas francezas e estrangeiras e dos grandes jornaes de Paris (artigos literarios, historicos, scientificos e artisticos e artigos que se prendem de perto ou de longe á guerra européa).

PREÇOS DE ASSIGNATURA.

Parte literaria	Estrangeiro	38	fr.
Parte technica	„	31	„
As 2 partes reunidas. . .	„	50	„

Amostra mediante a remessa de 1 franco em sellos postaes brasileiros.

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador: SILVIO DE ALMEIDA
Diretor: MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem paginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30$000
INTERIOR E ESTADOS	32$000
NUMERO AVULSO	3$000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.o andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXX

JANEIRO - ABRIL

DE 1925

ANNO X

Companhia Graphico - Editora Monteiro Lobato
PRAÇA DA SÉ N. 34 SÃO PAULO

Janeiro 1925 N. 109

REVISTA DO BRASIL

ANATOLE FRANCE

ANATOLE France, tanto quanto humanamente é possivel ajuizar, despediu-se desta para a outra vida como vivera, isto é: fiel ao seu programma de livre-pensador.

De facto, emquanto poude demonstrar por palavras ou signaes intelligiveis a sua lucidez de espirito, Anatole, no leito de agonia, já convicto de que se abeirava dos humbraes da Eternidade, não deu o menor indicio de inquietação e de arrependimento, manteve uma linha de estricta coherencia com o seu passado e a sua obra. Foi mesmo uma das suas ultimas instrucções a exclusão de qualquer cerimonia religiosa nos funeraes.

O facto merece ser assignalado porque não é commum. Em via de regra o que sempre acontece é, ao defrontar com o espectro da morte, o arrefecimento de toda a prosapia antechristã, uma abjuração completa de toda idéa irreligiosa e um angustiado appello á misericordia divina.

A Historia registra a conversão de quasi todos os grandes impios que foram tambem homens de genio. Sobretudo, raro foi o que, no leito de morte, não se sentiu atormentado por duvidas crueis e se mostrou indifferente ao conforto e ás promessas da Religião.

Voltaire, de quem aproximavam Anatole France, deu o grande exemplo, tentando, nos estertores da morte, a reconciliação com a Egreja de Christo.

Da phalange temerosa da Encyclopedia, bem poucos penetraram os dominios da outra vida sem ter dobrado os joelhos e im-

plorado, com o auxilio da Egreja, ao Deus de infinita bondade. O seculo XIX, mais pobre de blasphemadores de vulto, levou aos pés do Altar a fina flôr da sua intelligencia.

Anatole France, não. Resistiu. Vindo do outro seculo, do "seculo estupido" na expressão de Daudet, elle attingiu o nosso com o mesmo sorriso de duvida para tudo e para todos, o mesmo sorriso um tanto desbotado e contrafeito de ironista e de sceptico. E, deante da morte, não mudou de aspecto. Encarou-a face a face e entregou-se sem reagir.

"Eu morro", disse apenas...

E, chamando para perto de si a velha companheira com quem partilhara, suppomos, durante tantos annos, as intimidades do lar e as glorias da vida publica, abraçou-a. Depois, fitando-lhe os olhos com firmeza mas sem perceptivel emoção na face livida e na vóz já cavernosa, exclamou:

"Je ne te reverrai plus"... nunca mais te verei!

* * *

A demorada agonia de Anatole France trouxera, por alguns dias, inquieta, a legião dos livre-pensadores. Não, pela desolação e a magua do lar tão proximo a se cobrir de crepes. Absolutamente não. Mas pelo temor de que o seu idolo, em tão grave momento abjurasse as suas idéas, e, como tantos outros, se convertesse a Jesus Christo.

Assim, pois, quando Anatole, quasi moribundo, na hora em que todos tremem de assombro, proferiu, serenamente, essa ultima phrase despedindo-se da companheira inconsolavel, um verdadeiro enthusiasmo os empolgou porque lhe deram a significação de uma heroica reaffirmação dos dogmas da antiga impiedade, da philosophia negativista que a elles identificava o impenitente sceptico.

E começou então, ainda em vida, o trabalho de glorificação do grande enfermo.

Mas, Roland Ergère, a quem a morte de Anatole France inspirou talvez a sua pagina mais formosa, sentiu perfeitamente quanto era absurda aquella expressão em circumstancia de tamanha gravidade, principalmente para os que de facto amassem o velho atheu, e exclamou:

"Mon Maître, pardonnez-moi si ma pensée, qui vous doit tout, s'écarte de la vôtre, devant ce problème mystérieux de l'au-delà... Moi, je vous aime trop pour le pouvoir admettre!..."

"J'ai besoin, disciple imparfait, de crier ma douleur à qui me dépasse, de prier pour vôtre bonheur..."

Alguem já disse que "o Amor, antes de tudo, é uma visão". Portanto, mais ama aquelle cuja visão se desdobra por mais dilatados horizontes e mais se eleva acima dos dominios da nossa materialidade. Que linguagem existe para descrever o Amor dos Amores, o Amor de Maria Santissima, envolvendo em uma mesma visão o espectaculo dramatico da humanidade a bracejar no pelago e os explendores da Celestial Morada!

Anatole France não conheceu o Amor. Delle se disse que tinha o coração mediocre. Pierre Lhande, em magnifico artigo nos *"Etudes"*, a proposito do seu fallecimento, escreveu:

"Anatole France n'a compris ni la bonté, ni la douleur, ni l'amour. C'est qu'en effet, comme on l'a bien dit, chez lui le coeur était "mediocre": des traits de sa vie s'unissent à la psychologie de ses héros pour le prouver".

E passa em revista Thérèse Martin, Mme. de Gromance, Dechartre ou Thais para concluir com o Snr. Gonzague True, aliás panegyrista de Anatole, que "elles não sabem amar". Em vez de amor o que os anima, os agita e domina a sua vida inteira, são os transportes da pura sensualidade. Aqui a violencia dos instinctos, alli a embriaguez da carne, mais além uma paixão amarga e dolorosa. Onde quer que seja, porém, si o espirito brilha, é como um clarão fugaz que, de subito, illuminasse a espessura de um sombrio bosque, e, mais subitamente ainda se extinguisse...

Si Anatole France, como é evidente, não sabia, com os seus largos recursos de linguagem e a riqueza da sua imaginação, descrever o Amor, é porque, elle proprio, não sabia amar.

E foi este, talvez, o grande mal da sua vida; e ahi está, seguramente, a explicação da sua morte, do pretenso heroismo da sua morte.

Toda a sua obra é um jogo muito habil de sombra e luz, formando uma variedade de tons suaves. Ahi, porém, não ha um trecho vivamente illuminado, não ha fulgurações, não ha, digam o que disserem, a revelação de um genio, queremos dizer, de alguma cousa muito impressionante, muito forte, que nos dê a sensação de grandeza e magestade.

Ha, em compensação, muita phrase ambigua, reticencias, reservas maliciosas, perversidades, muita irreverencia disfarçada entre sorrisos, um tanto de odio sem caracterisação, veneno distilado ás gotas, poeira translucida de morphina que uma restea de sól atravessa emprestando brilho e varia coloração...

E, quando afinal, ainda alguma duvida restasse sobre a estreiteza da sua vida affectiva, a falta de plenitude, de perspectiva da sua paizagem interior, em summa, a "mediocridade" do seu coração, bastaria, como eloquente attestado, a frieza do seu espirito

em face do mysterio da Eternidade, já proximo a mergulhar nas sombras do Ignoto, e o tom, pelo menos apparentemente calmo, despreoccupado e indifferente com que se despediu da chorosa esposa.

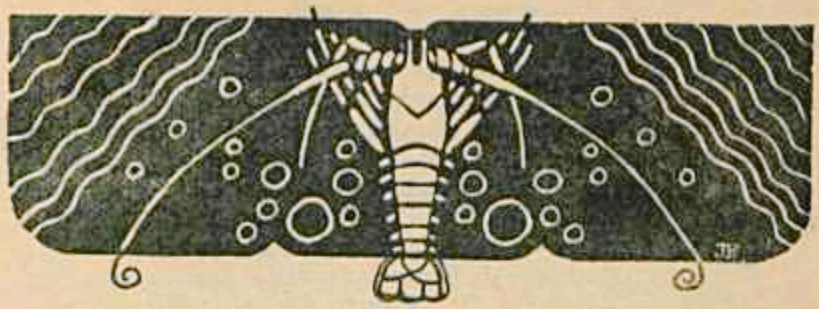
Nem esta dôr, no momento extremo da sua vida, Anatole soube comprehender e respeitar. Nem áquella que lhe prodigalisara tanto carinho e tanto desvelo; áquella que fôra solicita nos seus cuidados como na afflicção dos seus derradeiros momentos, nem a ella soube elle verdadeiramente amar.

"Nunca mais te verei", disse-lhe Anatole seccamente, displicentemente, cruelmente; sem interesse, sem pena, sem a mais leve emoção; ingrato, injusto e talvez, ainda nesse ultimo momento, insincero e cynico como fôra toda a sua vida...

Eis o que a morte do velho impio nos suggere. Sómente Deus, no entanto, é Quem está de posse do segredo dos ultimos instantes dessa alma semi-morta de sceptico, é Quem sabe o que se passou na sua consciencia, no transe derradeiro.

Sómente a Deus compete julgal-o. Nós outros, a este respeito, não podemos e não devemos formular sinão conjecturas, e, em qualquer caso, impetrar como para todos os mortos, misericordia, misericordia.

PERILLO GOMES



A CHIMICA MINERAL DO "NOVO DICCIONARIO" DO SNR. CANDIDO DE FIGUEIREDO, EM TERCEIRA EDIÇÃO (1923)

COM grande curiosidade se recebeu no Brasil a terceira edição, (1923) do *Diccionario da Lingua Portugueza*, do Snr. Candido de Figueiredo, que, desde muitos annos se anunciava prestes a surgir.

Representava a segunda tiragem do alentado lexico muito prestante serviço ao inventariamento dos recursos de nossa lingua. Jámais se imprimira tão rica e extensa catalogação dos vocabulos portuguezes, luso-coloniaes e brasileiros.

Havia, comtudo, muitas e graves falhas nesse tentamen digno de applausos, certamente; assim por exemplo nelle se notavam deficiencia consideravel da colheita dos brasileirismos, impropriedade dos significados de numerosos vocabulos nossos, notavel lacunosidade das diversas technologias scientificas, obsoletismo frequente das definições scientificas, e presença frequente de definições viciosas.

Foram muitos destes defeitos apontados ao Snr. C. de F. por diversos reparadores de Portugal e do Brasil. Assim se esperava que a terceira edição do *Novo Diccionario* viesse escoimada de muitos dos seus vicios e lacunas.

Infelizmente tal não se deu. Persistiu o Snr. C. de F. em manter a quasi totalidade dos defeitos e vicios da sua segunda tiragem.

Examinando as diversas faces da nova edição já, entre nós, varios reparadores autorisados apontaram as graves emendas que o seu texto está reclamando. Assim por exemplo, ainda e ultimamente, ao que saibamos, em São Paulo, os Snrs. Dr. Edmundo Navarro de Andrade, a proposito da botanica e da sylvicultura do *Novo Diccionario* e o Snr. Rodolpho von Ihering, acerca da sua nomenclatura zoologica, vulgar, da fauna brasileira.

Em artigos incisivos da *Revista do Brasil*, que tiveram enorme divulgação, apontou o Dr. Navarro deslises numerosos, erros serios e até verdadeiros disparates colhidos entre as definições do *Novo Diccionario*. Tambem nos inculcou o Snr. Ihering uma boa vintena senão mais, de lapsos de igual teor, alguns dos quaes verdadeiramente estupefacientes.

Como causa principal de taes successos aponta o Dr. Navarro a teimosia vaidosa do illustre philologo em pretender arvorar-se em encyclopedista, capaz de definir sem o alheio concurso todo o vocabulario das mil e uma subdivisões do moderno saber. Dahi uma serie de resultados deploraveis.—

Seja-nos agora dado como mero estudioso examinar algumas tantas definições da chimica do *Novo Diccionario*, em sua terceira edição.

O que do mais perfuntorio exame resalta desse vocabulario é que para o exemplificar lançou o Snr. C. de F. mão de livros muito antigos, quasi contemporaneos de Thénard e de Berzelius em geral.

D'ahi a sua technologia equivalentista hoje desueta. Mas, como ao mesmo tempo, averba o diccionarista muitos nomes novos das recentes descobertas d'ahi decorre uma "mistura de grelos" sobremodo desconcertante. Em que pé dansaremos? é o caso de se repetir o conhecido adagio francez. Para muitas das definições da terceira edição, das que já na primeira appareceram, mereceria tal exemplificação o qualificativo affonsino se esdruxulo não fosse applicar o adjectivo medieval, já contemporaneo de Ourique, a uma sciencia nascida na segunda metade do seculo XVIII.

Não fora isto e seria o caso de se dizer que taes significados, eram "do tempo dos affonsinhos", quando nem ainda se falava nos *figados de enxofre* nas *caparosas* e quejandos termos da nomenclatura dos alchimicos, já mais proximos de nós.

Ha uma indicação preciosa da data das mais recentes obras de consulta chimica corrente do Snr. C. de F. E' a que se encontra na palavra *Fluor*, assim definida pelo illustre philologo: "Corpo simples, ainda não insulado". Ora quer isto dizer simplesmente que a chimica do Sr. C. está atrazada de quasi quarenta annos! Sim, porque desde 1886, realisando o illustre Moissan a electrolyse do acido fluorhydrico conseguiu isolar o mys-

terioso e terrivel "phtoro" causador da morte se não nos enganamos de um dos seus tenazes e infelizes perseguidores, os irmãos Knox (Cf. Jungfleisch, *Manipulações de chimica*, p. 439).

Assim em 1923, no anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil novecentos e vinte e tres, persiste o Snr. Candido de Figueiredo em contestar a grande, a maxima gloria, do illustre sabio que foi Henrique Moissan, a denegar-lhe que o *fluor* já tenha sido isolado! De que serviu pois ao glorioso sabio dos fornos electricos, das pedras preciosas artificiaes, triumphar, numa serie de experiencias notabilissimas, das difficuldades terriveis em que predecessores illustres do porte de quem? de Linneu! de Davy! de Fremy! haviam sido desastrados?

Decretou o Snr. C. de F. que o fluor "ainda não foi insulado" *Candidus locutus est*... Não dicutamos pois: o fluor está pedindo o seu insulador, pela voz do Snr. Candido de Figueiredo.

E já que estamos em *fluor*, vejamos o que vae pela vizinhança do vencido de Moissan. (Que carrancismo o nosso! persistirmos em duvidar das affirmações do Snr. Candido de Figueiredo!).

"*Fluorhydrico ou fluoridrico*, affirma o Snr. Candido de Figueiredo, diz-se de um acido formado pela combinação do hydrogenio com uma base"! Ora, sendo a constituição do acido fluorhydrico FlH segue-se que o *fluor* é uma base! Não ha como fugir a esta interpretação.

E além de tudo se o Snr. Candido affirma que o *fluor* ainda não foi insulado como sabe que é uma base? E onde fica a noção de base chimica? derrocada nos seus caracteristicos essenciaes? Então, neste caso, por analogia, do acido chlorhydrico se poderá dizer que é formado pela combinação do hydrogenio com uma base!" Então base e metalloide são synonymos?

Fluorico, continua o Snr. Candido é o mesmo que *fluorhydrico*. Isto se diria "em tempo do Onça" quando reinava a maior imprecisão nas regras da nomenclatura chimica. Então neste caso *chlorhydrico* e *chlorico; bromhydrico* e *bromico*, etc., seriam a mesma cousa, quando todos sabem que o primeiro termo, em *hydrico* se refere a uma combinação binaria, não oxygenada, e o segundo a uma ternaria oxygenada. Muito mais esdruxulo é o que o Snr. Candido de Figueiredo affirma de *fluosilicico*. "Diz-se de um acido resultante da combinação do silicio e do fluor". Esta definição quadraria ao Fl^4Si fluoreto de silicio, se o Snr. Candido não a houvesse invalidado dizendo que se trata de um acido. Ninguem a attribuirá entretanto ao acido fluosilicico, ou hydrofluosilicico, que é um ternario Fl^6SiH^2. E depois se a uma combinação binaria de fluor e silicio attribue o illustre philologo a acidez, onde fica a noção essencial da hydrogenação dos acidos?

E' simplesmente *curioso* este "lapso"...

Vejamos agora o que o Snr. Candido de Figueiredo affirma de dous dos mais conhecidos acidos da chimica mineral e da industria universal, o azotico e o sulfurico, conhecidos de gregos e troyanos, quer sob as designações scientificas, quer sob os nomes vulgares de agua forte e vitriolo.

"Azotico, pormenorisa o Snr. C. de F., diz-se do acido que é uma combinação do azoto com o oxygenio". Esta noção é velha como a Sé de Braga e o leitor moderno a repelle como inspirada no equivalentismo já moribundo, ha quarenta annos atraz. Tomou-a o Snr. C. de F. do Diccioario de Larousse, da letra A, do *Dictionnaire Universel du XIX ème Siècle*, que data das vizinhanças de 1865." Azotico, avança o Larousse, se diz do acido que é o quinto grau da oxydação do azoto, Azo^5H0." Não querendo perder espaço supprimiu o Snr. Candido a referencia a esse "quinto grau" que hoje nos parece pittoresco. Ao velho Larousse contrapomos o novo Larousse: o *Nouveau Larousse Illustré*, que, por misoneismo, desdenhou o Sr. C. de F. consultar. "Azotico affirma o *Nouveau Larousse*" diz se de um anhydrido formado pela oxydação do azoto (Az^2O^5) e tambem de um acido resultante da hydratação deste anhydrido (Azo^3H). Perfeito! perfeitissimo! dirá qualquer leitor moderno.

Vá porém algum estudantesinho de humanidades guiar-se pela definição do Snr. C. de F. e ficará attonito. Como? se um diccionarista de tal tomo garante que se trata de uma combinação binaria, de oxygenio e azoto, como se ha de justificar a formula $Az0^3H$ do acido azotico?

Assim se applicarão hoje os dizeres do Snr. C. de F. á definição dos numerosos oxydos do azoto e nunca ao acido azotico.

Do acido sulfurico avança o nosso illustre philologo: "Diz se do acido que resulta da combinação do enxofre com o oxygenio". Já o velho Larousse, seu provavel mentor, na lettra S, do seu grande diccionario, anterior a 1880, escrevia cousa mais aceitavel: "Diz se de um dos acidos do enxofre". Isto "ainda vae", embora seja sobremodo indeterminado pois ha numerosos "acidos do enxofre". Só os da serie thionica... Mas emfim ainda vae... Mas o *Nouveau Larousse Illustré* este está absolutamente *all right* quando define: "Diz se de um anhydrido formado pela oxydação do enxofre (SO^3) e tambem de um acido resultante da hydratação deste anhydrido" (So^4H^2).

Serviria a definição do Snr. C. de F. para qualquer dos anhydridos sulfurico e sulfuroso SO^3 e SO^2. Assim, gerando real confusão, distinctos como são estes dous oxydos do enxofre, deve ser repudiada. Será tambem necessario proceder do mesmo modo

quanto ao significado que o diccionarista dá de "sulfuroso" — acido que resulta da combustão do enxofre. Segundo os conhecimentos modernos é o anhydrido SO^2, que nasce da combustão do enxofre e não o acido SO^3H^2, gerador dos sulfitos e até hoje não isolado, a não ser no estado de dissolução n'agua.

Já que estamos a percorrer o capitulo dos compostos sulfurosos apontemos uma de mestre! "Sulfito, affirma o Snr. C. de F. é o sal resultante da combinação do acido sulfurico (sic! sic!) com uma base!! Exactamente o que algumas linhas acima diz de *sulfato*. De modo que *sulfito* e *sulfato* são uma e mesmissima cousa! Assim pois temos $SO^3\ Na^2 = SO^4\ Na^2$ e $SO^3K^2 = SO^4K^2$!! Misericordia! Mas tudo está sanado com a explicação doutissima do diccionarista. (Do latim *sulfur*...)"

As mesmas informações, antiquadas e desuetas, inspiraram ao Snr. C. de F. a definição do acido phosphorico. Para o leitor moderno ella quadra ao anhydrido phosphorico. Mas o que ninguem pode admittir é um absurdo deste jaez: "Phosphoroso; diz se do acido tambem chamado phosphorico"! O acido phosphorico é PO^4H^3 e o phosphoroso PO^3H^4. Assim pois $PO^4H^3 = PO^3H^3$ e com esta equaçãosinha, irresistivel como um projectil de 420, derriba o nosso douto philologo o grande principio lavoisieriano, alicerce do edificio da chimica moderna, além de dar um golpe mortal na regra fundamental de nomenclatura a respeito dos compostos diversamente oxygenados. Já é ter autoridade! Entretanto, em 1882, escrevia Caldas Aulete, ás vezes, definições mais acertadas do que as da modernissima edição do *Novo Diccionario*, obra a que o *Diccionario Contemporaneo* procedeu de 41 annos!

"Sulfuroso — gaz acido que se obtem pela combustão do enxofre". Tambem é correcto o que diz o mesmo Caldas de *sulfito* e *sulfato*, fugindo á tremenda cincada em que cahiu o seu illustre confrade.

Para os leitores modernos são muitas as suas definições, comtudo, rejeitaveis. Quadravam bem para o tempo em que surgiu o seu excellente diccionario, cheio de preciosos predicados e digno do enorme apreço em que é tido. Pena seja tão lacunoso.

Além destas definições anachronicas averba o Snr. C. de F. umas tantas outras que se mostram mais alguma cousa do que obsoletas, merecendo portanto absoluta repulsa. Assim por exemplo o que de "ozona" nos conta, ou "ozone" como lhe chama: "cheiro (cheiro, note-se bem) que se desenvolve sob a influencia das descargas electricas e que é devido ao estado particular que as descargas produzem no oxygenio."

Confunde o illustre philologo causas e effeitos. Assim, para elle, *ozone* é apenas uma das propriedades organolepticas do oxygenio, submettido á influencia das descargas electricas...

A esta opinião, opponhamos a de um joão fernandes fuão Jungfleisch, o nullissimo collaborador constante de outra nullidade maior, se é possivel assim dizer, personagem que respondia aos nomes ignotos de Marcellino Berthelot.—"Ozona — Polymerisação do oxygenio, provocada por diversas influencias, como as das scentelhas eletricas, da oxydação do phosphoro ao ar humido e sobretudo da descarga obscura ou effluvio electrico".

Assim se atreve o alludido joão-ninguem a affirmar que ozona é uma condensação do oxygenio e não apenas "um cheiro".

Poderia a definição do Snr. C. de F. servir, talvez lá pelos annos de 1840, quando Schoenbein chamou a attenção dos chimicos para o cheiro de maresia do "oxygenio electrisado" a que elle appellidou ozona. Já porém estaria deslocada a definição do Snr. C. de F., alguns annos mais tarde, quando Becquerel e Fremy demonstraram que a ozona é um polymero do oxygenio (O^3), uma modificação allotropica do oxygenio. E' o que nos ensina outro ignorante: o Snr. L. Troost, do Instituto de França nos seus popularissimos *Elementos de Chimica*. Mais scientifica é a definição de Caldas Aulete em 1882 do que a do Snr. C. de F., quarenta e um annos mais tarde, "ozone-oxygenio electrisado". Vale isto mais do que o tal "cheiro" que tanto impressionou o illustre philologo e á ozona como que dá ares de tempero de cozinha.

A's vezes exemplifica o Snr. C. de F. as suas definições com umas formulas. Mas nem sempre é feliz. Assim falando da *Lan philosophica* dos alchimicos, escreve: "antigo nome do oxydo de zinco, da formula ZO" (sic!). Queremos crer que ahi haja um erro de imprensa; ZO por zn0 pois tambem, aos ceus bradaria semelhante "lapso". Seria um nunca acabar registarmos as definições obsoletas da chimica do *Novo Diccionario* entremeiadas de impropriedades e erros palmares, do theor de alguns dos que nesta rapida resenha apontámos.

Ha no muito prestante vocabulario do Snr. C. de F. tanta cousa esdruxula, deficiente e errada em materia de chimica que o reparador se encontra abarbado com o embaraço da escolha da materia para as suas observações. Assim vejamos ainda a definição de *radio*, "substancia descoberta em 1899, que se contem no baryo"! Em vez de dizer "na *pechblenda*, em companhia do baryo" affirmou o Snr. C. de F. que o radio se contem no baryo! E o menos que se lhe pode arguir é ter ouvido cantar o gallo...

Esdruxulas são as definições de ammoniaco, de cal, etc., etc. Contrarias ás idéas modernas as de potassa, soda, baryta, magnesia, etc., que o Snr. C. de F. com a gente do tempo do Onça intitula oxydos e os autores de hoje com o progresso da sciencia hydratos basicos.

Mas e o que o Snr. C. de F. diz de anhydrido...? "Termo generico que designa os acidos anhydros, isto é, os que se não combinam com a agua"?!!

De modo que os anhydridos phosphorico e sulfurico, por exemplo, são inertes em presença da agua? Que bello quinau no palerma do Sr. Jungfleisch que (*Manipulations de Chimie*, 443) do anhydrido phosphorico, affirma: "Composto extremamente avido de agua"! Que lindo quinau ainda no pateta do Snr. L. Proost (ob. cit. 175) quando este incompetentissimo pacovio de chimico garante ser anhydrido sulfurico tão avido de agua que "uma pequena quantidade deste liquido lançada sobre elle combina-se com incandescencia, vaporisação instatanea e explosão"!! Que atrevimento destes dous quidams, destes beocios, desmentirem asserções do *Novo Diccionario!*

Mas basta, basta e basta!

Antes porém, ainda "queremos aventurar-nos a uma pequena e innocua prophecia.

Ha de se imprimir a quarta edição do *Novo Diccionario* e nada se corrigirá. Aferrado aos seus ripanços bolorentos abroquela-se o Snr. C. de F. num misoneismo impagavel. E virá gangento sustentando a inatacabilidade dos seus significados. Lembra-nos esta attitude a de certa senhora, de uma das mais velhas familias paulistas, viuva rica, idosa e como poucas, exquisitona, cujo anecdotario é sobremodo popular em sua cidade natal, no Oeste de São Paulo. Desejando partir para a Europa esteve em Santos muitos dias, a examinar as melhores accomodações dos melhores e mais luxuosos transatlanticos e a aborrecer a meio mundo com as interminaveis hesitações e os constantes pedidos de informações.

Não que fizesse questão de preços, pois gasta largamente e gosta do conforto e da boa vida.

Depois de muito matutar firmou a escolha do navio e com estupefacção souberam os povos que partira para Lisbôa num pequeno veleiro ilheu, lugre, patacho ou cousa que valha! Era o aferramento inconsciente, instinctivo e desequilibrado — á tradição, ao passado, que a levava a navegar, a atravessar o Atlantico do mesmo modo que, no sentido inverso, o haviam feito os seus ancestres martim-affonsinos, em principios do seculo XVI...

Aferra-se como vimos o Snr. C. de F. ás definições equivalentarias, ás vezes. Nem sempre... antes sempre o fizesse, em vez de se abeberar a outras fontes... e que fontes!

Porque já de uma vez não recorre então á chimica do phlogistico ou á dos quatro elementos hellenicos?...

Não queremos, porém, terminar esta aranzel sem endereçar, por mero espirito de caridade, instante recommendação aos nossos

preparatorianos, candidatos á approvação nos exames da physica e chimica.

— Cuidado, rapaziada! todo o cuidado com a chimica do *Novo Diccionario*. Não recorram vocês ás suas definições que é *pau* pela certa, é *bomba* na certissima! Irão todos vocês ao *pau* que será uma belleza! Não se esqueçam do brado de alarma castelhano, burlesco e pittoresco, tão popular no nosso Estado: *Cuidau Bernau!* Bem o conhecem, certamente. Assim pois a cada um de vocês o repito.

Lembrem-se vocês, rapaziada! da triste, da tristissima ideia de dizerem aos seus examinadores que o *fluor* ainda não foi isolado! que fluorico e fluorhydrico são as mesmas cousa! que sulfito e sulfato são a mesmissima cousa! que o acido phosphorico é o "mesminho" acido phosphoroso! que oxydo de zinco é ZO! que ozona é um cheiro! que o radio se contem no baryo! que os anhydridos não se combinam com a agua! etc., etc., etc.

Se na banca examinadora houver algum "estourado" vocês além de reprovados, além de *paulificados* como dizem em sua giria estudantal — vocês ainda se arriscam a apanhar...

Assim pois rapaziada!: mais uma vez *Cuidau, Bernau*!

AFFONSO DE E. TAUNAY

Do presidio da Ilha Rasa, onde expia o seu grande sonho de liberdade civica, enviá-nos José Oiticica os sonetos que inserimos abaixo:

OBSCURO

Passar, no mundo, obscuro á turba inquieta
Sendo luz! Ser o auxiliador propicio,
Sem que ninguém me visse o olhar de poeta,
Ou tivesse de mim qualquêr indicio!

Ah! Não caber-me essa missão secreta
De um legendário Orfeu quási ficticio!
Não ser o Christo vivo, o que projecta
E realiza, em silêncio, o Sacrificio.

Quem me dera poder, de alguma furna,
Mover corpos e espiritos tardonhos...
Ter a voz da trindade taciturna!

Ser um pregoeiro oculto, sempre atento,
A semear toda a seara dos meus sonhos
Só com scintilações de pensamento.

Ilha Rasa, 7 —10 — 924.

O CAVALEIRO

Fui rei Artur, fui nobre e cavaleiro;
Tive, nas mãos, a espada Escalibór!
Fui chefe de primeiros sem primeiro
De iguais espadachins fui o maiór.

Hoje, do meu fadário aventureiro,
Nenhum lance de herói tenho de cór;
Mas, quando, pelas sombras, só, me esgueiro,
Vultos medievos dançam-me em redór.

E encontro, em minhas mudas investidas,
Arrancadas ocultas de Roldão
E jubilos triunfais de extintas vidas.

Sinto-me novo cavaleiro, então,
Pronto a morrer, nas justas mais renhidas,
Por uma dama, ou por um sonho vão.

Ilha Rasa, 30 — 9 — 924.

JOSE' OITICICA

UMA CONFERENCIA

"Condescendencia pra divertir os socios do Automovel Clube"

MEUS senhores e minhas senhoras:

Mas não ha dúvida que Chopin escreveu coisas muito bonitas e com muito sentimento! Ninguem está discutindo isso! Nós todos já sabemos que Chopin escreveu coisas muito bonitas e com muito sentimento.

Aliás creio que repararam o respeito e o carinho com que Souza Lima interpretou as tres peças do polaco. O perigo não é beijar Chopin en passant. O perigo é sentar sobre o coitado com notavel desprêso das conveniencias e da debilidade fisica do amante de George Sand. Pois foi o que aconteceu. Se escarrapacharam sobre êle que-nem certas matronas romanas que ainda brotam por ali desemparceiradas da mãi dos Gracos e que se sentam aderentes, pegajosas como visgo de caçar azulão, enchem a cadeira com alma e corpo. Ninguem pode negar que essas damas tambem sentam-se com muito sentimento. Mas isso não é brasileiro, meus senhores! Nesta sala virtuosa ha muita gente, eu sei, mas brasileiros mesmo apenas tres ou quatro. Os indigenas civilizados são mas uns despaisados com vida europea, colocação de pronomes á lusitana, falando francês com facilidade... hereditaria, incapazes de dizer vou *na* cidade com regencia preposicional auriverdissima e que aprenderam desde criancinhas por quanto Sião e S. Bento pulula nesta vargem de cristãos humildes a sentar nas idiotas cadeiras Luis XI, Luis XIII, Luis XV, Luis não sei quanto, nos rapidamente doirados salões da alta roda. Pois não é assim que o brasileiro senta! Euclides da Cunha é que descreve bem aquele geito nortista de sentar nos calcanhares pros mutirões cheios de historias de encontral-o na estrada. Dá-se uma prosinha e... lá ficou atrás

roxa, com um solão dêstes, pra dar um tiquinho de prosa com um conhecido das bandas de Pracatú. O sentar de cocoras é que é brasileiro e simbolicamente incomodo. Não se pode ficar assim muito tempo. Cansa. Então a gente se levanta, Deus te guie! e lá vai comendo legua no libuno marchador pelo estradão do progresso, entre guabirobas, guanxuma e capim-gordura, estrada caminhosa essa que nunca se lembrou de parar em Chopin. Eis a moral do geito brasileiro de sentar. Chopin é grande. Temos prazer de encontral-o na estrada. Dá-me uma prosinha e... lá ficou atrás o conhecido de Pracatú. Em vez, não. Sentaram-se em cima do moço e o amassaram, já se vê. Que dê êle? Desappareceu. Ficou um cosido molengo, sem pimenta, e ainda por cima misturado com o insosso pirão, predilecto de Osvaldo de Andrade, que não é meu parente. Ora o que vale em Chopin não é a vulgaridade de certos nocturnos, valsas faceis, e frases esparsas por toda a obra, lugares-comuns dêle, languidez efeminada, andante spianato e choradeira. O Chopin inspirado foi o poeta juvenil, brincão desta valsa que ouvimos, de muitas mazurcas, da Berceuse, ou o tragico possantissimo das baladas, preludios, estudos e desta Polaca em lá que Sousa Lima tocou. Aceitemos Chopin com respeito e compreensão, isto é, escolhendo o que fez de bom e não as suas bobagens. Elle tambem fez tolices, sim senhores! porquê estas são privilegio dos homens e caracter especifico da inteligencia. Dêste direito de tolice Pascal se esquece ao evocar as grandezas do homem. Um ganso, nem que seja do Capitolio, será incapaz de praticar tolices. Isso é só pra nós, seres racionais!

Eu aceito, amo, admiro Chopin, mas nunca me escarrapachei sobre êle porquê considero isso falta de educação e em frente das minhas admirações sento brasileiro. Poderiam argumentar que ha minutos criticando aqui certos aspectos da alta, ponhamos, estirpe, eu tambem faltei á educação. Nego. Dizer a verdade não é falta de educação. Eu sempre aborreci a mentira, que é cansativa, monotona, esperada e se parece muito com a verdade. Prefiro esta, sempre tão nova, tão inedita que a gente tem a impressão duma mentira.

Souza Lima e eu amamos Chopin com verdade. Tanta mesmo que ao combinarmos o programma de hoje pusemos junto das duas dansas dêle, outra dansa, o admiravel fox-trot de Kassel Berton que Sousa Lima estilizou. Não ha razão pra escandalo. Tudo são dansas. Cada qual do seu tempo. No tempo de Chopin que é que se dansava nos salões e nas salinhas? Valsas. E Chopin que era um homem como nós, tambem compôs valsas. Fez pior! compôs mazurcas e polacas, dansas principalmente de povo, cheias de bate-pés e rudezas. O que o grande musico fez, como Bach com as gigas, Haendel com as sicilia-

AFFONSO A. DE FREITAS.
autor de "*Tradições e Reminiscencias Paulistanas*".

nas, Liszt com as tarantelas, foi estilizar essas dansas vulgares e num sentido convencional canalhas, e lhes tirar o movimento dansarino. E se aproveitou delas pra representar os seus sentimentos particulares e as tendencias romanticas do tempo. Lembram-se de Casimiro de Abreu?

Tu ontem
Na dansa
Que cansa
Voavas... etc.

As valsas chopinianas são invalsaveis. O mesmo fazem actualmente Strawinsky, Hindemith, Wienér, Milhaud com as dansas actuais. Não são mais dansas dansantes. São peças transportadas da necessidade esportiva e... freudiana do dansador pra uma idealização imagetica, uma sublimação artistica de que desaparecem todos os interesses, ponhamos, despreziveis e a obra de arte surge pura vigorosa, sem nenhum acanalhamento, encerrando virtualmente em si as precariedades, as riquezas, a alma complexa do tempo que as ditou. Porquê jamais teve grande artista que não correspondesse á sua época, isso é certo. Homero foi da sua e Bach luterano convencido. Nós compreendemos Homero, Bach e Chopin porquê o homem é tambem uma soma de atavismos e hereditariedades. Ou antes resume em si a evolução total da humanidade. Esses grandes despertam em nós saudades facilmente compreensiveis porquê passadas e mentirosas. Homero, Bach, Chopin são passado, não têm nenhuma verdade actual. Sob o ponto de vista do após-guerra não existem, são mentiras, divinas mentiras, muito mais faceis de aceitar porquê a mentira é sabida, eu já disse, lida com a imaginação e o sentimento ao passo que a verdade é inesperada, tão nova que choca e parece dificil de entender. Não é dificil de entender. Nós é que temos preguiça de nos afeiçoarmos a ela. Mas os artistas, não. E é por isso que Chopin idealizou as valsas do seu tempo e musicos e poetas de hoje, as dansas do nosso. Eu tenho medo da minha pronúncia do inglês pois não sei por que futurismo juvenil estudei essa lingua com uma professora grega, sinão dir-lhes-ia agora um fox-trot da poetiza norte-americana Amy Lowell ou o rag-time de Lindsays. Mas em lingua brasileira já um poeta maluco escreveu um fox-trot estilizado cujas imagens poderão interpretar os sentimentos dos musicos vivos que escrevem dansas actuais artisticas.

FOX-TROT

Grande dansa de hoje!...
Cauboização da sociedade humana!
O passo balançado, balançado,
De quando em quando uma figura...

"Smiles"...
Carlito anda fox-trot.
Todos os homens Carlitos insinceros
Na viravolta objectivando a abulia.

O par parou. Parou e recomeça.
Smiles...
Com sorrisos a America do Norte
Vai vencendo a atonia universal.
Dollar!
Fôrças convincentes do oiro em caixa!

E cada brasileira americanizada
Valorizada
E' uma Alma Rubens,
sem alma
sem rubor...
Smiles...

O fim do mundo num sorriso.

Como ouviram o autor pretendeu se aproveitar de rithmos e sonoridade orais mais ou menos assimilaveis aos musicaes do fox-época. Mas porém não servem para dansar. Da mesma forma o fox-trot que Sousa Lima tocou é infoxtrotavel. Ninguem dansará isso, assim como ninguem dansará o maxixe de Milhaud que ouviremos a pouco.

E' um trechinho delicioso êsse maxixe! Apenas se dá com êle um fenomeno de que o músico não tem propriamente a culpa. Dario Milhaud faz parte do famoso Grupo dos Seis lançado barulhentamente na França logo depois da guerra. E' inteligente, bom músico mas francês inelutavelmente. De maneira que saiu uma peça compósita onde dois elementos se ajuntam sem se amalgamar. E' brasileira no ritmo e na melodia e é francesa como harmonização, como caracter geral, como *pathos*, digamos helenicamente. Milhaud

não pode sentir brasileiro. Sente á francesa como todos os brasileiros bem educados, os pobres! de maneira que o maxixe tem um sabor muito chez Maxim's. E' o que sempre se dá com os estrangeiros que pilham o nosso folclore. Ainda ha pouco Paulo Prado ouvindo uma Congada escrita pra orquestra por um compositor vindo da Italia, exclamou tiririca: Mas isto é uma congada de Piedigrotta! Não era tanto assim e a peça excelente mas sob um ponto de vista geral Paulo Prado fez goal. Qualquer pessoa de nacionalidade estrangeira ou apenas de indole racial modificada por tendencias e instrução europea não pode possuir aquilo que é intimo e inconsciente: o sentimento nacional brasileiro tão raro na parte chamada civilizada do Brasil: Avenida Rio Branco, Automovel Clube, Chá Paulista, etc. Essa contribuição de sentimento brasileiro é o que distingue a Lenda do Caboclo de Villa Lobos da obra de Milhaud. Nesta o colorido dominante, embora reforçado é ainda o vert empire, o bleu pervenche, o ouro velho de França. Na peça do Villa o que predomina é a crueldade melancolica do nosso verde, a desolação dos nossos gerais, a sombra temivel das florestas. E é por isso que a Lenda do Caboclo é bem lenda do caboclo brasileiro ao passo que a dansa de Milhaud usa camisas de Charvet e toma chás de verão parisiense no Café de la Prix.

Tambem os poetas do Brasil actual se sentiram atraidos pelas dansas brasileiras ou abrasileiradas. Vou recitar-lhes duas poesias ineditas de Guilherme de Almeida:

(Os poemas de Guilherme de Almeida recitados pelo conferencista vão noutra parte deste numero da Revista do Brasil).

Sousa Lima tambem toca maxixes e não sei por que mal entendido egoismo não pôs o Pierrot de Marcelo Tupinambá de parelha com a valsa de Chopin. Asseguro-lhes que são duas joias que se dão perfeitamente bem juntinhas.

Meus senhores e minhas senhoras: a musica é uma admiravel sugestionadora, e por isso mesmo que não é inteligivel, é sem significado intelectual, tem o dom de criar êsses estados de alma vagos, êsses estados sensitivos em que a inteligencia não colabora. Sacha Guitry considerava Risler o maior pianista do mundo porquê, dizia, emquanto Risler tocava a gente podia pensar sem incomodo noutras coisas. Desconfio muito que Risler não gostou do elogio mas no fundo a verdade que Sacha Guitry descobriu é reveladora. O que se deduz dela é a desnecessidade da contribuição intelectual pra se gosar a música. Ela tem os seus efeitos na sensibilidade e não na intelectualidade. Quando nós lemos uma pagina dêsse homem tão grande antes da guerra e que depois da guerra, necessidades e ideais de vida e arte modificados, se viu o mais chocho de todos os escritores, quando se lê uma pagina da, do, de... como é mesmo o nome daquele livro dêle?... ah! da

Rôtisserie des... Anjes, não, La Revolte des Pingouins, não me lembro mais! quando se lê uma página do sublime Anatolio France é só a inteligencia que se aplica nas suas vaidades inferiores: pessimismo diletante, malvadez sem caracter prático, filosofia chamada de doce filosofia e pretensões de estilo escolhido e imitado de tal epoca passada. Requiescat in pace! Quando se contempla a Gioconda é a sensação, a sensibilidade que age. Mas a inteligencia logo se intromete e a gente começa a interpretar o tal sorriso que não tem nada de enigmatico e era mania do pintor. Mas porém quando ouvimos música a inteligencia se fecha. Ao menos assim deve ser. A música só movimenta as partes sensitivas do organismo. O que é preciso é saber sentir. A inteligencia não tem nada que fazer ali a não ser registrar os estados beatos criados pelas ondas sonoras. Mas nem isso é necessario a Sacha Guitry e com êste coincide um dos mestres de música francesa modernista, Erick Satie criando o que chamou musique d'ameublement, música de mobiliamento que decora uma conversa ou um chá como uma porcelana decora um aparador, só isso.

A música é sensação absolutamente pura sem significado algum. Assim foi nas grandes épocas músicaes dos seculos XVI, XVII, XVIII. Actualmente o modernismo a repôs nesta sua exacta verdade. Quando os senhores ouvirem a Lenda do Caboclo não procurem descobrir um sentido nela porquê não poderão descobrir o que lá não existe e acharão a música feia. Esta é a principal razão porquê o modernismo, futurismo chamado nesta terra, não é compreendido e repugna a muita gente. Nós vimos dum periodo inteiramente intelectual onde tudo se compreendia pela inteligencia. Tanto mesmo que certos poetas como Mallarmé faziam poemas que eram verdadeiras charadas cujo sentido era preciso descobrir primeiro pra depois entender os versos. Assim acostumados a entender tudo pela inteligencia, viciados a intelectualizar tudo nós descurâmos inteiramente a sensação. Que sucedeu? Diante dum quadro cubista exclamamos: Puxa! Que é isso! E como a inteligencia não descobre o que são aqueles cubos e circunferencias coloridas nós não compreendemos nada e o quadro fica feio. Ora, meus senhores, o êrro não está no cubismo. O êrro está em nós que procuramos um cheiro de Ambar D do perfumista sirio Bichara nos ombros duma brasileirinha de chita que só usa alfazema. E como alfazema não tem cheiro de Ambar D concluimos que aqueles ombros não prestam. Prestam, méus senhores! A culpa é nossa que buscamos no quadro moderno a representação da natureza que lá não está. Diante dum quadro de Lasar Segall, duma escultura de Brecheret, duma composição de Villa Lobos o que é preciso é sentir e não entender. E então verificaremos que sentimento profanamente ideal de felicidade, de desprendimento terres-

tre provoca uma tela cubista de Tarsila do Amaral, ou sentimento ideal de comunhão humana ou de alma nativa e rica brasileira provocam as admiraveis telas recentes de Segall, como o Homem e a Mulher, como Bananeiras, ou esta Lenda do Caboclo de Villa Lobos. Eu sei que não é muito facil êste trabalho de mudança no modo de compreender a obra de arte mas não é trabalho impossivel e os senhores todos sabem que estão aqui presentes varias senhoras, varios homens que já alcançaram essa preciosa sabedoria. O que desperta em nós o Sur la route de Vuillemin não são quatro ou seis determinados camponeses, mas todos os camponeses de França quando voltam da seara, tenham colhido uvas ou trigo. No Preludio de Prokofieff então, como na dansa de Milhaud temos música pura, idealização sonora simplesmente como um quadro cubista é simplesmente uma idealização pictural. Pronto. E' isso. E' só isso! Como veem o misterio não é tão misterioso assim. Apenas é preciso não ouvir essas músicas com ouvidos de 1830 ou 1872 mas com ouvidos de 1924, homessa! ouvidos nossos, acostumados aos roncos desembestados das Hudsons, ao silencio diplomatico das Marmons, ao tchique-tchique serelepe das Fords, e ao barulho de vinte mil contos pronunciados em inglês comido, por uns bifes instalados no Cambuí. São êstes ouvidos de 1924 que têm de ouvir a música de Malipiero ou de Bartok. Que diabo! nós havemos de viver nesta data a usar ouvidos de não sei que semana atrasada!

Mas é possivel que algum dos senhores tenha a vontade de me contradizer assim: Você diz que a música moderna não se auxilia da inteligencia sinão para registrar as sensações e no entanto Debussy escreveu músicas descritivas, está aí! Resposta facil. Primeiro: Debussy não é moderno, senhores! Só é considerado futurista nesta terra abençoada dos auriverdes onde telegrama europeo chega via Buenos Ayres com dois dias de atraso. Na Europa Debussy já é passado. Está no catalogo tanto como Palestrina, Mozart e Schumann. E' um mestre cuja obra pros que só entendem por meio de rotulos se chama impressionista. Na Europa ninguem mais discute Debussy e êle é aplaudido quotidianamente. Segundo: Debussy nunca pretendeu descrever coisa nenhuma. A música descritiva que gesticula, fala, corre, acena o véu de Isolda, puxa a corrente da áncora na caravela de Tristão é um êrro pueril que de vez em quando volta porquê os êrros e as verdades se succedem na historia dos homens com uma regularidade Patek Philipp. Paciencia. Debussy não descreve. Se sugestiona com factos, fenomenos, lendas e a música que cria, inspirada nessas sugestões, apenas procura sugerir, sem nunca descrever. Não ha dúvida que nessa sugestão entra trabalho intelectual, memoria, mas não entra entendimento intelectual, isso não entra! L'Isle

Joyeuse, por exemplo... E' a Citera dos amantes felizes. E' preciso que a inteligencia saiba que houve uma ilha prá qual embarcavam os pares acasalados. Lá a gente passava então uma temporada de beijos, de abraços, de etcs. numa farra dionisiaca e prodigiosa. Dansavamos, banqueteavamo-nos, brincavamos de cabra-cega, jogavamos o any-cook-can-play, beijavamos, abraçavamos, etc.!... Gostosura de passeio, não imaginam! Só isso é que a inteligencia precisa saber e não, indiscretamente circunstanciada, que o Snr. Tal e Madama foram de São Paulo pra Santos numa Lincoln de 8 cilindros, dia 16 de Maio, lá embarcaram pra Citera, onde passaram 15 dias, que o lúlú de Madame morreu em viagem com medo do mar, que madame chorou muito e que na volta da, ponhamos, vilegiatura madame foi aceita em casa mas o snr. Tal teve de se entender com o dr. F. sobre as condições do divorcio intentado pela mulher. Nada disso! Alegrias, pandegas, amores rapidos, dansas, vinhos: eis L'Isle Joyeuse, de Debussy.

Feuilles Mortes é aquela deliciosa tristura de amarelo queimado atapetando o chão dos outonos. Isso pode se passar na Europa como nesta arranhacelizante e arlequinal Paulicea. Porquê aqui tambem os platanos se desfolham estrelando de ouro as tardes pedestres da praça da Republica. No tempo em que Guilherme de Almeida escrevia os seus poemas penumbristas e amorosos, cheios de crepusculos mauves e outonos cheios de spleen suave, o caricaturista Ferrignac dizia que pra Guilherme cantar as folhas mortas a Prefeitura paulistana encomendava na Europa outonos artificiaes. Pois basta a inteligencia lembrar o colorido dêstes nossos outonos... platonicos pra gosar os ritmos e as harmonias amarelas destas adoraveis Feuilles Mortes. Harmonias e não melodias, porquê estas a bem dizer não existem em Debussy. Na evolução historica música! êle está situado justamente no ponto em que conduzida pelo cromatismo de Wagner e as antecipações harmonicas de Cesar Franck, a música dissolver as suas formas nitidas na poeira sonorosa dos acordes. Morrera o periodo da melodia acompanhada. Estavamos no regime harmonico que levaria á dissolução da tonalidade e ao pluritonalismo e polifonismo primitivos dos tempos de agora. Em Debussy pois é preciso ouvir as harmonias. Ele é o mais raro, o mais saboroso criador de ambientes harmonicos que jamais houve! Escutem primeiro a Cathédrale Engloutie. Reparem que força sujestiva nestes acordes que sobem como ecos de sinos. E o marulho crescente das aguas... A catedral vai se erguendo do fundo do lago... Quando chega á tona, arrebenta solene dentro dela o coral dos monges celebrando a missa do Natal... E a igreja começa a afundar outra vez... As aguas vão se acalmando de novo... Lá longe o coral dos padres se repete no fundo das aguas... Os sinos ecoam ter-

minando o milagre... O encanto acabou. Tudo por meio de harmonias misteriosas, sugestionadoras. E nem é preciso que a gente se lembre do lago de Suissa ou de Bretanha em que o milagre se dá. A lenda corre por toda a parte e fui encontra-la na boca dum barqueiro na Lagoa Santa de Minas Gerais. Passeavamos no lago. A sra. dona Olivia Penteado, Tarsilia do Amaral, Osvaldo de Andrade que não é meu parente, se tinham distanciado de nós. Iamos juntos Gofredo da Silva Telles, Blaise Cendrars, o dr. Daniel de Carvalho, secretario da Agricultura de Minas. Gofredo, distraído como sempre, olhava dentro de si não sei que maravilhosa saudade vive a contemplar toda a vida. Cendrars se aplicava em descobrir sem dicionario a conversa do secretario mineiro. Eu deslisava o olhar pelos nenúfares de folhas cor de vinho. Então o barqueiro me contou:

— Seu Mario, não deixe a mão assim na agua. Tem muita piranha ai dentro.

— Tem, é...

— Tem sim senhor. Vivem escondidas na cidade que está no fundo da lagoa.

— Cidade lá dentro!

— Pois não vê que no tempo da mineração tudo isto era terra firme. Como tinha muito ouro a vila foi crescendo, foi crescendo e ficou uma cidade muito bonita. A gente dela luxava que era uma sem-razão! Tambem com tanto ouro!... Então Nosso Senhor Jesus Cristo mandou uma chuva, grande mesmo! Afogou tudo e fez esta lagoa. Na noite de Natal a igreja catedral toca os sinos lá em baixo. A gente vê ela subindo, aparece que não aparece, até bolir com o cruzeiro da tôrre nas folhinhas do agua-pé. Sempre tocando os sinos prá reza da meia-noite. Tão bonita! Seu Mario, tire a mão da agua, já disse! Olhe as piranhas!

Com excepção destas esfomeadas os senhores vão agora evocar musicalmente a Catedral que Nosso Senhor Jesus Cristo afogou.

MARIO DE ANDRADE

AS DANÇAS

I — MAXIXE

O chocalho dos sapos coaxa
como um caracaxá rachado. Tudo mexe.
Um vento frouxo enlaça uma nuvem baixa,
fôfa. E desce com ella, desce...
E não a deixa: e puxa-a como um faixa,
e espicha-a, e enrolam-se... E o feixe rola
e rebola como uma bola
na lux rôxa
da tarde ôca, boba, chôcha...

II — CATÊRÊTE

Batuque, batepé, saracoteio...

Pulam pingos brutos pelas telhas pardas;
batem as gottas tontas do aguaceiro
nas folhas lapidadas como esmeraldas...
Pingam, saltam, bólem, bailam bolas brancas
de agua na vidraça, como contas de missanga...

Mas, de repente, a mão pallida
do sol, carregada de annéis violentos,
abre dois dedos como um compasso. E, na tarde árida,
risca o arco-da-velha com sete traços lentos.

E a terra toda tem um luxo
slavo — e a chuva é todo um bailado russo...

III — SAMBA

Poente — fogueira de São João.
E, sob a cinza nocturna, o sol é um tição
quasi apagado, quasi...

Mas a noite negra
espia de longe, por uma nesga
de nuvens e galhos... E vem depressa, e chega
correndo... Chega... E ergue a lua redonda
e branca como um pandeiro...

E o samba estronda,
rebenta, retumba, rebomba...
E, bamboleando em ronda,
dançam bandos tontos e bambos
de pyrilampos...

GUILHERME DE ALMEIDA

O PRIMEIRO REINADO

(*Uma conferencia*)

A 12 de Outubro de 1822 o Brasil se constituia em nação autonoma, independente e soberana, sob o nome de Imperio.

Nessa data altamente festiva, como dizem os periodicos do tempo, o Rio de Janeiro, pela voz de José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara, acclamou, em nome de todo o Brasil, Imperador Constitucional do mesmo o antigo Regente do Reino, o Principe D. Pedro de Alcantara, filho primogenito de El-Rey D. João VI de Portugal.

A acclamação se fez com a maior solemnidade. No campo de Sant'Anna, onde então as lavadeiras continuadamente a cantarolar batiam as roupas, foi preparado um pavilhão, ao qual D. Pedro, a Archi-Duqueza e a Princeza D. Maria da Gloria chegaram, sob freneticos applausos e receberam as homenagens da tropa e do povo, em numero consideravel, agrupado naquelle mesmo terreno.

D. Pedro acceitou o titulo de Soberano Constitucional, ao qual juntou o que já lhe havia sido conferido em 13 de maio desse mesmo anno — o de Defensor Perpetuo do Brasil, e dahi em deante, quer elle, quer seu successor, sempre subscreveram os documentos publicos com as palavras: "Pedro (I ou II), por graça de Deus e unanime acclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil".

A' maçonaria coube a lembrança do dia da acclamação e do titulo de Imperador, que chocou, entre outras, a Côrte de França.

Foi o Brigadeiro Domingos Alves Branco Muniz Barreto quem, em sessão do Grande Oriente, realizada quando o Principe ainda se achava em São Paulo e se ignorava no Rio o grito do Ypiranga, propoz e foi acceito que se désse essa designação ao futuro chefe do Brasil independente.

Iniciava-se, pois, o Primeiro Reinado sob pesadissimas nuvens.

A Independencia era um facto nas provincias do Sul, havendo ellas acompanhado o Rio de Janeiro na proclamação do Imperio e da Dymnastia.

Restavam, porém, a Provincia Cisplatina, a Bahia e as do Extremo Norte — o Piauhy, o Maranhão e o Pará, incluida a capitania do Rio Negro, da qual posteriormente se formou a Provincia do Amazonas — que só mais tarde, depois dos meiados do anno de 1823, acceitaram o Imperio e o Imperador.

Entretanto, na propria Capital da Monarchia, no Rio de Janeiro, as dissenções partidarias já em Outubro eram de molde a que se previssem graves complicações para o Reinado que começava.

As palavras com as quaes D. Pedro acceitaria a sua acclamação como Imperador seriam, antes mesmo do dia em que ella se fez, a causa da ruptura das apparentes relações de cordialidade entre o grupo dos Exaltados e o grupo dos Moderados.

Ledo e os seus haviam pretendido que D. Pedro, ao acceitar o titulo de Imperador, declarasse expressamente que cumpriria a Constituição do Imperio tal qual a elaborasse a Constituinte, já convocada.

José Bonifacio, ao contrario, achou a clausula excessiva, indigna da Magestade Imperial, oppondo-se tenazmente a ella e conseguindo a sua exclusão da formula pronunciada por D. Pedro.

Este, todavia, continuava muito chegado aos maçons pelos quaes havia sido eleito, a 14 de Setembro, Grão Mestre do Grande Oriente, e ao ministro não agradava o favor com que eram vistos os seus adversarios e muito menos lhe era possivel acceitar a interferencia que já vinham exercendo nos negocios publicos e que desejavam continuar a exercer.

Após o 12 de Outubro, seduzido certamente pelo encanto do mysterio de que os pedreiros livres cercavam os seus actos, e, ainda mais, pelas homenagens com que de continuo lhe lisongeavam o amor proprio e a vaidade, e exacerbados numa alma impulsiva e propensa ao feitio de Heroe, o Imperador lhes dispensou favores extraordinarios, inclusive o de entregar a Ledo, José Clemente e Nobrega tres papeis em branco, com a sua assignatura, papeis que até hoje não se sabe para que lhe foram solicitados. Conhecedores disso, José Bonifacio e o irmão exigiram e obtiveram de D. Pedro não só que elle fizesse os tres supra indicados lhe restituirem os perigosos documentos, como ainda o fechamento do Grande Oriente a 25 de Outubro. Ainda assim, julgaram conve-

niente demittir-se do Ministerio e retirar-se para uma casa então de campo no caminho velho de Botafogo, hoje rua Senador Vergueiro.

O Imperador chegou a organizar novo gabinete, mas José Joaquim da Rocha, José Marianno de Azeredo Coutinho e outros partidarios dos Andradas alvoroçaram por tal forma a população do Rio de Janeiro, pela sahida de José Bonifacio e de Martim Francisco, que o Imperador, movido por essa reacção e pela incontestavel influencia que sobre o seu espirito exerciam o prestigio, a sciencia e a honorabilidade do grande santista, chamou-o de novo, com o irmão, e os reintegrou nas respectivas pastas. O povo em massa foi buscar ao seu retiro o velho sabio e o Imperador quiz pessoalmente associar-se á tocante homenagem, vindo ao encontro do seu ministro, com quem defrontou no Largo da Gloria, apeiando-se para abraçal-o, numa commovente manifestação de sympathia e respeito, entrecortada de affagos e de lagrimas.

Após a estrondosa victoria, não soube o grande filho de São Paulo aproveitar-se della para juntar ás excelsas qualidades que o ornavam ás de clemencia e magnanimidade. Longe de perdoar aos seus antagonistas, exerceu sobre elles as mais terriveis perseguições e dos mesmos procurou tirar a maior vindicta. Instaurou-se uma terrivel devassa e, accusados de republicanismo, soffreram os proceres do Partido Exaltado as penas de prisão para uns e de deportação para outros. Para a França tiveram de partir José Clemente, Nobrega e Januario. Ledo, avisado a tempo, refugiou-se em S. Gonçalo de Nictheroy, em casa de um amigo. Belarmino, o futuro Barão de S. Gonçalo, de cuja morada mais tarde, e disfarçado em "negra de ganho", com o balaio á cabeça, poude seguir, graças á protecção do consul sueco Westin, para um navio dessa nacionalidade que o conduziu a Buenos Ayres, onde se manteve até a queda dos seus prepotentes rivaes.

Não se limitaram as perseguições ao Rio de Janeiro e se propagaram a São Paulo, onde era mister fazer recahir sobre os que tanto haviam menosprezado e humilhado Martim Francisco, os castigos e as violencias de que os maiores alvos foram os antigos mentores de Francisco Ignacio, especialmente Oienhausen e Costa Carvalho. No entanto, desimpedido dos entraves que por ventura lhe causariam os teimosos adversarios, o grande ministro, governando sem contraste, poude applicar toda a sua energia á obra ingente da unidade nacional, isto é, a da acceitação da independencia pelas provincias que ainda se mantinham fieis ao governo portuguez. Nem é preciso agora repetir o que se disse na conferencia anterior sobre a grandeza da acção proficua e inegualavel dos Andradas nesse particular.

Posto que o remate da obra, isto é, a adhesão da Cisplatina e do Pará-Maranhão á causa imperial tivesse tido lugar após a sahida de José Bonifacio do Ministerio e quando elle se achava em franca opposição ao governo de Sua Magestade, é innegavel que a concepção della e a execução em grande parte lhe pertenciam, não sendo para desprezar a circumstancia de que o enorme esforço, exigindo avultadas despezas, se fizera sem que em um ceitil sequer o Thezouro da Nação fosse onerado além das verbas estrictamente consignadas para a despeza publica.

Entrementes, se approximava o dia em que a Assembléa Constituinte, convocada a 3 de Junho de 1822, deveria iniciar os seus trabalhos. O caso era dos mais ponderaveis, maximé para quem como José Bonifacio entendia haver perigos para a estabilidade do novo regimen na reunião de uma assembléa deliberativa e sobretudo encarregada de fazer uma Constituição. Para o seu espirito de estadista, o momento não era propicio, quer pelas condições do paiz, quer pela ignorancia dos homens, ainda os mais competentes, do regimen parlamentar, do qual nenhuma experiencia havia anteriormente, a não ser para meia duzia que estivera no Congresso de Lisboa e fora eleita para o brasileiro. Com grande clarividencia previu elle os naturaes excessos e transvios dos constituintes, os quaes, na melhor das hypotheses, crearíam obices á energia com que o Gabinete punha em acção o designio de fortalecer o paiz ainda dividido e em parte rebelde, sob a forma monarchica. Por isso, dilatou quanto poude o prazo da reunião da nova assembléa, marcada afinal para 3 de Maio, data em que a tradição collocava o descobrimento do Brasil e de onde proveiu o erro republicano de considerar feriado esse mesmo dia com a declaração official de nelle se haver produzido o inesquecivel evento. Mas, coherente com o seu justo ponto de vista, tratou desde esse momento de resguardar, do melhor modo, a soberania imperial das possiveis diminuições, que não ignorava, e desejavam — fazer numerosos deputados eivados de principios liberaes, alguns mesmo quasi republicanos. Era necessario a todo o custo conceder ao Imperador a maior somma possivel, não só de prerogativas como de poder, no evidente intuito de lhe estabelecer a supremacia entre os demais encarregados da gestão dos negocios publicos. A Fala do Throno encerrava uma verdadeira catilinaria contra as tendencias e os principios republicanos e nella se deixava claro que na Constituição a ser feita os direitos do Imperador deveriam ter a maior expansão. Dahi, a phrase nella contida e que se referia á acceitação da futura Constituição — "caso fosse digna do Brasil e do Imperador".

Logo que os debates se iniciaram sobre a resposta á Fala do Throno, o padre Andrade Lima, representante de Pernambuco,

protestou contra a phrase, allegando com razão que não era crivel poderem representantes da vontade popular brasileira elaborar um codigo constitucional indigno do Brasil e do Imperador. Defendeu as ideas de José Bonifacio, que era redactor do documento em discussão, Antonio Carlos, que conseguiu fosse afinal aprovado o voto de graças, nome que tinha a resposta á Fala do Throno, sem que nenhuma referencia constasse quanto á phrase que motivára a interpellação do deputado pernambucano. Parece incrivel que mezes depois elle, Antonio Carlos, como Martim Francisco e José Bonifacio se tornassem os extremados chefes da opposição contra aquelle mesmo monarcha, cujas regalias magestaticas haviam defendido com tanto ardor e para quem desejavam uma amplitude excessiva de mando. Talvez não contassem com a volubilidade do joven soberano, que se sentindo apoiado na Nação e entontecido pelas alturas do poder, lhes faria comprender, antes que a outros, quanto é perigoso concentrar em uma só mão tanta força. Cercado de uma camarilha em que predominavam elementos reinóes e que exerciam sobre elle influencia tanto maior quanto o lisongeavam através dos defeitos e dos vicios, o Imperador começou a manifestar menos deferencia para com o seu grande ministro, que percebeu nitidamente a mudança de orientação de quem outr'ora se deixava quasi cegamente guiar pelos seus conselhos e pela sua auctoridade.

Accresce que por esse tempo outra força susceptivel de, para certos temperamentos, valer mais que a da intelligencia ou a do puro affecto, se fazia pezar e de maneira incontrastavel sobre a personalidade vibrante e excitavel do moço monarcha. Alguem do sexo ao qual talvez por ironia se attribue a representação da fraqueza, dominava de tal modo os sentidos de D. Pedro, que lhe foi facil obter de Sua Magestade acquiescencia a um pedido que importava não só em desrespeito a idéas preconcebidas de José Bonifacio, como até o devia profundamente magoar no intimo de uma dupla e poderosa affeição. Tratava-se de fazer cessar a todo o transe a perseguição que deliberadamente os Andradas moviam aos seus adversarios paulistas e em particular a Oienhausen e a Costa Carvalho, conseguindo-se delles o archivamento da devassa antes da pronuncia. Um dia em que José Bonifacio veiu conferenciar com o Imperador, ainda convalescente do desastre que soffrera por uma queda de cavallo, como se disse officialmente, ou por um desacato pessoal oriundo de estouvamentos habituaes, como se murmurou na época, encontrou-o folheando os autos do processo a que se alludiu. D. Pedro lhe fez ver a necessidade de pôr um ponto final na questão e como o Patriarcha retrucasse, houve entre os dois uma desintelligencia, que

terminou pelo pedido immediato de demissão do Ministro que Martim Francisco no dia seguinte acompanhou.

Pouco depois iniciavam os Andradas na Camara a mais tenaz e formidavel opposição ao governo e ao Imperador, do qual antes haviam sido partidarios *à outrance*. Em que pareça extranho o facto, a explicação, entretanto, é facil. Na sua triade gloriosa, os Andradas eram de uma capacidade extraordinaria, de uma honestidade inatacavel, de uma superioridae moral em grau pouco attingivel antes e depois, mas eram tambem homens e como taes sujeitos ás fraquezas que a paixão engendra e o orgulho alimenta, sobretudo quando este ultimo encontra base solida para assumir uma relevancia fóra do commum.

Esquecidos do que prégavam semanas antes, procuravam agora todos os pretextos para diminuir o Imperador, amesquinhando-lhe as intenções e aculando contra elle a má vontade daquelles mesmos que ha bem pouco consideravam como os peores inimigos da tranquillidade publica e da grandeza da Nação.

Não foi sem razão que Armitage, melhor sinão o unico e verdadeiro historiador do Primeiro Reinado, os qualificou de "arbitrarios no poder e facciosos na "opposição".

Toda a vida politica posterior dos Andradas ahi está para irrefragavelmente confirmar o conceito do historiador inglez. Esses politicos profundamente adeptos das regalias da Corôa, são os mesmos que, despojados do Governo, vão se apegar ás minimas circumstancias para, sinão anarchisar, ao menos turvar a acção governamental.

Exilados longos annos e de volta ao paiz, quando deste por seu turno sahiu Pedro I, após o 7 de Abril, foram elles que se puzeram á testa do partido conhecido, sob a Regencia, pelo nome de "Caramurú", e pela voz de Antonio Carlos não trepidaram em ir a Lisboa solicitar do então Duque de Bragança que voltasse a occupar o throno brasileiro.

Singular coherencia de principios essa que fazia dos exaltados redactores e orientadores d'"O Tamoyo" e da "Sentinella da Praia Grande", em fins de 1823, os mesmos que dez annos depois sustentavam as idéas absolutistas.

Não merecem, todavia, os Andradas uma diminuição qualquer por esses erros, filhos das paixões caracteristicas dos homens. Nem o procedimento ulterior obumbra em nada a gloria immarcescivel que os cerca como fundadores da nossa nacionalidade, e especialmente ao maior dos tres, José Bonifacio, Patriarcha da Independencia e da Patria.

Apenas deixados os postos ministeriaes, começaram, como deputados e jornalistas, a crear em torno do Monarcha uma atmosphera de prevenções, de desfavor e de suspeitas, que nunca

mais se poude desanuviar, causa talvez principal das profundas e irremediaveis desintelligencias surgidas após entre o Imperador e a Nação, que se iniciam com a situação politica creada nesse anno em Portugal.

Perdido o Brasil, "o nosso rico Brasil", como se dizia em Lisboa e no Porto, a causa desse desastre foi logo attribuida ás Côrtes.

Uma revolução se preparou, da qual a alma foi sem duvida aquella sinistra Carlota Joaquina e a *Villa Francada* trouxe com a queda do Constitucionalismo, a volta do regimen absoluto ao velho reino luzitano. Então, em toda aquella gente — monarcha, conselheiros, homens do commercio e do povo — se implantou a idéa de que, havendo sido as Côrtes a causa da separação do Brasil e não mais existindo ellas, logicamente e facilmente o Brasil se reuniria a Portugal.

Posto que semelhante pensamento toque ás raias do absurdo, sinão da loucura, o facto é que elle se propagou e fixou unanimemente na antiga metropole.

Enviaram-se ao Brasil duas missões, ficando todos certos de que, á chegada dellas, o Imperador — para elles o Principe herdeiro — se apressaria em retornar o Brasil ao systema antigo de Reino-Unido.

Não aconteceu, porém, assim ao marechal Pinto da França e ao Conde do Rio Maior, emissario de D. João VI. Repellidos ambos, ficou e se incorporou á nossa esquadra a corveta "Voadora", em que o ultimo dos embaixadores aportára ao Rio de Janeiro.

Carneiro de Campos, ministro de extrangeiros, demonstrou, na Constituinte, por meio de documentos insophismaveis, a lealdade do Imperador, que se recusou mesmo a abrir as cartas que o Pae lhe mandára em caracter particular.

Esse procedimento — nem é preciso dizel-o — se impunha pelo mais elementar bom senso, quando o não fosse pelo menos avisado senso politico. Só fanaticos ou estultos ousariam pensar que D. Pedro tinha poder capaz de fazer regressar uma nação ao regimen colonial e suppor que homens da estatura moral e intellectual de Queluz, Caravellas, Inhambupe, Valença e tantos outros, de indiscutivel patriotismo, admittiriam por instante siquer taes projectos, ou nelles consentiriam.

O que D. Pedro imaginou e certamente desejou foi não perder as vantagens inherentes á sua categoria de Imperador do Brasil e do futuro rei de Portugal, como primogenito que o era de D. João VI. E humanamente cogitou desde então de preparar o terreno para a eventualidade que não tardaria em apparecer, como de facto appareceu em 1826. Continuaria a ser Imperador do

CLEÓMENES CAMPOS,
autor de "*Coração encantado*".
Premio de poesia de 1924 da
Academia Brasileira de Letras.

Brasil e a Corôa de Portugal tocaria a um filho ou a uma filha, de forma a que a sua dymnastia, ou melhor ainda, o seu proprio sangue reinaria nos dois paizes.

Seria profundamente injusto para a intelligencia reconhecida do primeiro Imperador imaginar que lhe perpassasse pelo cerebro o desejo irrealizavel, sob todos os aspectos, de uma submissão do novo Imperio ao antigo Reino.

Vistos os acontecimentos a cem annos de distancia, sem a paixão politica que os deturpa na hora mesma em que se produzem, é facil allegar entre outras uma irrecusavel prova desse modo de ver. Na mesma época em que o accusavam de machinações e tentativas para reunir a nova Nação á ex-Metropole, D. Pedro envidava na Europa, por intermedio de Caldeira Brant e de Gameiro Pessoa, os mais serios esforços para o reconhecimento da independencia do Brasil pelas Côrtes de Além-Mar.

Foi, entretanto, essa a pedra de toque para a terrivel campanha no Parlamento e na imprensa, movida contra o Governo, e em torno della nasceu e se desenvolveu o principal motivo do conflicto que devia ter seu epilogo a 12 de Novembro de 1823.

A Assembléa Constituinte era composta de homens bons, puros nas suas intenções, mas na maioria mediocres sinão na intelligencia, ao menos no preparo parlamentar. Havia, sem duvida, grandes nomes, alguns até experimentados nas lides do Congresso de Lisboa — Antonio Carlos, Vergueiro, Lino Coutinho, para só citar os mais eminentes, mas o grosso era de gente ignorante do systema parlamentar: magistrados, bachareis em direito, alto clero, alguns medicos, bastantes proprietarios ruraes e muitos sacerdotes, vigarios de freguesias das capitaes ou do interior.

Ao envez de se occupar methodicamente do trabalho essencial para que fôra convocada, a Constituinte attendia a todas as petições, propostas e requerimentos que lhe fossem apresentados, e perdia longas horas e longos dias a discutir assumptos que lhe eram attinentes, e quando se pensou em crear uma universidade no Brasil, quasi todos os representantes das provincias, ainda as mais pequenas, reclamaram para as respectivas circumscripções o estabelecimento da instituição, só viavel na Capital ou em uma das maiores cidades.

Não houve meio de se chegar a um accordo definitivo.

Na propria obra constitucional, cujo retardamento fôra preoccupação dos Andradas, quando no poder, se manifestou o espirito da desordem que reinava na Assembléa, sobretudo depois que, passados a uma oposição tenaz e descommedida, os antigos ministros sobre ella firmaram o seu predominio.

Não se tinha ainda ultimado a discussão do Codigo que se preparava para o Paiz, quando surgiu em Novembro o incidente

David Pamplona, causa apparente dos successos que resultaram no golpe de Estado cognominado de "Dissolução da Constituinte".

David Pamplona, ilhéo dos Açores e boticario no Largo da Carioca, havia sido espancado na propria casa por um official portuguez, Januario Lapa, da amizade especial do Imperador, que lhe devia relevantissimos serviços nos acontecimentos immediatamente posteriores ao Fico.

Motivára a aggressão uma correspondencia inserta na "Sentinella da Praia Grande", folha que se dizia inspirada pelos Andradas, e assignada por "Um Brasileiro resoluto", pseudonymo de que se servira o boticario, e na qual se faziam insinuações e affirmativas desairosas á honra daquelle militar. O caso era pura e simplesmente da alçada da policia, mas foi levado á Constituinte, onde logo teve o amparo de Martim Francisco e de Antonio Carlos. Disso adveiu uma tremenda irritação na tropa da Côrte, de que se aproveitou o Imperador para desfechar contra a Assembléa um golpe audaz e definitivo.

A 12 de Novembro de 1823, o Brigadeiro Moraes entregava ao presidente da Constituinte o decreto pelo qual o Imperador dissolvia a Assembléa. Esta, reunida desde a vespera, em sessão permanente, havia passado a sua "noite d'agonia", como foi denominada a de 11 para 12 desse mesmo mez.

Os deputados se retiraram e á sahida foram presos alguns, entre os quaes Martim Francisco, Antonio Carlos, José Joaquim da Rocha e Montezuma. José Bonifacio, preso em sua residencia para onde se retirára pela madrugada, forçado por doença, foi dirigido para o ponto a que haviam recolhido seus irmãos e amigos. Uma velha embarcação, a "Luconia", conduziu-os, dias depois, ao exilio, e cumpre reconhecer a acrimonia, o azedume e quiçá mesmo a maldade que se empregaram então para com esses illustres brasileiros, cheios de serviços á Patria. Após incidentes nos quaes os Andradas viram a intenção do Governo do Brasil de os fazer aprisionar por navios portuguezes, chegaram todos a Vigo, onde a sua firme attitude e a intervenção de representantes extrangeiros conseguiram transbordal-os para outro navio, que os levou á França, e em Talance, perto de Bordeaux, o velho Patriarcha curtiu amarissimas horas em continuados annos de deportação.

Dissolvida a Constituinte, o Imperador annunciou logo que um novo Congresso seria convocado para discutir e approvar uma Constituição muito mais liberal do que aquella que a Constituinte preparára. Seu intuito era evidentemente o de afastar a pécha de se querer tornar absolutista, isto é, de governar sem o assentimento da Nação e a collaboração dos representantes do paiz. Não o conseguiu, entretanto, inteiramente, pois que mesmo agora a maioria dos historiadores encara o golpe de Estado de 12 de No-

vembro não só como uma prova irrecusavel das tendencias para esse regimen, como ainda attribue á dissolução um papel predominante no desfavor, na desconfiança e na hostilidade em que o Brasil envolveu o primeiro Imperador.

Parece, todavia, que ha algum exaggero nesse criterio, porquanto uma grande parte do paiz acceitou o caso consummado e sem justificar a violencia nem a arbitrariedade da medida, comprehendeu-a e de certo modo a admittiu.

Não foi por deante, da maneira por que se annunciára, a resolução imperial consecutiva ao golpe de Estado.

Elaborada a Constituição por um Conselho de Estado, adrede nomeado, e do qual fizeram parte nomes da maior culminancia, foi ella afinal sujeita á approvação das camaras municipaes, que em grande maioria a acceitaram, sendo jurada pelo Imperador a 25 de Março de 1824, perante o Senado da Camara do Rio de Janeiro.

Evitavam-se dest'arte novas complicações pela reunião de um Congresso provavelmente eivado dos mesmos principios que haviam dominado no de 1823 e sobretudo se dilatava o prazo em que Sua Magestade, livremente, soberanamente, absolutamente ia governar o Brasil.

Dessa increpação de absolutismo não se pode em verdade eximir D. Pedro, que desejou sem duvida alguma exercel-o entre nós.

A não convocação de uma nova Constituinte, conforme promettera a principio, e o adiamento por dois annos da installação da primeira assembléa legislativa, que afinal só se reuniu em 1826, porque a premencia das circumstancias assim o exigiu imperiosamente, a par de outras medidas reveladoras de uma tendencia a velhos e arraigados ideaes de nobreza e de favoritismo, o attestam de maneira indubitavel.

Mais interessante, porém, é conciliar esse indiscutivel procedimento com a mania constitucional do filho de D. João VI, isto é, explicar como um Principe que se bateu pela liberdade de duas nações e que ás duas outorgou de motu proprio constituições cujo espirito liberal não soffre duvida, quiz exercer, e durante um certo periodo exerceu de facto, o absolutismo em um delles.

Para tanto cumpre estudar a personalidade de Pedro I atravez do mal sagrado que o dominava. Elle era um epileptico e do grande mal, o das crises repetidas e prolongadas, como foi a de 1817, na Praia Grande, por occasião da partida das tropas de Lecor para a Cisplatina e em que ficou horas inteiras desacordado. O medico que em 1829 acompanhou ao Brasil a segunda esposa de Pedro I, considerou-o como um louco, e si a tanto não se

pode chegar, no rigor scientifico da expressão, força é convir na enorme tára com que os sobrecarregava uma ascendencia evidenmente nevropathica e que delle fez um impulsivo, no qual as emoções, as incongruencias, a volubilidade, a ira e todas as desordens de uma vontade instavel encontram a mais razoavel das explicações.

Cavalheiresco por indole, pleno de liberalidade para com os que prezava, capaz de admirações sinceras, desinteressadas, como a que consagrou a José Bonifacio, amigo theorico da liberdade, que exercia sobre o seu animo uma legitima fascinação, tornava-se brutal, prepotente, capaz de vinganças e de acções soezes, uma vez que o impulso o atirasse para esse caminho. De uma feita, não hesitou em galopar por entre atoleiros, sob um furioso temporal, cerca de 10 leguas, para ir, de chicote em punho, obter a retratação daquelle que ousára malsinar a mulher amada e dominadora, no momento, dos seus sentidos e do seu coração.

Nunca foi um tyranno, na accepção commum do termo, e o reconhece Armitage, a quem não se pode increpar de lisongeiro ou de cortezão; nunca se aproveitou do dinheiro da Nação para cumular protegidos ou sustentar a propria camarilha de que infelizmente se cercava. Alberto Rangel demonstrou inconcussamente que mesmo áquella que tão notavel predominio exerceu sobre o primeiro Imperador deu este um ceitil siquer que não proviesse de recursos absoluta e legitimamente seus. Amou sinceramente a liberdade, sem a comprehender nem a praticar, tal qual o visionario que deseja ardentemente uma utopia, mas que, ao vel-a realizada, se desprende da concepção só possivel emquanto não se positiva. Sua descurada educação, o ambiente de que se cercou e até mesmo as difficuldades do tempo em que reinou, completam o quadro e de sobejo nos esclarecem sobre os erros e os transvios commettidos.

A suspeita nascida em meiados de 1823, do *portuguezismo* do Imperador, lhe devia ser penosa, e posto que tudo se opponha a que se considere crivel esse *portuguezismo*, não se pode, no emtanto, acoimal-a de uma falta total de base. As negociações que por inermedio da Inglaterra se fizeram de 1824-1825, para o reconhecimento da independencia por parte de Portugal, rematadas pelo Tratado de 29 de Agosto desse ultimo anno e pela Convenção Secreta da mesma data, justificam até certo ponto o sentir de uma grande parte do paiz, convencido de que o Imperador, ainda que do Brasil, era no intimo portuguez.

Sem duvida, infeliz e injustificavel foi esse accordo, no fundo vergonhoso para nós. Mas, para a sua acceitação não contribuiu da parte de D. Pedro simplesmente a idéa politica, aliás comprehensivel, de angariar a boa vontade de seus futuros subditos, nem

somente o verdadeiro amor filial que dedicava ao seu progenitor. De facto, o primeiro Imperador foi sempre um filho extremoso, como um pae inegualavel. Dedicou a todos os filhos, os legitimos e os naturaes, entranhado affecto, não se esquecendo, em seu testamento, de recommendar á bondade e ao cuidado da segunda Imperatriz alguns daquelles sobre cuja paternidade poderia ter duvidas, mas que preferiu não olvidar na hora derradeira em que se apartava da vida.

A' affeição pelo pae e á necessidade politica de não extremar a questão com a terra de que um dia elle deveria vir a ser rei, juntou-se o não lhe consentirem as circumstancias desagradar a George Canning, cujo designio duplo era o de não molestar inteiramente ao seu velho alliado européo e o de incentivar por todos os meios a formação das novas nacionalidades americanas, excellentes mercados de applicação de dinheiro e de consumo de productos inglezes.

Sem que por essa forma possa ser diminuido o ridiculo ou minorada a vergonha do Tratado que então concluimos com Portugal, o certo é que taes considerações justificam até certo ponto, ou pelo menos attenuam, a conducta de D. Pedro.

O preambulo desse documento, e que foi redigido por Sir Charles Stuart, enviado expressamente da Inglaterra por George Canning a Lisboa, onde D. João VI o escolheu para embaixador junto ao governo brasileiro para o fim especial de liquidar as negociações de paz, começava pela declaração de que "Sua Magestade Fidelissima assumia o titulo de Imperador do Brasil e, nessa qualidade, lhe concedia a independencia e delegava a seu filho com titulo egual o governo do Paiz".

Era como si uma esponja fosse passada sobre o 9 de Janeiro, o 3 de Junho, o 7 de Setembro e o 12 de Outubro, ou por outra, como si não nos houvessemos proclamado nação soberana de direito e de facto.

Foi todavia esse o risivel mas unico modo de obter de Portugal o reconhecimento da nossa autonomia politica.

Pouco tempo usou D. João VI do titulo de Imperador do Brasil, pois que veiu a fallecer em Abril de 1826.

Esse Tratado de 29 de Agosto foi acompanhado de uma Convenção Secreta, assignada no mesmo dia, pela qual nos obrigámos a pagar ao Reino Luzitano £ 2.000.000, das quaes 1.400.000 eram destinadas a cobrir as despesas dos armamentos preparados contra nós, em 1823, e 600.000 como indemnizações de propriedades e bens que D. João VI dizia possuir no Brasil.

Ainda que vergonhoso, o Tratado teve consequencias vantajosas, não só porque foi o ponto de partida do reconhecimento da nossa soberania successivamente pelas differentes nações da

Europa, como pelo facto de assim havermos captado as boas graças da Inglaterra, cujo auxilio sob todos os pontos de vista nos foi muito proveitoso na occasião.

Em meiados de 1824, quando mais complicadas se encontravam as negociações para o reconhecimento da independencia, rebentou em Pernambuco a revolução republicana de que se originou a ephemera "Confederação do Equador", episodio da nossa historia que não parece merecer as louvaminhas de que o cercam os que nelle querem enxergar uma affirmação de vigor nacionalista, sinão de amor pela liberdade e grandeza da Nação.

O pretexto dessa revolta foi o golpe de Estado que dissolveu a Constituinte. Mas, em verdade, não se lhe pode negar, pelo caracter claramente separatista, a renovação do movimento de 1817, isto é, o escopo de crear um forte Estado ao Norte, independente do resto do paiz.

Essa tendencia aliás se havia evidenciado em 1821 e 1822, quando, dirigida a Provincia pelos que haviam sido revolucionarios em 1817, toda a politica girou em torno desse fim, não se pronunciando Gervasio Pires Ferreira claramente nem pelo Rio nem por Lisboa, procurando dest'arte ganhar tempo e terreno para a causa local, ou por outra, para a Republica Pernambucana, em cujo circulo gravitariam, como antes e depois aconteceu, as pequenas Provincias satellites, de Alagoas ao Ceará.

Desta vez, o chefe foi Manuel de Carvalho Paes de Andrade, tambem da facção que fôra vencida em 1817 e cujo prestigio entre a plebe de sua terra era immenso.

Paes de Andrade, nos Estados Unidos, onde se acolhera após o mallogro do primeiro movimento republicano, se embebera de idéas que viera mais tarde prégar em Pernambuco e a summula das quaes consistia nas vantagens do systema presidencial e federativo em vigor naquelle paiz.

E' extranho, porém, que essa grande figura de republicano houvesse tranquillamente de morrer occupando uma curul no Senado Imperial, para onde entrára durante o periodo da Regencia.

Ainda que lentamente e reflectidamente preparada, a Confederação do Equador não só não se extendeu a todas as Provincias com que contava, pois a ella só adheriu verdadeiramente o Ceará, como tambem foi vencida com extrema facilidade.

Agora como antes a reacção se fez efficaz no proprio local, e antes mesmo que as tropas sob o commando do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o futuro Regente, e as forças maritimas ultimassem o triumpho, este já era certo, pela resistencia a principio, e depois victoria, dos elementos colligados ao mando do Morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, em breve Marquez do Recife.

Pena foi que no Ceará a revolução custasse, entre outros immensos sacrificios, o das preciosas vidas de brasileiros cheios de serviços á Patria, como Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras, bem como em Pernambuco as do Frei Joaquim do Amor Divino Caneca e do illustre botanico Natividade Saldanha, além de outros.

Não se pode negar que a repressão foi cruel, mas os excessos parecem ter sido muito mais por conta das commissões militares nomeadas do que propriamente pelos desejos do Imperador. Talvez o *parti-pris* politico dos que então e mais tarde prégaram as idéas republicanas se excedesse no tocante a certas victimas extrangeiras implicadas no movimento, e em particular ao decantado Ratcliff, portuguez, que depois de ter sido em Portugal um dos coripheus das idéas recolonizadoras do Brasil, vencidos os constitucionaes, se refugiou em Pernambuco, onde abraçou a causa revolucionaria, que serviu como official da pretensa marinha de guerra da Confederação do Equador.

A verdade manda que se reconheça haver sido propicia para a nação a derrota dos republicanos do Norte, uma vez que della resultou a manutenção da unidade politica, da cohesão do regimen e da centralização administrativa indispensavel, maximè na época, para o desenvolvimento e a grandeza do paiz.

Peores consequencias teve a campanha da Cisplatina, iniciada em 1825 e cujas causas vinham de longe, desde o tempo em que o imperialismo de D. João VI fizera sorrateiramente invadir a Banda Oriental, a pretexto de garantir as nossas fronteiras do Sul contra as manobras dos Artigas e preparára desse modo a inevitavel annexação de 1821. Muito cara nos havia de ser a desforra que o bom do rei entendera tirar, por esse lado, da perda da Guyanna Franceza, com a qual se rejubilára o seu coração, logo ao chegar ao Brasil, vingando-se dos desastres e das amarguras que na Europa lhe inflingira o *Corso*.

A população campesina da Banda Oriental, desaffecta ao Brasil e aos brasileiros, jámais se conformára com o dominio do Imperio, e só a presença das tropas de Lecor, visconde da Laguna, impediu por algum tempo que a revolta se manifestasse.

Não era, pois, expressão do sentir dos habitantes da Cisplatina, o ridiculo e despudorado açodamento com que o Cabido de Montevidéo manifestára o jubilo da chamada Provincia Cisplatina em se incorporar ao Brasil, e muito menos pode ser imputado aos que em breve se denominarão Uruguayos a nauseabunda sabugice com que a Camara Municipal da futura capital da Republica se dirigia ao Imperador.

Só não o via, ou o não queria ver, essa clara manifestação das almas gauchas, o General Lecor.

Por seu turno, os Argentinos, ou melhor, os buonairenses, no intuito evidente de a attrahir á Confederação que havia formado a maioria das provincias do antigo Vice-Reinado do Prata, faziam todo o possivel para que estalasse na Banda Oriental o movimento contra o Brasil, e nesse sentido forneceram aos revolucionarios lá asylados todos os recursos de que careciam.

Em rigor, Juan Antonio Lavaleja, o heroe do desembarque na Agraciada, o chefe dos 33, é e será uma expressão de Buenos Ayres, a quem sempre servirá, sobretudo ao famoso Juan Manuel Rosas, de quem foi um tremendo e disfarçado instrumento.

Nem se imagine que sem a certeza de encontrar e de prompto a adhesão de fortes e ponderaveis elementos, quer entre o povo, quer entre as tropas nacionaes incorporadas no exercito brasileiro de occupação, sem a connivencia de Fructuoso Rivera, apparentemente ao serviço do Imperio, sem a certeza absoluta do apoio dos dirigentes de Buenos Ayres — ousassem aquelles bravos, por mais que o fossem, arrostar a reacção inevitavel por parte do Brasil.

Só assim se explica em 1825 a victoria de Sarandy, em que os 33, já centuplicados, bateram os cavallarianos de Bento Manuel, victoria cuja repercussão mais augmentou o animo dos rebeldes, generalizando e tornando decisiva então, a idéa da Patria Uruguaya.

Para logo as tropas do Imperio se viram encurraladas em Montevidéo e mais algumas praças fortes, e Buenos Ayres se sentiu a vontade para tirar a mascara e se apresentar francamente á testa da revolução. Na cidade portenha o enthusiasmo por Sarandy chegou a taes excessos que a guerra teve de ser declarada entre ella e o Brasil, guerra que foi uma série quasi ininterrupta de desastres e de humilhações para nós, abalando o prestigio do Imperio e do Imperador. Os nossos revezes em terra foram talvez ultrapassados pelos nossos revezes no mar, onde o almirante Brown com rara sagacidade se aproveitou da inepcia dos nossos almirantes e da superioridade que lhe dava um perfeito conhecimento da zona de operações, e ainda que triste para nós, é facilmente comprehensivel o enthusiasmo dos nossos vizinhos por alguns dos feitos dessas éras especialmente pelo do Juncal. Por sua vez, a batalha do Passo do Rozario, em Fevereiro de 1827 e que terminou pela retirada das tropas imperiaes, sob o commando do Marquez de Barbacena, é considerada pelos nossos adversarios de então uma grande victoria sob o nome de *Ituzaingô*, de que se orgulham certamente com exaggero, porque em rigor não fomos derrotados, ainda que mereçam esse nome as consequencias politicas desse combate.

Durou tres annos a campanha da Cisplatina, e posto que della não tivessem colhido o resultado que almejavam os argentinos,

seus verdadeiros fomentadores, constitue essa luta uma das mais dolorosas paginas da nossa historia militar e politica.

A Convenção de Agosto de 1828, sob os auspicios da Inglaterra, interessada em que dessa forma terminasse a contenda, reconhecia a independencia da antiga Banda Oriental, organizada em nação autonoma e soberana, sob o nome de Republica Oriental do Uruguay, de maneira a ficar com um tampão entre o Brasil e a Confederação Argentina. Si nós a perdemos, a Provincia Cisplatina, os de Alem-Prata, em compensação, não a ganharam, o que importa affirmar não ter sido essa a peor das soluções sob o nosso ponto de vista. Houve mesmo um resultado benefico para a nossa liberdade interna das difficuldades e dos desastres creados mercê dessa infeliz campanha.

Sem ellas e sem elles talvez o absolutismo se tivesse sinão enraizado, ao menos por algum tempo se fixádo no Brasil; sem ellas e sem elles D. Pedro não se teria porventura visto forçado a convocar finalmente a Assembléa Legislativa em 1826, convocação relegada por quasi dois annos.

Só a premencia de recursos de toda a ordem e especialmente dos financeiros, impossiveis de obter sem o assentimento de uma assembléa popular num paiz cuja atmosphera politica se turvava de mais em mais, pelo accumulo dos erros administrativos, dos desastres militares e do proceder publico e privado do Chefe da Nação, — seria capaz de desviar D. Pedro do proposito em que provavelmente se mantinha de governar despoticamente.

Entrado o paiz no regimen constitucional, as desintelligencias entre o Imperador e a Nação, concretizada no poder legislativo, se patentearam de maneira inilludivel, estabelecendo um conflicto cujo remate, facil de prever, não poderia ter sido outro sinão o que foi, isto é, o triumpho da causa nacional e da liberdade pela abdicação de 7 de Abril.

Talvez nenhuma das numerosas reuniões das nossas assembléas de representantes se possa tanto vangloriar de inestimaveis serviços á Patria como essa Camara dos Deputados da primeira Assembléa Legislativa Brasileira, installada a 3 de Maio de 1826 e cujo mandato se extinguiu em 1829, pois, segundo a Constituição, devia durar quatro annos.

A opposição ao governo imperial, que persistia em suas tendencias absolutistas ou por outra que entendia de governar sem o apoio e até contra a vontade expressa da opinião publica, timida no primeiro anno, se enrija no segundo, para, no terceiro, se tornar barreira inexpugnavel contra o despotismo e, finalmente no quarto, agir com tanta hombridade e patriotismo, que se lhe não pode negar haver sido ella a principal iniciadora dos memoraveis aconte-

cimentos dos quaes resultou a fallencia completa do regimen absoluto.

Em 1826 não passa despercebida por parte dos deputados brasileiros a vergonha do Tratado com Portugal e principalmente a da Convenção Secreta que o acompanhou, e já nesse anno se insiste para que o governo se restrinja ao disposto na Constituição, maximè aos orçamentos votados pelo poder legislativo.

Em 1827 é mais clara ainda a repulsa aos propositos despoticos dos ministros, dos quaes com mais firmeza se reclama o cumprimento dos preceitos do Codigo de 25 de Março. Então a palavra de Bernardo Pereira de Vasconcellos, no anno anterior vacillante, dubia, toma grandes proporções e se começam a desenhar com nitidez as fulgurantes qualidades daquelle excepcional vulto de estadista. Chefe em 1828 da opposição, seus discursos, verdadeiros monumentos, chamam a contas os detentores do poder executivo e os ameaçam mesmo de providencias energicas, caso persistam em não obedecer á vontade expressa do paiz, manifestada pelas vozes de seus legitimos representantes. Em 1829 é tão angustiosa para a politica imperial a situação que, irriquieto e imponderado como sempre, D. Pedro não se peja de revelar a sua franca e decisiva hostilidade contra a Assembléa, encerrando-a com aquella laconica e quasi insultuosa phrase: "Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação, está encerrada a sessão."

Pesava todavia, sobre todos os espiritos uma impressão tão penosa, que o proprio Imperador se sentia obrigado a mudar de rumo, tomando uma affeição nova, sinão no ponto de vista politico, pelo menos no de sua vida privada. Em fins de 1829, despedido Rocha Pinto, uma das figuras mais em evidencia na camarilha cognominada "Gabinete Secreto", e depois Francisco Gomes da Silva, o "Chalaça", despachada e de vez a pessoa que tão chegada se lhe fizéra desde a época da Independencia, e que constituiu o mais berrante dos escandalos da aliás sempre escandalosa vida intima de D. Pedro, consorciava-se este com a virtuosa d. Amelia de Leuchtemberg, noiva que tanto custára a Barbacena encontrar para o seu imperial amo nas differentes Côrtes européas. Com effeito, viuvo desde 1826, o Imperador que comprehendia a necessidade de um novo casamento, pela justa fama de que gosava alémmar como mau marido, que realmente o fôra, da excelsa Princeza nossa primeira Imperatriz, deparára com os maiores impecilhos para a realização do seu desideratum.

D. Amelia era filha do Principe Eugenio de Beauharnais, duque de Leuchtenberg, enteado de Napoleão I, a quem consagrou inalterada dedicação, e da Princeza Augusta de Baviera, creatura de escól, que se casára contra-gosto, mas que depois foi a mais fiel e a mais extremosa das esposas.

Com a mudança de velhos e desabridos habitos, coincide de certo modo uma alteração dos propositos politicos do Imperador.

E' chamado ao governo Caldeira Brant, desde muito marquez de Barbacena, e que tantos serviços prestára ao Brasil no extrangeiro, quer antes, quer immediatamente depois da Independencia, e do qual o revez de Ituzaingó não conseguira obumbrar no general infeliz a fama de notavel estadista e de diplomata eminente.

Não duraram muito, no emtanto, as boas intenções imperiaes.

A politica portugueza, agitada desde a morte de D. João VI, de tal forma preoccupava o espirito do Monarcha brasileiro, que se pode affirmar sem receio de erro haver sido ella uma das principaes, sinão a principal causa de successos que embora lhe parecendo extranhos, se lhe relacionam estreitamente.

Por morte do pae, acceitára D. Pedro, e indevidamente, a corôa portugueza, para logo depois abdicar della na pessoa da filha primogenita, D. Maria da Gloria, proclamada rainha sob o nome de D. Maria II.

Nessa occasião outorgou ainda D. Pedro ao povo portuguez uma Constituição.

Prevendo a concorrencia de D. Miguel, — "o mano Miguel", como o chamava — filho preferido de D. Carlota Joaquina, que nelle se reproduzira inteiramente, mandou-o chamar do exilio a que fôra enviado pelo rei defuncto, em virtude de conspiração contra o proprio pae, em complicidade com a mãe, e confiando-lhe a logar-tenencia do Reino durante a minoridade de D. Maria II, contractou o casamento desta com o tio. D. Miguel voltou a Portugal, mas para de accôrdo com a famigerada progenitora e com os que lhe partilhavam os gostos e as opiniões, dirigir o movimento politico, do qual resultou pela convocação das Côrtes, a deposição da rainha, de quem era esposo, e a acclamação delle D. Miguel como soberano absoluto e legitimo herdeiro de D. João VI, uma vez que D. Pedro havia perdido os seus direitos ao throno portuguez, desde que acceitára ser Imperador do Brasil. A' traição se juntava a ingratidão, e D. Pedro era duplamente ferido no seu amor proprio e no coração paterno. Jámais o esqueceu, e força é convir que desde então o pensamento de retornar á Europa, entrar na sua terra natal e della fazer sahir o usurpador e o ingrato, se lhe não apartou da mente, dominando-a até se lhe tornar uma obcessão

Por isso mesmo se dizia ha pouco que entre os factores do seu procedimento a 7 de abril, a preoccupação constante de repôr no throno a filha extremecida, deve ser um dos mais, sinão o mais decisivo.

O Ministerio Barbacena durou de Dezembro de 1829 a Outubro de 1830 e terminou de uma maneira insolita.

Uma bella manhã, a 5 deste ultimo mez, o "Diario Fluminense" publicava uma nota official em que o Imperador demittia o Marquez de Barbacena do cargo de Ministro da Fazenda, porque, continuando esse fidalgo no exercicio desse cargo, não lhe poderiam legalmente ser tomadas contas das avultadas despesas que fizera em viagem anterior, á Europa, quer com os emigrados portuguezes, quer com Sua Magestade Fidelissima, quer ainda com o casamento do proprio Imperador.

Barbacena, irritado ao extremo com essa declaração, veiu logo a publico e fez uma exposição do que lhe pareceu conveniente, affirmando ainda que o verdadeiro motivo da sua demissão era o Imperador não se querer subordinar ao regimen constitucional e persistir na antiga velleidade de governar despoticamente.

Essa ruptura entre o Chefe da Nação e o seu antigo amigo e conselheiro causou grande ruido e por assim dizer marca o fim real de quanto ainda restava do prestigio do Imperador no paiz.

Inaugurara-se nesse anno de 1830 uma nova legislatura e para a Camara dos Deputados havia entrado um nucleo brilhante de patriotas e liberaes. Destes sobrelevava em evidencia a personalidade de Evaristo Ferreira da Veiga, o verdadeiro creador do jornalismo politico no Brasil, o imperecivel redactor da "Aurora Fluminense", surgida em Dezembro de 1827. Hoje não se comprehenderia talvez o feitio dessa folha, exclusivamente politica e doutrinaria, sem outra collaboração que não fosse a scientifica e a literaria, sem reclames nem annuncios. A influencia exercida por ella na época e ainda mais tarde foi immensa. Sua linguagem era contida, escorreita e jámais se serviu de expressão ou conceitos eivados de giria ou mesclados de improperios e doestos. Entretanto, nenhum jornal com mais firmeza prégou e defendeu os verdadeiros principios liberaes e se oppoz com maior calor e maior pertinacia aos desmandos e abusos do Governo, como á prepotencia dos governantes.

Evaristo era um producto do proprio esforço, pois que nem mesmo possuia titulo scientifico ou literario algum, tendo-se feito como empregado de livraria, um legitimo autodidacta.

A primeira sessão da nova legislatura decorrera sem grandes excessos e a opposição não fôra de molde a entravar a acção governamental sob o Ministerio Barbacena. A verdade é que o Imperador continuava a não querer escolher os seus ministros no seio do Parlamento, e especialmente na Camara dos Deputados, como era da essencia no regimen parlamentar.

Perdidas, após a brusca e escandalosa demissão do Marquez, as ultimas esperanças de que Sua Magestade comprehendesse afi-

nal a necessidade de se conformar com os tramites constitucionaes, ficou logo patente que as desintelligencias entre o Monarcha e a Nação tinham que findar em pouco, de tal modo se haviam aggravado e exigiam inadiavel solução.

Surgiram circumstancias vindas aliás de fóra que precipitaram o desenlace da questão.

Para os fins de 1830, chegaram ao Brasil as novas da cognominada Revolução de Julho, occorrida nos ultimos dias desse mez, em Pariz, e causa da retirada do throno do ultimo dos Bourbons, Carlos X, aliás muito parecido nas suas idéas e processos politicos com D. Pedro I. A repercussão do triumpho liberal francez foi extraordinaria em nossa terra e por toda a parte se o festejou com enthusiasmo, no qual evidentemente transparecia o desejo de que aqui coisa semelhante se realizasse, isto é, que o Liberalismo obtivesse uma decisiva victoria sobre o Absolutismo, no qual entendia teimosamente encastellar-se o Monarcha brasileiro

Em São Paulo resolveram os estudantes celebrar ruidosamente a Revolução de Julho e havendo-se produzido certos motins, julgaram as auctoridades conveniente prender alguns rapazes que se haviam excedido. Um periodico do tempo, o "Observador Constitucional", dirigido por um medico italiano, Libero Badaró, que as idéas liberaes haviam obrigado a se asylar no Brasil, protestou energicamente contra essas prisões e accusou o Ouvidor Candido Japiassú com acrimonia e azedume. Uma noite, ao entrar em sua residencia, situada na rua que hoje lhe tem o nome, proximo á Ladeira do Piques, foi Badaró cercado por alguns embuçados que, a pretexto de lhe mostrar uns artigos contra o Ouvidor, penetraram com elle na casa e ahi o assassinaram. O caso echoou profunda e dolorosamente, quer em S. Paulo, quer no Rio de Janeiro, quer em todo o Brasil. Japiassú foi accusado de ser o mandante do crime e não se trepidou mesmo na insinuação de que o Imperador não era de todo alheio a elle, o que aliás era perfeitamente falso, como se verificou francamente depois.

Enrtetanto, D. Pedro sentindo que lhe fugia a ultima parcella daquella popularidade que em verdade absoluta o cercára, na Independencia e nos primeiros tempos do seu governo, deliberou seguir para Minas, pretextando necessidade de bom clima para a saude alterada de pessoa de sua familia. Levaram-n'o entretanto, outros designios. A crise dos seus desentendimentos com o paiz tocára ao auge. Por toda a parte a grita era geral, e mais que em toda a parte, em Minas. Os appellos á Federação, os protestos dos brasileiros natos que eram considerados suspeitos, a opposição dos liberaes, o desabrimento da linguagem da Imprensa, em summa, o mal estar geral e persistente indicára a D. Pedro essa viagem

como ultimo recurso para sanar difficuldades de mais em mais avolumadas. Não era ainda extranho á partida para as regiões do ouro o desejo de ver reeleito deputado o seu Ministro do Imperio, Silva Maia, que Minas repudiava como um transfuga dos principios liberaes antes professádos. O Imperador contava com a sua presença despertar enthusiasmo e apoio equivalentes ao que obtivéra nove annos antes na triumphal excursão de março de 1822. Deu-se, entretanto, o contrario. Sua Magestade, que se fizéra acompanhar da Imperatriz, de Silva Maia e de numeroso sequito, entrou em Barbacena ao som de dobres a finados, chamando os fieis para as exequias pela alma de Libero Badaró, e ainda que em algumas localidades se lhe houvesse feito um acolhimento sinão cordial ao menos respeitoso, em muitas as provas de sua impopularidade, de repudio aos seus processos politicos, foram claras e insophismaveis. Teve o desgosto de assistir no proprio territorio em que se encontrava, a derrota do seu Ministro, presenciada pessoalmente por este. Os mineiros elegeram deputado não o Ministro do Imperio, mas um simples agricultor pertencente á familia Junqueira da qual um ramo se estabeleceu em S. Paulo, onde ainda hoje occupa saliente posição. Por essa época ainda os governos não tinham força bastante para se impôr á vontade expressa dos eleitores, e o caso Silva Maia deve ficar como um exemplo e um incentivo ás gerações que vieram depois, muitas das quaes não persistiram nos mesmos nobilissimos intentos dos que não trepidaram em derrotar um membro de um governo despotico, na presença delle e do seu Imperador.

Este tornou ao Rio certo de que se lhe esvaira de todo a possibilidade de reentrar no affecto, na estima e na confiança do seu povo.

Toda uma longa série de erros accumulados e obstinadamente aggravados ahi estava para o afastar dos que outr'ora nelle haviam crido com fervor e esperado confiadamente. Os seus propositos de não governar com elementos buscados entre os representantes da Nação, a escolha de um Senado quasi na totalidade composto de aulicos e ás vezes de famulos, de que era expoente maximo o Marquez de Jacarépaguá, indebitamente escolhido por Goyaz e preferido a um vulto da estatura do velho General Curado, os escandalos anteriores da sua vida privada, a camarilha secreta e portugueza que o cercou, e mais que tudo a suspeita ou a quasi certeza do seu pouco brasileirismo e da sua propensão para Portugal e Portuguezes, o tinham definitivamente separado da Nação, que em sua quasi totalidade desejava positivamente vel-o fóra do throno.

Essa viagem a Minas tirára ao Imperador a ultima venda que porventura lhe cobrisse os olhos, e de facto, desde o seu regresso

ao Rio, em principios de março de 1831, os successos tomam um caracter decisivo, cujo remate se dará a 7 de abril.

Os eventos consecutivos á celebre noite das "Garrafadas", o protesto dos 23 deputados e um senador, a nomeação do novo Ministerio e o mais que se seguiu foram incidentes de um trama preparado antes e para o qual haviam concorrido além dos motivos já explanados, o triumpho da Revolução de Julho em França, o assassinio de Libero Badaró e principalmente a propaganda habilmente dirigida por Odorico Mendes entre a guarnição militar do Rio de Janeiro.

Sem duvida um dos factores do 7 de abril foi a reacção popular e principalmente nativista de que os liberaes com finura souberam aproveitar, após os acontecimentos surgidos pela volta de D. Pedro á capital do paiz.

Seria estulto, porém, negar que a victoria da causa nacional dependeu em definitiva da força militar que occupava a Côrte. Sem o concurso das tropas que foram para o Campo da Acclamação, sem a complacencia sinão a annuencia do commandante das armas, Francisco de Lima e Silva, sem a defecção de Manuel da Fonseca, irmão daquelle e depois Barão do Suruhy, a abdicação talvez não se tivesse apresentado como a unica solução digna de um chefe de Estado que se via na hora extrema abandonado por todos, inclusive por aquelles nos quaes depositava inteira e absoluta confiança, já pelas provas anteriormente dadas por elles, já pelas honras e favores com que os havia cumulado.

Quando se estudar o periodo conhecido em nossa historia sob o titulo de "Interregno Regencial", todo esse capituló interessantissimo e relativo ao 7 de Abril será mais pormenorisadamente encarado.

Cumpre indagar, por agora, si foi verdadeiramente efficaz e proveitosa para a nossa terra a obra, apreciada em conjuncto, do Primeiro Reinado.

Posto que num periodo de organisação, sujeito a todos os embates providos de uma nacionalidade que se forma e que não estava verdadeiramente apta para o *self-government*, ao menos na totalidade dos seus elementos componentes; posto que, em consequencia, as questões politicas e mais especialmente partidarias occupassem em demasia o tempo e as attenções dos encarregados do governo; posto que, em summa, tudo concorresse para retardar o progresso do paiz, este, entretanto, se manifestou de maneira inconcussa em todos os ramos nos quaes se partilha a actividade humana.

Evidentemente, em 1831 o Brasil havia caminhado com segurança sob os differentes pontos de vista — economico, social, moral, instructivo, commercial, industrial, literario e scientifico.

Comparadas a nossa população, a nossa receita, a nossa exportação, numa palavra, postos em equação todos os indices do desenvolvimento de um povo, é inegavel o surto da Nação Brasileira nesses quasi dez annos do governo de Pedro I.

E si puzermos num dos pratos da balança todos os disparates, todos os erros administrativos, a infeliz campanha da Cisplatina, as tendencias despoticas do Imperador, em resumo, a série inominavel dos desmandos commettidos sem duvida de 1822 a 1831 — e si no outro prato depositarmos as vantagens immensas que a centralização monarchica nos trouxe, pela cohesão do governo, pela unidade nacional, pelo não esphacelamento de um immenso territorio em um sem numero de republiquetas despreziveis e anarchizadas, esta concha sobrelevará sem duvida a outra, ao menos para os que sobre todos os preconceitos theoricos collocam na primeira plana a grandeza e a intangibilidade do vasto, fecundo e riquissimo torrão em que nascemos.

E' mistér, pois, que se conclua pela affirmativa de que, mau grado os indesculpaveis e porventura ruinosos effeitos de uma desorientação governativa, o Primeiro Reinado foi proficuo para o Brasil.

HADDOCK LOBO

PEDRO SATURNINO,
autor de "*Grupiáras*".

O VOTO SECRETO NA ARGENTINA

Conferencia realisada pelo dr. Julio Navarro Manzó, no salão nobre do Club Commercial, no dia 2 de Agosto de 1923, sob o patrocinio da Liga Nacionalista.

QUEM VOS FALA

Gentilmente convidado, hontem á noite, pela Liga Nacionalista, para fazer hoje esta conferencia, eu não posso, naturalmente, trazer aqui um trabalho acabado e perfeito, mas simplesmente entreterei comvosco uma méra palestra feita de memoria, em tom de anecdotas, a respeito da reforma eleitoral argentina, na qual tive que tomar parte e na qual tive o grande prazer de vêr uma renovação politica para aquella Republica.

Devo comtudo, antes de entrar no assumpto, fazer algumas rectificações, em abono da verdade, sobre uma noticia que li hoje nos jornaes, que me apresentavam como parlamentar argentino. Nunca fui parlamentar na Republica Argentina e nunca tomei assento em nenhum corpo deliberativo, que não fosse o primeiro Congresso de Governadores de territorios nacionaes, que se reuniu no anno de 1913, por iniciativa do dr. Indalecio Gomes, então ministro do Interior. Os cargos que desempenhei na Argentina foram os de secretario do dr. Indalecio Gomes, quando ministro do Interior; mais tarde, de relator do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, sendo então ministro o dr. Muratore, e, por ultimo, secretario da procuradoria geral da Republica, até o anno passado. E devo deter-me um momento apenas na minha actuação no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, porque alli me tocou collaborar muito de perto nesse projecto de tratado pacifista, que foi assignado por Lauro Muller e pelos ministros argentino e chileno, mas que desgraçadamente não vingou, porque não foi approvado pelo Congresso, projecto que tendia muito a unir mais ainda essas tres nações, e que foi bastante atacado na Argentina. A mim me tocou defendel-o, conservando eu, entre os meus papeis, como coisa das mais preciosas, uma carta que o ministro Lauro Muller me escreveu, felicitando-me por esse trabalho de defesa do pacto pacifista do A B C, e, sobretudo, pela lealdade com que eu falára da acção de Lauro Muller naquella emergencia.

Deixando isso claramente estabelecido, para que possaes saber quem vos fala, um modesto servidor em funcções meramente secundarias na politica argentina, devo accrescentar que tudo isso para mim é passado,

porque eu hoje creio muito mais na força das idéas, nos frutos moraes e espirituaes, do que nas méras formalidades technicas das leis. Hoje, como bem disse o vosso presidente, não tenho outra intenção que não seja a de prégador do bem, de apostolo do Evangelho.

O QUE VIM FAZER

Vim ao Brasil com o objectivo de interessar as classes academicas na grande obra de secundar essa nobre iniciativa e não podia, nem devia recusar a minha presença entre vós, esta tarde, porque não me posso conservar indifferente em qualquer logar onde me é dado apreciar o benemerito esforço dos jovens que trabalham pelo progresso de seu paiz, pelo progresso da democracia nos paizes da America.

Desde os primeiros momentos da minha chegada a S. Paulo, tive opportunidade de conhecer o programma da Liga Nacionalista, e alguns dos seus folhetos causaram tão funda impressão no meu espirito, que eu não me podia furtar a vir aqui, hoje, ainda que estivesse mal preparado, para dar algumas explicações sobre a reforma eleitoral da Republica Argentina.

A POLITICA ARGENTINA

A situação da Republica Argentina, politicamente, é muito semelhante á dos outros paizes americanos, e, em realidade, não ha coisa alguma nova que eu vos possa trazer; de chilenos ou peruanos ouvireis as mesmas coisas que já são conhecidas de todos vós.

Em um livro muito interessante, escripto pelo dr. José Nicolau Mathiensen, que é actualmente ministro do Interior do governo Alvear, e foi meu professor durante seis annos, quando procurador geral da nação, livro intitulado "O systema representativo na Republica Argentina", faz elle uma analyse dos costumes politicos argentinos, não precisamente do systema representativo federal, tal qual está na Constituição. Muito se tem escripto sobre a Constituição argentina, sobre a sua filiação á constituição dos Estados Unidos, sobre as influencias das idéas democraticas francezas, sobre os systemas politicos norte-americanos.

Não se trata de um livro de erudição. Ha nelle alguma coisa melhor: é um quadro vivo da Constituição, não como está escripta, senão como se pratica; é um quadro da Constituição viva, não da theoria, senão da pratica. E a pratica era esta: é uma realidade o systema representativo federal? Porque é a Republica Argentina uma federação? Porque não é, como queria Rivadavia, uma Republica unitaria? O dr. José Nicolau Mathiensen viu, em primeiro logar, a grande influencia das antigas "audiencias", estabelecidas pelos espanhoes, com os seus tribunaes e conselhos na formação da Republica, tal como se dá com a do Chaco, que foi o embryão da Republica Boliviana. A de Buenos Aires, foi como que o embryão da Republica Argentina. Mas, a principal razão pela qual cada uma das audiencias chegou a ser um nucleo irreductivel, um nucleo que foi sempre necessario respeitar-se, apesar de todos os esforços do tyranno Rosas, para o estabelecimento da Federação, foi exactamente o ter de procurar-se uma forma que respeitasse uma situação de facto.

Essa é a obra dos caudilhos e especialmente de certas familias que, tradicionalmente, em certas regiões, eram reconhecidas por toda a gente como os mandantes e cuja força parecia indisputavel e indisputada. Poderia citar nomes, muitos nomes. Em cada uma das provincias da Argentina ha pessoas que, de paes para filhos, de avós para netos, tiveram sempre a hegemonia, um poder sobre os outros, formando assim uma especie

de olygarchia governamental, que é exclusivamente de familia, de certos nomes de familias aristocraticas. Os "tierra-tenentes" daquella Republica têm maior prestigio do que os grandes proprietarios de terra no Brasil, não tanto, porém, quanto os proprietarios de latifundios chilenos, mas não é a olygarchia dominante naquelle paiz.

A OLYGARCHIA ARGENTINA

E' uma olygarchia "sui-generis", que o dr. José Nicolau Mathiensen analysou perfeitamente no livro a que ha pouco me referi. E' uma olygarchia baseada, em primeiro logar, no prestigio do nome de certas familias, no poder de certos "tierra-tenentes", mas, além disso, havia ainda a juncção de certos elementos de cultura, dos quaes as familias de certo nome necessariamente precisavam de aproximar-se para que as ajudassem. De maneira que havia um factor mais ou menos aristocratico, mais ou menos plutocratico, e, por ultimo, um factor cultural. Esses tres elementos constituiam a olygarchia. Quem pertencia a essa olygarchia? Pode-se dizer que a ella pertenciam, pelo menos, todos os homens de cultura, que tinham passado pelas Universidades e que estavam dispostos a auxiliar na politica áquelles, que de paes para filhos, de avós para netos, mantinham a situação nos respectivos districtos e provincias.

Um moço intelligente, com certo dom da palavra, de poucos escrupulos, que se quizesse aproximar de alguns desses senhores que governavam uma determinada região, estava sempre certo de fazer carreira de prompto, obtendo promoções politicas e poderia naturalmente fazer parte da legislatura local, da Camara dos Deputados local, attingindo até a Camara e o Senado Federal.

COMO ERAM FEITAS AS ELEIÇÕES

As eleições se faziam, então, pela seguinte forma: (falo de uma época bastante remota). Em certa provincia argentina, San Juan, havia um governador que ficou famoso pela forma muito interessante por que fazia as eleições. Collocava na praça publica — estou naturalmente me referindo ha cincoenta annos atrás — as tropas locaes de milicias, e alli mesmo, com o seu fardamento de coronel, desembainhava tremendo sabre e dizia: "O supremo governo desta provincia decidiu que o povo vae eleger deputado á Camara Federal o senhor fulano de tal. Ha alguem que se opponha?" Naturalmente ninguem se oppunha áquelle homem que falava assim, com um sabre na mão. E terminava: "Está eleito deputado federal o senhor fulano de tal".

Como vêdes, as eleições se faziam com a espada na mão.

Mas, veiu a necessidade de dar certa apparencia de legalidade a essas eleições, e então começaram a ser elaboradas leis eleitoraes distinctas, mais ou menos calcadas sobre as leis eleitoraes francezas ou inglezas. Mas, de nenhuma dellas consta o voto secreto, de nenhuma dellas consta o voto obrigatorio.

O eleitor chegava diante de uma mesa e respondia ás seguintes perguntas: "Como se chama? Está inscripto na lista? Por quem vota?" Respondidas estas perguntas, bem se vê que era impossivel sophismar a eleição.

O RESULTADO DO DEFEITUOSO SYSTEMA ELEITORAL

O resultado desse defeituoso systema foi o seguinte: ninguem que tivesse um pouco de dignidade, ninguem que não quizesse estar em destaque, salvo se se tratasse de uma pessoa inconsciente, tinha interesse em inscrever o seu nome no registro eleitoral, e muito menos em votar. As eleições se faziam com pequenos grupos de homens e aquelles que não precisavam ou que podiam prescindir dos favores do governo, que podiam viver do seu trabalho, emfim, os melhores elementos de cada localidade e sobretudo na Capital Federal, não votavam, e nunca faziam ouvir a sua voz.

Isso durou algum tempo, comquanto os homens que tinham interesse na politica pudessem entrar facilmente na olygarchia governamental, sem mais necessidade que intelligencia e um diploma de alguma escola ou universidade, pondo-se incondicionalmente ás ordens de uma das familias tradicionaes que dirigiam certas provincias, como em Buenos Aires, onde certos caudilhos governavam determinados bairros.

OS DESCONTENTES DA OLYGARCHIA

Houve um momento, porém, em que essas olygarchias foram crescendo de tal modo que chegou a ser impossivel repartir os beneficios entre toda a gente: não havia logar nas legislaturas locaes, nas provincias e muito menos nas camaras federaes. Alguns houve, então, que começaram a ficar desalojados e a sentir a necessidade de reagir contra esse estado de coisas. Com os partidos dominantes, quando se fazem muito grandes acontece o mesmo que se dá com as cellulas, em biologia: uma vez que tenham attingido a um desenvolvimento bastante grande, tendem a dividir-se. Começou a haver na Republica Argentina um partido francamente de opposição, que contava indiscutivelmente com alguns homens de grande sinceridade, dotados de verdadeiro espirito civico e que desejavam uma renovação politica de costumes e de legislação. Esse partido, no qual se contavam homens da estatura de Bernardo Garcez, que foi ministro dos Negocios Estrangeiros e talvez a principal figura da politica exterior argentina, era o partido da "União Civica". Por ultimo, houve no seio desse partido uma scisão, porque alguns dos seus homens desejavam ter uma acção politica mediante a propaganda, mediante a renovação de costumes e uma maior illustração do povo; e alguns elementos, mais impacientes, julgavam, não sei se com muita razão, que a cohesão no grupo eleitoral só poderia ser conseguida por meio da revolução.

O PARTIDO RADICAL

Da revolução de 1890 data a fundação do Partido Radical Argentino, que está hoje no governo, representado pelo dr. Alvear, e que fôra antes presidido por Hippolito Yrigoyen.

Esse partido politico dava como consignia aos seus membros a abstenção ás eleições; concorrer ás eleições era inutil, porque sempre se sabia que a olygarchia governamental ganhava e não era possivel obter legalmente representação, que era necessario recorrer sempre á violencia, e esse partido representou um grande papel na politica argentina, como uma constante ameaça. Sempre a preoccupação dos governantes era: que estarão fazendo os Radicaes? Como estarão conspirando? Que relações terão elles, neste momento, nos quarteis? Como lhes respondem o exercito e as tropas?

Era a preoccupação de todos os governos ter os olhos sempre postos sobre esses homens, que sabiam ser permanentes e perpetuos conspiradores. Ao Partido Radical devo prestar uma homenagem, e posso fazel-o, porque nunca pertenci ás suas fileiras — teve homens que, durante muitos annos, se abstiveram completamente de acceitar qualquer posto, qualquer cargo official: mantinham-se ferreamente integros e puros.

SITUAÇÃO INTOLERAVEL

Mas, essa constante ameaça não podia continuar assim. Alguns governos tinham sentido verdadeiramente a força dessa resistencia. Entre outros, Saens Peña procurou fazer uma politica que realmente respondesse ás exigencias do Estado moderno, encarando o problema com toda a franqueza. Tinha, em primeiro logar, a ameaça constante de um partido que só queria a revolução e que não queria intervir nas eleições, porque as julgava todas illegaes, e não lhes faltava razão para isso. Os homens melhores, mais sãos, aquelles que podiam fazer pesar a sua opinião, abstinham-se, porque, se interviessem nas eleições, falseariam a sua posição de "gentlemen": não podiam concorrer ás eleições, porque estas eram unicamente concorridas pelos peores elementos, os elementos mais venaes e mais inconscientes e que constituiam ao mesmo tempo uma ameaça cada vez maior para a vida civica argentina; e tambem porque viam — e tinham razão para isso — que não se debatiam questões fundamentaes da politica.

Saens Peña tinha até então evitado envolver-se na politica, porque sabia que o presidente da Republica era sempre o grande eleitor. Os argentinos estavam acostumados a ter os olhos voltados para Buenos Aires, á espreita de um gesto do grande eleitor. Geralmente acontecia que, quando um presidente escolhia o seu successor, esperava que este correspondesse á sua politica, mas invariavelmente, recebia a chamada "patada creola", o que quer dizer que o successor costumava dar um ponta-pé no seu antecessor e não fazia caso algum das suas suggestões. Aliás, isso acontece até hoje.

SAENS PEÑA E O SEU MODO DE PENSAR

Saens Peña comprehendeu o que era mais necessario, e dizia: "Se quizermos renovar a situação politica da Argentina, é necessario que tenhamos na Casa Rosada (que é o palacio do governo) um governo que não tenha o intuito de intervir na politica e que deixe o povo entregue a si proprio, para fazer as eleições livremente. Muito antes de bosquejar o projecto de lei eleitoral argentina, Saens Peña decidiu que governaria o paiz como quizesse, não faria as eleições, mas deixaria que o povo elegesse o seu candidato livremente. Offereceram-lhe a presidencia. Saens Peña era então ministro da Argentina em Roma, e o seu grande amigo, Indalecio Gomes, uma grande figura de catholico e "gentleman", era ministro em Berlim.

PACTO DE HONRA

Combinaram uma entrevista. Indalecio Gomes desceu a Lausanne e Saens Peña ahi foi encontral-o. Os dois grandes homens trocaram, então, suas impressões. Indalecio Gomes tinha sido durante bastante tempo deputado, e Saens Peña tinha uma visão um pouco mais exterior da politica, tinha sido um "grand seigneur", tinha representado papel saliente sobretudo como ministro do Interior da Argentina e como diplomata.

Saens Peña tinha uma visão larga do mundo moderno, pois tinha viajado muito e foi sempre um espirito romantico; era um homem que acreditava nos ideaes e que, na sua mocidade, teve um amor verdadeiramente tragico. Foi o caso de uma mulher que prendeu a attenção de dois homens, que em ambos despertou uma grande paixão. Esses dois homens, tão amigos, quando se encontraram rivaes, resolveram seguir cada um por seu lado, de modo a que um não fizesse sombra ao outro. O primeiro recebeu ordens ecclesiasticas e foi bispo, e o outro seguiu para o Perú, no tempo da guerra entre o Perú e a Bolivia, para fazer-se matar. Esse segundo era Saens Peña, que desde moço sempre teve um espirito romantico, capaz dessas attitudes. Uma dellas foi essa de fazer um governo do qual não tirou nenhum beneficio, mas onde, pelo contrario, lutou sempre com mil difficuldades.

Indalecio Gomes era um espirito idealista, um fervente christão e, ao mesmo tempo, um homem profundamente democrata, que acreditava na liberdade sobre tudo, homem que poucos momentos antes de morrer me disse a mim, falando da educação dos filhos em geral: "Eu creio que o melhor systema é o da liberdade". E accrescentava: "Outra coisa não posso querer, como christão, porque Deus amou de tal forma aos homens, que preferiu sacrificar-lhes o seu filho unigenito, a faltar ao preceito da liberdade". Esse era o seu espirito, o de uma grande figura do catholicismo e, ao mesmo tempo, do liberalismo argentino. Esses dois homens estavam predestinados a entender-se.

Effectivamente, a proposta que lhe fazia Saens Peña na entrevista de Lausanne, não podia satisfazer o seu amor proprio e o seu interesse. Propoz-lhe Indalecio: "é necessario dár a liberdade eleitoral áquelle paiz. E' a primeira coisa a fazer. E que de antemão fique já bem assente entre nós que o futuro governo não elegerá, não indicará o seu successor".

Agora, o homem mais indicado que havia na Republica Argentina, para ser successor de Saens Peña, era o proprio Indalecio. Entretanto, na entrevista de Lausanne ficára bem combinado que o governo de Saens Peña não faria eleger o seu successor, e na Camara dos Deputados, refutando uma insinuação que lhe havia sido feita, de que elle houvera pleiteado a sua candidatura á futura presidencia, relembrou elle a palavra dada naquella entrevista, palavra de cavalheiro e de homem honrado.

A PRIMEIRA MENSAGEM DE SAENS PEÑA

Quando Saens Peña, na sua mensagem inicial, disse que daria liberdade ao povo, ninguem o acreditou. Estavam todos acostumados a ouvir as mesmas promessas das mensagens presidenciaes anteriores. E logo no começo do seu governo, em Outubro de 1910, teve necessidade de intervir na Provincia de Santa Fé e escolheu para interventor Anacleto Gil, velho cidadão dotado de espirito civico. As intervenções, na Republica Argentina, são coisas muito mais frequentes que as vossas aqui no Brasil; lá são mais communs; aqui são uma excepção. Tratava-se de uma velha questão entre o governador e a legislatura; não se podiam entender esses dois poderes. Era preciso eleger novos representantes e novo governador, e havia varios partidos que disputavam naturalmente esses logares. O Partido Radical não queria intervir, segundo ouvi dizer depois da morte de Saens Peña e de Indalecio Gomes. Talvez o que se tivesse dado foi que Saens Peña tivesse recommendado que a intervenção fosse imparcial e o resultado da eleição favorecesse quem a tivesse effectivamente ganho. Foi o Partido Radical quem venceu, depois de muitos annos de abstenção. Essa intervenção em Santa Fé teve influencia sobre a lei eleitoral argentina.

O CARACTERISTICO DA LEI ARGENTINA

Permitto-me chamar a vossa attenção para o que vou referir: a lei eleitoral argentina é a unica no mundo que tem qualidades taes que a extremam de todos os outros systemas do voto secreto. Outras além do voto secreto têm o caracteristico do voto obrigatorio, mas na da Argentina, o unico e maior caracteristico é o "alistamento eleitoral, baseado na "lista do sorteio militar".

O alistamento que se fazia antes, na Argentina, era muito semelhante ao que se faz aqui; cada cidadão, no momento opportuno, quando quizesse se apresentava e, provada a sua qualidade de cidadão, era considerado eleitor. Havia as listas eleitoraes que os partidos que intervinham nas eleições de Santa Fé julgavam, com muita razão, não serem fidedignas, pois nellas eram encontrados nomes de muitas pessoas que facilmente se verificava já terem morrido, e de outras que eram vivas, mas que haviam morrido officialmente. Então, o Partido Radical propoz isto: como unico meio de obter listas fidedignas, devemos usar a lista do recenseamento geral. Como todo cidadão, ao attingir aos 18 annos, tem de apresentar-se para fazer o serviço militar, e, quer faça ou não esse serviço, tem de ser examinado afim de se verificar se está em condições de ser sorteado ou não; se todo o estrangeiro que se naturalisa tem tambem de apresentar-se ás autoridades militares, para ser chamado ao serviço militar, assim, as taes listas com certeza serão fidedignas e poderão ser adoptadas para as eleições. E' o que lá se chama "padrão eleitoral".

A ORGANISAÇÃO DAS LISTAS

Saens Peña ouviu essa proposição de Indalecio Gomes e começou então a germinar no espirito deste a idéa de dar uma base natural á nova lei. As listas de eleitores não seriam mais feitas como até então, ao acaso, permittindo-se que homens de muita influencia podessem incluir nellas os nomes de seus amigos e excluir os dos seus adversarios. Essas listas do serviço militar obrigatorio foram usadas na eleição de Santa Fé, no anno de 1911, e o Partido Radical sahiu victorioso. Começou-se a pensar em fazer uma nova lei eleitoral, porque nesse momento o então ministro da Guerra, tambem precisava de listas completas, afim de poder saber quaes os homens que num momento determinado poderiam ser chamados ás armas, para saber quaes os que pertenciam á segunda ou á terceira reserva. Havia, emfim, uma grande anarchia, resultante de uma ruim administração, como sempre acontece. Dizia Saens Peña uma vez: "Nós precisariamos de um alistamento geral, de uma lista de todos os homens validos em condições de tomar armas, ou de serem chamados ao serviço militar em qualquer momento". Indalecio Gomes ouviu essas palavras de Saens Peña e respondeu: — "Aqui está; esta é a nova base da lei eleitoral". Fez-se, então, a primeira lei eleitoral argentina, que se encontra num dos folhetos da Liga Nacionalista, que hoje me chegou ás mãos. E' a chamada lei do "arrolamento general", e os deputados que a approvaram, não sabiam qual era o objectivo por ella visado. Por essa lei, todo o cidadão argentino, nato ou naturalisado, tinha a obrigação de se apresentar, dentro de um prazo determinado, perante as mesas alistadoras, isto é, perante uma commissão militar, para dar de novo o seu nome, no caso de já não ter sido inscripto.

E fez-se assim o que se chama hoje "arrolamento general" em toda a Republica Argentina, com uma certeza mathematica, de maneira que não ficou um só cidadão argentino, maior de 18 annos, que não ficasse inscripto naquelle padrão eleitoral.

O TITULO DE ELEITOR

Tornada lei a primeira medida, então, immediatamente se propoz a segunda lei, que consistia em que se tomasse como base a caderneta militar, que todo o cidadão argentino deve ter, assim como certamente todo o cidadão brasileiro, terá. Decretou-se que essa caderneta servisse como documento comprobatorio do direito de eleitor. Faço notar estes detalhes, porque são absolutamente "sui generis": que os eleitores estejam inscriptos primeiramente na lista militar, e, depois, o facto da caderneta militar fazer constar que, além de militar (ou que foi militar, ou está isento do serviço militar), o cidadão argentino é eleitor; é esse documento que o acredita como eleitor.

COMO E' CANCELLADO O TITULO DE ELEITOR

As listas dos militares são depuradas todos os annos, antes da eleição. Essas listas são entregues ao "commissario de padrão", nomeado por um juiz geral, e encarregado de collocar na porta de sua casa listas durante oito dias, e qualquer cidadão póde apresentar-se e fazer alguma objecção aos nomes que alli estão inscriptos, pelas seguintes razões: ter morrido, não residir naquelle districto eleitoral, ser surdo-mudo, não poder fazer-se entender por escripto, ser um fallido, ser dono ou gerente de prostibulo, ou ser frade, sacerdote. São razões que impedem o cidadão argentino de ser eleitor. Se alguma pessoa que pertença a alguma dessas categorias tiver alli o seu nome inscripto, será este riscado immediatamente. Fica, então, a lista eleitoral prompta para servir na eleição.

A LEI DO VOTO SECRETO

Fez-se, pois, o projecto de lei eleitoral na Republica Argentina com as seguintes bases: 1.°, o voto é obrigatorio; 2.° o voto é secreto. O voto obrigatorio era uma necessidade absoluta. Foi uma util innovação, porque os melhores elementos da sociedade argentina não queriam votar; era necessario obrigal-os a isso. O dr. Indalecio Gomes dizia, com muita razão: "Yo quiero que vengan votar los que tienen palacones!", isto é os que tenham dinheiro, responsabilidades. Propoz-se no primeiro projecto de lei que todo aquelle que não votasse teria uma multa, que podia subir desde 10 pesos argentinos até uma quantia bastante elevada que o juiz fixaria de accôrdo com as condições economicas do eleitor. Mas, esse projecto não vingou na Camara dos Deputados, ficando simplesmente estipulado que todo aquelle que não votasse teria de pagar uma multa de 10 pesos e veria o seu nome publicado numa lista especial de "maus cidadãos", que não cumpriram com o seu dever eleitoral.

A QUESTÃO DO VOTO OBRIGATORIO

A questão do voto obrigatorio foi muito discutida nesse momento, e sustentou-se uma doutrina muito interessante. Essa doutrina é a seguinte: para os socialistas, todo o individuo que pertence a uma communidade tem dois deveres. Em primeiro logar o dever de defender a communidade contra os seus inimigos internos e externos, e em segundo logar, o dever de contribuinte, isto é, de sustentar a fazenda publica.

EXPOSIÇÃO LOPES DE LEÃO

ICAMIABAS
Lenda amazonica do Muyra-kytã.

Devo dizer que, neste momento, se deram muitos incidentes e houve grande trabalho. Vem a proposito lembrar o que se dava no tempo do rei Affonso, que bem mostrava ser um rei avisado, recebendo conselhos de outros homens. Era considerado como uma obrigação de todo o homem aconselhar ao rei, e, como o rei era o representante do poder publico, nas monarchias, essa obrigação corresponde ao mesmo dever que tinham os cidadãos nas democracias gregas, quando iam á Agora emittir suas opiniões sobre os negocios publicos e dar conselhos.

Travou-se uma grande luta; custou muito que a Camara dos Deputados approvasse a lei do voto obrigatorio.

O Senado não a quiz approvar e foi necessario que ella voltasse á Camara para que se tornasse effectiva pela maioria constitucional.

O MECHANISMO DO VOTO SECRETO

O voto secreto, que mais interessa a este auditorio tem um mecanismo tão complicado na Republica Argentina, que é hoje quasi impossivel burlal-o.

E' o seguinte: quando um cidadão se apresenta para votar, o presidente da mesa eleitoral verifica, em primeiro logar, a sua identidade, pela apresentação da caderneta militar, na qual se encontra o seu retrato, a sua assignatura e a sua impressão digital. Em seguida, o presidente verifica se o nome deste cidadão está incluido na lista dos eleitores do districto em que se procede á eleição. Preenchida essas condições, entrega-se ao eleitor um sobrescripto feito especialmente na Allemanha, absolutamente opaco, sendo impossivel perceber-se, contra a luz, se contém ou não alguma coisa. Por fóra está o nome do districto eleitoral e a assignatura do presidente da respectiva mesa, e, como junto de cada mesa é permittida a presença de representantes dos varios partidos, que têm interesse na eleição, qualquer desses representantes pode rubricar esse sobrescripto ao lado do presidente. Em seguida, o eleitor levando esse subscripto na mão, dirige-se a um quarto que fica ao lado, que só deve ter uma porta de entrada, sendo as outras portas e janellas, quando existirem, selladas, no momento de se effectuar a eleição. Nesse quarto o eleitor encontra a lista de todos os candidatos dos differentes partidos e escolhe o seu candidato. Quando não quer escolher, alli mesmo encontra o eleitor papel e tinta para fazer elle proprio a sua lista, com o nome do seu candidato, ou para riscar os nomes daquelles que não deseja escolher. Feita a sua lista, o proprio eleitor fecha o sobscripto e vae collocal-o dentro de uma urna. Immediatamente, na sua caderneta é posto o carimbo e assignatura do presidente da mesa, e a declaração de que votou ou não. No final da eleição, é organisada a lista dos que não votaram, lista que é remettida ao juiz federal, afim de ser instaurado o processo contra aquelles que não votaram e que devem ser castigados.

COMO SE BURLOU A LEI

Embora a lei do voto secreto fosse de um mecanismo muito complicado, assim mesmo ella foi burlada, para o effeito do voto de obediencia. Na primeira eleição realisada um dos eleitores conseguiu obter dois sobrescriptos, dos que o presidente da mesa distribuia e, ao sahir da sala eleitoral, depois de ter votado, levou comsigo um dos sobrescriptos. Na séde do seu partido foi dentro desse sobrescripto collocada a chapa com o nome do candidato e entregue a um dos eleitores, que por sua vez collocára esse sobrescripto fechado no bolso e ia para a secção eleitoral e lá recebia o seu sobrescripto, o qual guardava depositando na urna o que já estava fe-

chado. E assim os chefes do partido sabiam que o seu eleitor tinha votado obedientemente. Esse "truc" foi logo descoberto, pois, os fiscaes, que tendo apposto a sua rubrica ao lado da assignatura do presidente da commissão, tinham o cuidado de verificar, no momento do eleitor depositar o voto na urna, se se tratava do mesmo individuo.

COMO FOI CONSEGUIDA A APPROVAÇÃO DA LEI

Foi uma luta conseguir a approvação dessa lei, porque certamente muitos deputados e senadores sabiam que elles proprios iriam afiar a faca que os ia degollar. O dr. Indalecio Gomes teve de fazer prodigios de diplomacia, de negociações, para conseguir que aquelles homens votassem essa lei. Durante dias e dias, almoçavam e jantavam na sua residencia dezenas de deputados, interessados, como elle, na passagem da lei. Foi assim que, votada a lei, muitos deputados conseguiram legações e embaixadas...

REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS

Saens Peña queria a representação da minoria pelo systema do quociente e Indalecio Gomes oppoz-se a isso, porque o mal do paiz era de qualquer pessoa que tinha um certo prestigio, qualquer homem que tinha feito um pouco de barulho em volta da sua pessôa, que tinha gritado muito, conseguia ter sempre alguns admiradores, e, então, chegando as eleições, nós viamos ruas cheias de carruagens, conduzindo centenas de candidatos. Não se poderia nunca chegar a ter uma Camara que representasse a força viva da Nação. Indalecio Gomes propoz o systema de listas incompletas, isto é, tendo-se de proceder a uma eleição para doze vagas de deputados, seriam indicados somente oito candidatos, deixando-se assim, necessariamente, uma parte para a minoria. Dessa maneira serão formados dois partidos, o da maioria e o da minoria. Effectivamente, foi o que se deu por occasião da primeira eleição, que se fez para o Congresso Federal, onde tiveram ingresso deputados socialistas.

Os elementos conservadores assustaram-se muito, mas Saens Peña não se assustou absolutamente nada.

UM FACTO INTERESSANTE

Indalecio Gomes affirmava que se ia produzir uma reacção conservadora, e devo fazer notar aqui o seguinte facto: sendo eu seu secretario, moço, sem muita experiencia, e elle, um homem já bem experimentado permitti-me escrever um artigo na revista argentina de "Sciencias Politicas", de Rivarola, dizendo que a reacção conservadora que se esperava nunca se daria. Pedi ao dr. Indalecio Gomes autorisação para publicar esse artigo. Elle leu e me disse: "Isso vae por sua conta". O meu artigo foi publicado, e a reacção não se produziu. Este facto, que acabo de citar, bem mostra o seu espirito cheio de tolerancia e sempre aberto a todas as idéas.

Não se deu a reacção; o que aconteceu foi que o partido Radical, que tinha lutado durante tanto tempo, chegou ao poder. Os Socialistas e os Radicaes eram as duas maiores forças que se defrontam quando se disputam as eleições na Capital Federal, em Buenos Aires. Nas eleições realisadas nas provincias, os Radicaes algumas vezes venceram, e outras não. Assim a Camara dos Deputados da Argentina é hoje composta de elementos Con-

servadores e Radicaes e de uma pequena minoria Socialista, pela cidade de Buenos Aires, e esses são os autores da lei eleitoral argentina.

Saens Peña não viu o final de sua obra, morreu antes de concluir o seu periodo presidencial, tendo sido substituido pelo vice-presidente, Victorino Laplaza, que cumpriu á risca o programma de Saens Peña até terminar o seu tempo.

Indalecio Gomes, que sobreviveu a Saens Peña, dizia que se elle tivesse vivido mais, algum tempo, mesmo indifferente á sorte do seu partido, não teria indicado o seu successor mas — dizia Indalecio — certamente teria conseguido que as forças conservadoras não se pulverisassem, pois a victoria do Partido Radical não foi por maioria absoluta.

Se Saens Peña vivesse — dizia ainda Indalecio Gomes — isso não aconteceria, não porque elle dissesse "que queria" a eleição de fulano para presidente da Republica, mas porque poderia reunir as figuras principaes do Partido Conservador, de modo a facilitar um entendimento.

O que é verdade é que o governo do dr. Hippolito Yrigoyen, que tanto tinha cogitado da liberdade eleitoral, foi que, ao meu modo de ver imparcial, produziu a reacção para o antigo systema. A lei eleitoral ficou vigorando e nunca se lhe tocou. Mas, puzeram-se em jogo pressões de outra indole, o que sempre se pode conseguir com elementos officiaes, quando se têm as rédeas do governo nas mãos; e houve um momento em que os candidatos argentinos, na immensa maioria francamente radicaes, e na sua minoria socialistas ou conservadores quasi nada podiam fazer.

Por ultimo Hippolyto Yrigoyen, evidentemente, foi quem renovou a pratica de indicar quem havia de ser o seu successor.

O dr. Alvear, que foi indicado pelo dr. Hippolito Yrigoyen, foi eleito nessas condições, e hoje está governando aquelle paiz.

IDEAES CIVICOS

O dr. José Nicolau Mathiensen, o mesmo autor daquelle livro de que vos falei ao começo, que é uma analyse dos costumes politicos argentinos, da Constituição viva, e não da Constituição como está escripta, elle muito a miude, em conversa particular commigo, me dizia que o systema implantado por Saens Peña teria de produzir seus frutos muito lentamente, porque não se podem renovar os costumes politicos de um povo por simples decreto.

Sou da mesma opinião, senhores. Creio que a lei eleitoral é um instrumento muito efficiente e absolutamente necessario para um povo culto. Mas, a primeira necessidade é educar o povo, a primeira necessidade é dar-lhe uma educação civica, espirito civico, ideaes. Por essa razão o modesto "dilettanti", não quiz occupar-se mais da parte propriamente somatica das questões politicas e consagrou todo o seu tempo á parte dynamica, espiritual, pregando aos povos os ideaes de civismo, como está fazendo a vossa benemerita Liga Nacionalista, á qual rendo as minhas homenagens.

O systema de eleições livres tal como é praticado nos governos democraticos, pode ser comparado a um fusil "Mauser" que embora seja muito aperfeiçoado não me será util emquanto eu não souber bem servir-me delle.

N. da R. — (Esta conferencia foi tachygraphada e as provas não foram revistas pelo autor).

OS MYSTERIOSOS THESOUROS DA ILHA DA TRINDADE

Contrariando as nossas praxes de só publicar inéditos no corpo da "Revista do Brasil", abrimos hoje uma excepção para o presente trabalho, que se apresenta muito interessante a brasileiros.

"From home he with mind most free,
"His livehood to gain to sea;
"He ne'er returned, a furious wave
"Cast him into a watery grave;
"A grave in motion termed the deep,
"Left child and widow for to weep...

(Da tumba de John Thompson, pescador inglez).

Aberdeen, capital de Aberdeenshire, "Chief sea port" do Septentrião da Escossia, e uma das suas quatro principaes cidades em população, industria e riqueza; a "Granite City", ou melhor, a "Silver City by Sea", do mar do Norte, attraia-me irresistivelmente...

Sempre que circumstancias quaesquer me levavam áquellas bandas do "Don" e "Dee" e ás lindas praias do "Girdle Ness", eu experimentava um extraordinario desejo de viver naquelle doce recanto da suavissima e gloriosa terra de "Picts" e "Scots", entre os mais bravos pescadores do "navio que Deus na Mancha ancorou"...

E numa manhã brumosa, em que o sol subia, através do "fog", como uma grande bola vermelha, frio e indeciso em seus contornos, doirando as torres das imponentes cathedraes e altos monumentos da maravilhosa cidade escosseza, ali saltei pela "Great North of Scotland Railway"...

Aberdeen é um dos sitios mais pittorescos da terra: A exuberante prodigalidade da natureza local; a belleza e correcção architectonicas dos seus edificios publicos e particulares; os seus jardins e parques magnificos; a regularidade das suas ruas e avenidas, cortando-se na direcção dos rumos cardeaes; a "new-bridge" sobre o Don e a "ault brig" sobre o Dee; a imponencia da Union Street e da Holburn Road; o Town and County Bank; o Trinity Hall; o Salvation Army Citadel; o Market Cross; o Art Gallery e Museum; a Cathedral Catholica; a colossal estatua de William Wallace; o obelisco de Peterhead; as egrejas de São Nicolau; as suas curio-

sidades, emfim, cada qual mais interessante, despertavam a minha admiração por aquelle nobre povo, emprehendedor, amavel e cheio de tradicções immorredouras na historia do Imperio Britannico.

Mas, o "Fish Market" e o bello Albert Bassin, o seu porto maravilhoso, constituiam o principal attractivo de quem, como eu, ha tantos annos estuda apaixonadamente esses assumptos da pesca, sob os pontos de vista administrativo e industrial, como instrumento da grandeza social, economica e militar do paiz...

Aberdeen constitue hoje um dos mais legitimos orgulhos da Grande Bretanha.

Das industrias da pedra, passou ella a desenvolver, entre outras, de modo particularmente notavel, as do mar — a pesca e actividades correlativas, que se desdobram sob mil aspectos diversos, fontes extraordinarias de riqueza publica e de prosperidade nacional.

O seu porto, ligado por multiplas vias ferreas a todo o paiz, é um mattagal, uma verdadeira floresta de mastros e chaminés de navios e barcos de pesca; de usinas de conserva e aproveitamento industrial dos productos aquaticos; de estaleiros e forjas de construcção naval; de fabricas de apparelhos de pescar; de formidaveis depositos frigorificos, etc., etc.

E' uma mina de ouro, a correr pelas mãos de centenas de milhares de criaturas — homens, mulheres e crianças que pescam; que conservam, aproveitam e transformam os productos do mar; que constróem e apparelham navios e barcos de pesca; que exploram, emfim, sob infinitas modalidades, o que a Pesca tão fartamente proporciona á intelligente utilização de um povo laborioso, dirigido por clarividentes estadistas...

Logo que me foi possivel entrar em contacto com os grandes industriaes "aberdonios" e levar-lhes as cartas de apresentação que me haviam proporcionado os meus correspondentes e amigos Jacob Walter Co., de Londres, tudo me foi facil na linda "Cidade de praia á beira-mar"...

O britannico é certamente o homem mais encantador do mundo na convivencia social da gente civilizada. Logo que nos reconhece digno da sua amizade, não tem limites o seu espirito hospitaleiro e a franqueza com que nos põe inteiramente á vontade para gosar as delicias do seu inexcedivel cavalheirismo.

Certa vez, levado pela grande sympathia que particularmente me inspirava um velho "skipper" — captain Frank Mac Adoo, com quem eu já havia feito grande camaradagem, levantei-me cedo e rapidamente marchei direito ao Albert Bassin em busca do "Sea Lion", um moderno "trawler" do seu commando e propriedade, que me devia conduzir á grande pesca no Doddger Bank...

Do meu hotel á Doca Albert havia um bom caminho a percorrer, algumas milhas, que rapidamente transpuz sem fadiga.

Quando ali cheguei eram precisamente sete horas da manhã de um dia — um "glorious day" — maravilhosamente radioso, de verão. O sol já bastante alto num céo azul purissimo, reflectia-se na superficie das aguas eriçadas pelo sopro manso do terral, dardejando em meus olhos milhares de settas como se o proprio mar faiscante fosse de prata em ebulição.

Em terra, a bordo dos navios, por toda parte, reinava febril actividade... Era o tempo da "safra"...

Em grandes trechos do cáes, milhares de mulheres, moças e robustas, escalavam, limpavam, salgavam e embarrilavam arenques, aos montes despejados pelos "drifters"...

Insensivelmente, dirigi-me para o lado sul do porto, onde o bello "Sea Lion" se distinguia pela grossa chaminé rubro-negra e pela guinda altiva e elegante do seus mastros, em cujos topes cruzavam duas vergas, muito bem torneadas, da sua radiotelegraphia...

Estava eu a pique de chegar a bordo do garboso "trawler", já prompto a partir, quando a minha attenção foi desviada para um elegante veleiro — um magnifico brigue — em cuja prôa lia-se claramente o nome "Aurea" — navio inteiramente distincto de quantos o rodeavam.

Parei, debrucei-me sobre o cáes e observei-o longamente. Não era um barco de pesca, embora fosse tripulado por individuos visivelmente pescadores, desse typo inconfundivel de "toilers of the deep sea", aos quaes, na phrase feliz de Walter Wood, autor do "Men of the North Sea", a Nação confiara, na Grande Guerra, a vanguarda da sua defesa, constituindo com elles esse "migaty naval power on which, in the good providence of God, the safety, not only of England but the whole civilised world, depended".

Eram desse genero de tripulantes do brigue "Aurea" — talvez bravos "piratas" como os "vickeings" a fina flor da gente maruja do seu tempo...

Eu reconhecia entre elles o interessante captain John Jack, um lindo typo de homem verdadeiro "lobo do mar", que me havia sido apresentado na vespera, á noite, no "Saillor's Home", por um rico "fish-dealer" daquella cidade.

Vi-o muito entretido a dar ordens ao contra-mestre e aos marinheiros e a verificar as avarias que soffrera o seu barco...

Dir-se-ia que o "Aurea" era um navio de guerra, tal a correcção das suas formas e o arranjo da sua tolda. A bordo pareceu-me haver faina geral de reparos e apparelhamento para nova viagem...

Observei que o brigue estava um tanto adernado para boroeste, talvez por cortezia a uma linda joven que daquelle lado lia despreoccupadamente, numa confortavel poltrona de vime, rodeada de coxins orientaes...

Examinando-o attentamente, notei então que o bello navio tinha serias avarias no costado e principalmente no seu apparelho, limitadas embora, ás suas obras mortas — cobertas acima...

Das enxarcias, poucos "ovens" estavam inteiros; as suas encapelladuras tinham exigido o reforço de "plumas" de ambos os bordos e de um cabo de ala e larga para substituir o estay do traquete. Os cabrestos do gurupés estavam partidos, tendo sido substituidos por um estropo passado pelo seio por dentro dos escovens, porque os garlindeus do talha-mar haviam dado fóra...

Por toda parte vestigios evidentes de luta — mastareus partidos, vergas desmantilhadas, mastros galeantes e lascados...

Todos os cabos fixos e de laborar haviam soffrido. As velas, em tiras, furadas em mil logares, panejavam com os cabos tocados, sem bolinas, nem amuras, nem escotas!

A retranca, a balançar sem forqueta e sem burros... Dos patarrazes do gurupés, só restava intacto o de bombordo! As abitas, mordentes, gasteiras e molinete, estavam seriamente avariados.

Do lado de boroeste, na bocrecha, na altura da "rapoza", a borda falsa fôra violentamente arrancada e duas taboas do desbordo estavam mettidas dentro...

O contra-mestre fazia sobrar a amarra em cóbros no convés, onde por toda parte se viam aduchas e cabos de todas as bitolas, salva-vidas, quartolas, patescas, cadernaes, moitões, lebres, ancorotes, fateixas e ariques; em desordem, de mistura com andainas de panno novo...

A tripulação trabalhava febrilmente clareando os cabos, reparando as avarias, refazendo o apparelho, preparando o brigue para nova viagem...

Naquelle andar, pensava eu, com tal afan, tudo aquillo em breve estaria refeito.

Mas que coisa bizarra! O "Aurea" não era navio de pesca, nem cargueiro; não era hiate de recreio e não tinha, tampouco, accommodações para passageiros...

Estava crivado como se viesse de um grande combate naval!

De um e outro bordo, havia dois pequenos canhões encapados!

Como se teriam passado as coisas de modo a causar tantas avarias?! Na guerra? Mas havia ainda guerra?! Onde?

E esse nome "Aurea"?! Não me era desconhecido! Recordei-me, então, de um bergantim inglez que assim tambem se chamára e que durante annos seguidos — dizem as chronicas — fizera estação na ilha da Trindade até 1848 creio...

A historia desse navio phantastico figura no rol das lendas repetidas pelos marujos — naturalmente supersticiosos — com aquella emoção provocada pelas "coisas do outro mundo"...

Em 1757 um tal Joseph Alz, piloto inglez ao serviço de Portugal, fôra mandado pelo governo de Lisboa numa sumaca de nome "N. S. da Alampadosa", ás ilhas da Trindade e Martin Vaz, para "levantar planta hydrographica e dizer dos portos que têm, dos ventos que reinam, da vareação da agulha"...

Mas, em chegando ao Porto do Principe, descobriu elle "um par de gajos" — um russo e um dinamarquez — que viviam contentes e felizes, dando guarda aos thesouros, ali ciosamente occultos pelos "batedores" da liberdade dos mares e dos infelizes pretos africanos!!

Depois de, em vão, havel-os martyrizados, da maneira mais cruel, para forçal-os a denunciar o segredo do esconderijo das riquezas ali depositadas pelos "Escoteiros do Mar", Joseph Alz armou, por vingança, uma jangada de oito páos sobre dois barris vasios, com uma velha giba da Sumaca portugueza e soltou-os ao léo, debaixo de furioso Nordeste...

Desses homens nunca mais houve noticia...

E Joseph Alz regressou a Lisboa levando apenas a planta hydrographica da parte oeste da ilha, certamente a menos interessante para quem pretende desembarcar ali, porque daquelle lado a terra emerge a pique e cresce rapidamente até attingir 600 metros de altitude... O commandante da sumaca luzitana perdeu todo seu tempo em escavocar morros e valles á procura dos thesouros ali escondidos pelos "piratas" britannicos...

Foi quando os inglezes, sob o commando de Edward Johnstone, occuparam aquella ilha e construiram o Forte da Rainha, depois de haverem batido ao largo de Martins Vaz os navios francezes do trafego indigno, levando para a Trindade 40 prisioneiros.

Deu isso logar á expedição portugueza de Mello Brayner, que ali aportou com uma náo, uma fragata e tres transportes com forças de desembarque, tendo á testa o marechal Chichorro...

Não ha quem ignore o decisivo papel representado pela Inglaterra na luta sem treguas ao nefando commercio dos infelizes africanos.

Durante seculos, entre tratados e transigencias internacionaes, o mundo christão assistiu envergonhado e coberto de deshonra á mais ignobil das infamias! Os navios vinham carregados de carne humana e levavam, de volta, prata, páo brasil e preciosas especiarias...

Clarkson e Wilberforce foram os dois gloriosos pioneiros da guerra ingleza ao trafico dos escravos negros.

Organizaram uma formidavel "Associação Britannica Contra a Escravidão Humana", particularmente explorada pelos dominadores das terras do Brasil...

Criaram a "Legião da Liberdade". A Historia da nossa Independencia está cheia de incidentes com o governo de Londres por causa desse peccado original, do qual só nos conseguimos definitivamente remir em 1888...

Freddy Jack, moço fidalgo da mais alta linhagem ingleza, era o chefe dos "Escoteiros do Mar", dessa benemerita Associação. Era elle o capitão do "Aurea", garboso brigue-barca de grande tonelagem, que, por suas qualidades marinheiras e extraordinaria velocidade, era conhecido como "o espada do oceano"; era elle o "pirata libertador", o commandante dos bravos marujos que juraram não voltar á Inglaterra emquanto não houvessem exterminado o ultimo dos navios negreiros que infestavam o Atlantico Sul. Juraram, egualmente, esses heróes, que jámais se utilizariam em seu proveito pessoal, de nenhuma presa valiosa, devendo ser levado para a Ilha da Trindade e ali enterrado secretamente tudo que fosse apprehendido a bordo desses navios e dos "piratas" que infestavam aquellas aguas...

Depois de cruzeiros e façanhas inenarraveis, o glorioso "Aurea" cessou repentinamente a sua campanha, succumbido, não ao valor dos ferozes inimigos contra os quaes se batiam os denodados abolicionistas britanicos, mas sim á mais infame traição de um tal Zulmiro, inglez, de origem açoriana, ex-official da Marinha Britannica e tripulante do famoso brigue-barca.

Ladrão, ambicioso e perverso, depois de se haver imposto á confiança de todos pela sua bravura, assassina o capitão do "Aurea" e toda a tripulação daquelle glorioso navio, sorprehendendo-os durante a noite quando, ancorados no Porto da Canôa, ao sueste da Ilha da Trindade, depois de um lauto jantar em que, alegremente, festejavam a caça victoriosa levada a duas galeras carregadas de negros, mandados de volta, livres, á Costa do Ouro...

Commettido tão feio crime, Zulmiro lança á agua a lancha de bordo e vae á ilha desenterrar o thesouro que sabia existir no sopé do Pão de Assucar e no tunnel da Virgem. Não foi feliz, porém, esse bandido, porque as indicações que lhe haviam sido fornecidas pelo capitão Freddy Jack, eram propositalmente erradas...

Fracassada a infame tentativa de roubo, regressou desesperado, para bordo, onde, diz a lenda maruja, foi sorprehendido pelo desapparecimento dos corpos dos companheiros por elle tão cruel e traçoeiramente victimados, encontrando o navio invadido por um bando de "almas de marinheiros", curiosos passaros negros, grandes andorinhas palmipedes, que vivem mysteriosamente no oceano, longe das terras, eternamente a rodar, a rodar, na esteira dos navios... "Almas de marinheiros" mortos no mar. Aves do Bom Presagio, rondas immortaes dos navegantes, amaveis annunciadoras dos temporaes longinquos!... Zulmiro tentou, em vão, suspender sosinho a ancora do "Aurea". Esfalfou-se nesse trabalho sem conseguir desunhal-a do fundo do mar. Era, porém, bom marinheiro e corajoso para desanimar com tão pouca coisa.

Armou o bote do navio, municiou-o com mantimentos e agua e fez-se ao largo para Oeste, indo bater, após tragica peregrinação, dia e noite perseguido pelos gritos das aves marinhas, em Guaratuba, na costa do Estado do Paraná, no Brasil, onde chegou após penosa travessia, tocado pelo Nordeste e pelas correntes que o puxaram para o Sudoeste... Mais tarde uma fragata ingleza, a "Calipso", rebocou o "Aurea" para Aberdeen, onde tudo, por fim, se veiu a saber pelo diario ali deixado pelo perfido Zulmiro e cujas paginas foram escriptas — ao que parece — sob a impressão do mais horrivel remorso... John Jack — o capitão do novo "Aurea", que encontrei na Escossia, era neto de Velho Libertador. Elle armara este navio por determinação testamentaria do seu nobre avô, para vigiar os preciosos thesouros deixados na ilha de Trindade e cujo esconderijo só

EXPOSIÇÃO LOPES DE LEÃO

RETRATO DA SENHORA A. C.

elle conhecia. Segundo as "ultimas vontades" do intemerato Escoteiro do Mar, esses thesouros só seriam desenterrados em caso de guerra, quando houvesse perigo imminente para a soberania da sua Patria. E assim foi feito. Bordejando ao redor da ilha, John Jack impedia a approximação de quem quer que fosse, até quando, ao ser declarada a guerra, em 1914, flibusteiros allemães, commandados por Alfred Mathiesem, com "o olho prussiano que tudo vê e tudo sabe", ali foram, por ordem do kaiser, colher aquellas riquezas, occultas num esconderijo, cujas indicações suppunham conhecer. Mas foram sempre batidos pelo "Aurea"...

Cumprindo as determinações do velho Freddy, John Jack não tardou em conduzir para um Banco da Inglaterra todas aquellas preciosidades. Durante doze dias a fio, a guarnição do "Aurea", não fez senão carregar para bordo, ouro, prata e joias preciosissimas, que vieram reforçar a riqueza britannica... Finda a guerra, durante a qual os pescadores inglezes tanto se distinguiram na defesa da sua Patria, voltou John Jack a Aberdeen, com o peito coberto de condecorações e cumulado de honrarias e ali, "como premio aos seus altos serviços", recebera do capitão Mac Adoo a mão de sua filha mais moça, a formosa miss Mary — a joven que vimos a bordo do "Aurea", lendo despreoccupadamente, sentada numa confortavel poltrona de vime, rodeada de coxins orientaes...

Mas John Jack não quiz realizar o ambicionado enlace sem voltar novamente á Ilha da Trindade para lançar flores sobre as aguas azues do Porto da Canôa, como homenagem ao seu glorioso avô, martyr da Liberdade, a cujos feitos devia a sua Patria tão consideravel reforço financeiro fructo da sua bravura e desprendimento, quando perigava a integridade do Imperio Britannico, tão seriamente ameaçada de ruina pela sorprehendente efficiencia dos submarinos allemães.

Mathiesem, nesse entretanto, ignorando o que antes se passára durante a guerra, armou um outro navio — o novo "Carlsruhe" — e lançou-se com rumo feito áquella ilha. As indicações que possuia, deixadas por dois naufragos — um russo e um dinamarquez — recolhidos em alto mar, havia bastantes annos, por um navio de guerra allemão, lhe pareciam fidedignas e absolutamente precisas...

E o eram realmente; assim o affirmava o Estado Maior Prussiano...

Ia bem apparelhado e decidido a todos os sacrificios para fazer, desta vez, a sua independencia e a fortuna dos seus homens... Foi, porém, duplamente desastrado, porque, não só já ali nada mais existia do mysterioso thesouro, como tambem, reconhecendo o "Aurea", atacou-o furiosamente, a contra bordo, convencido de que elle ali estava para disputar-lhe a cubiçada presa... O combate entre os dois navios, aliás de forças equivalentes, e, ambos bem manobrados, deu-se entre a Trindade e Martin Vaz; durou todo um dia e acabou por uma sanguinolenta abordagem á arma branca, debaixo de violenta brisa e mar desmontado de Sueste, da qual resultou a derrota com o incendio e afundamento do atrevido corsario allemão e a morte de todos os seus tripulantes...

Foi exactamente de volta dessa gloriosa aventura e nas vesperas do esperado enlace do bravo capitain John Jack com a linda Mary Mac Adoo, que encontrei o "Aurea", em Aberdeen, reparando as avarias e preparando-se para uma deliciosa viagem de recreio...

Duas semanas depois, de volta da minha viagem ao Doddger Bank, numa bella tarde precursora de uma noite de luar bellissima, como raramente se vê naquelle paiz do Norte, o lindo brigue, todo pintadinho de branco, elegantemente apparelhado como uma garça, sahia vagarosamente

barra-fóra, com as brancas velas enfunadas pelo vento largo que soprava, levando, em viagem de nupcias, os jovens consortes, para as aguas profundas e azues da sempre saudosa Ilha da Trindade, cujos segredos foram assim desvendados, no magnifício palacete do capitão Mac Adoo, do "Sea Lion" — aos meus olhos, illuminados por excellentes "Johnie Walker" e maravilhados deante da boreal formosura e da graça estonteante de Miss Mary e das bellas raparigas, filhas das Sheetland e Orkney, bailando donairosamente o "higland fling" e o "sword dance", ao som dolente das "harmoniosas" "bag-pipes" dos "Scottish horsderers"...

FREDERICO VILLAR

BIBLIOGRAPHIA

O ESPIRITO DAS DEMOCRACIAS — A. de Sampaio Doria — Companhia Graphico Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

O dr. A. de Sampaio Doria é uma das mais solidas organizações de pensador dentre os que militam nesta vasta colmeia intellectual de S. Paulo. Dono de uma cultura que não pede meças a ninguem, tem-se affirmado nas varias espheras de actividade a que se tem dedicado, especialmente na pedagogica, em que conseguiu alçar-se a plana singular. Professor de psychologia, acompanha todo olhos o evolver da sciencia, sem porém, para isso, fechar-se nos ambitos da especialização. Todos os problemas lhe interessam e sóe resolvel-os com o mesmo acerto com que resolveria uma questão de psychologia. Um dos nossos estudos mais serios sobre a questão social devemol-o a elle, assim como varios outros de economia politica e direito, todos escriptos em lingua de boa agua. E aqui se mostra mais uma das modalidades de sua cultura, qual a de sabedor das coisas do vernaculo e do estylo. Em geral, os que costumam cuidar de isto e mais aquillo, em tudo perecem e mais na lingua, que estropiam.

Intelligencia, pois, assim aberta a todas as manifestações do saber, não podia passar alheia ao que vae pela nossa actividade politica, como de facto não passou. De ha muito que nos acostumamos a ver o sr. Sampaio Doria á frente da grandiosa cruzada em prol da rehabilitação dos nossos habitos democraticos com o saneamento do regimen eleitoral do paiz, em que viçam as mais sordidas das endemias. Sua acção tem-se feito sentir profunda e acertadamente, na cathedra e na tribuna, na imprensa e no livro, revelando-nos fibra de verdadeiro apostolo, capaz de se sacrificar pela ideia que o anima e que é, no caso, a ideia salvadora do paiz. Annos a fio na sua evangelização tenaz e intelligente, vem fazendo proselytos onde só encontrava o desalento e o scepticismo, logrando, assim, posição vanguardeira entre os propagandistas da republica nova. Ainda ha pouco, após o tremendo cataclismo de julho, que ha de passar á historia como um dos capitulos mais negros de uma politica desregrada e bastarda, ainda conturbadas as mentes pelo horrisono troar de canhões, eis que sua voz se alça para um supremo appello aos que são senhores do parlamento nacional — gesto que se naiva da ingenuidade natural dos verdadeiros apostolos... Impressionou é certo aos paes da patria, mas — ah! não fossem elles matreiras raposas afeitas á chicana! — accordaram a tempo e lá manipularam a lei que lhes serve aos intuitos inconfessaveis e com a qual "querem atirar punhados de areia aos olhos da nação desattenta. Sentem que o voto secreto é a grande aspiração nacional. Percebem que, em todo o

mundo, o voto secreto impera, porque ninguem quer ser escravo." E — zás! — resolvem-se a embromar os papalvos, com determinações aqui e ali acertadas, mas que não encobrem a pouca-vergonha que se aninha pouco adiante, officializando a fraude ao voto secreto...

Ante tantas e tão enojantes manobras, outrem desanimaria. O sr. Sampaio Doria não. Como que se retempera para novas refregas e vem de novo para a liça, desta vez em livro que é a mais bella profissão de fé de um politico, na verdadeira accepção do vocabulo, e, para o leitor, um dos mais completos catecismos civicos. Diz-nos, principalmente, que a ideia não perece, antes se avigora e tira novas forças das mutilações que lhe inflingem. Bem haja a pertinacia de quem de tal feitio age.

"O espirito das democracias" deve ser posto na mão de todos os cidadãos conscientes, para que saibam a verdade sobre a nossa situação e o remedio que lhe calha no momento em que o paiz parece estorcegar-se nas vascas de uma convulsão derradeira, da qual, ou saem victoriosos os sãos principios, ou se despenhará a Nação de cataclismo em cataclismo até onde Deus sabe...

JECA-TATUZINHO — Monteiro Lobato — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato.

Todos os esforços que visem o ensinamento de habitos hygienicos ao nosso povo devem ser acoroçoados — e o têm sido felizmente. Nossa imprensa, neste particular, se mostra orientada num sentido mais alto, a que se alheiam por completo questiunculas de politiquice. E', talvez, o unico ponto em que se encontra unanimidade de vistas, a qual, se não chega a impressionar a todos os governos, não é tambem quantidade desprezivel no computo dos valores que se mobilizam para a grande campanha do saneamento.

As duas armas com que tem contado esse verdadeiro exercito de salvação que por ahi age sem commando, apenas guiado pela comprehensão intuitiva de nossos males, não têm sido outros sinão a imprensa e a escola. Aquella dando-nos o livro, esta pondo a população á altura de comprehendel-o. Ha já publicados innumeros livros de hygiene, para creanças de determinado adeantamento.

Nenhum decerto com o alcance deste que Monteiro Lobato acaba de publicar. Revestido de todas aquellas qualidades que fizeram do desconhecido fazendeiro de Taubaté o mais conhecido dos escriptores brasileiros, está que vae ser poderoso factor no combate á ancylostomiase, essa terivel endemia, que, entre outras, é a que mais tem roubado vidas uteis á Nação. Não é a lição encommendada, que caceteia. E' uma historia de trama simples e que, contada por quem tem o dom da narrativa fluente e pittoresca, assume inusitado interesse. Todo o segredo na maneira de dizer, no esmaltar as frases de pittorescas expressões locaes, no enscenal-a em ambiente legitimamente nosso, onde não ha encontrar um tique destoante.

Mais de uma vez já foi feita a experiencia. Creança que o leia, ri e aprende uma serie de noções uteis, que hão de servir muito para a sua defesa individual contra as larvas que infestam o solo. Lido e relido por todas as creanças do paiz e aprendendo cada qual a evitar o terrivel flagello, que bella resurreição se operaria em nosso paiz! Tal mudança, porém, não se effectua assim de pé para a mão. Ha que trabalhar muito

e muito. Mas, o innegavel é que *Jeca Tatuzinho* vae facilitar immensamente a tarefa a esses poetas que ainda sonham com a cura da gente de sua terra.

Quanto ao trabalho graphico, nada se lhe pode arguir. Ha a accrescentar, porém, que a historia é illustrada por uma serie de quadros muito expressivos, nos quaes se excelleu a arte de Kurt Wiese, perito em bonecos para creanças.

A CAÇADA DA ONÇA — Monteiro Lobato — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato,.

Felizmente, para gaudio das creanças brasileiras, tão caracedoras de leituras que lhes alimentem a imaginação e as façam rir, não vae ficando no tinteiro a bibliotheca que tão promissoramente se iniciou com a publicação d'*A menina do Narizinho Arrebitado*. Aos dois ou tres volumes que se lhe seguiram, temos a accrescentar agora este — *A caçada da onça*, que traz a promessa de outros e outros volumes. Não ha senão louvar-se a iniciativa, que, para honra dos nossos fôros de adeantados, encontrou um publico numeroso e enthusiasta.

A caçada da onça não é mais que um capitulo das aventuras de Narizinho, Emilia e Pedrinho, os inseparaveis amiguinhos, que vem sendo os queridos companheiros de muitas das creanças de hoje. Contado com a mesma graça, que envolve aos anteriores volumes, destina-se ao mesmo grande successo de livraria.

Tambem a illustrou habilmente o sr. Kurt Wiese.

AVENTURAS DO BARÃO DE MUNCHHAUSEN — G. A. Burger — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato.

As aventuras do barão de Munchhausen são desconhecidas de muita gente. O symbolo anda ahi por todas as boccas, em adjectivos derivados, mas o certo é que ás mais das vezes só de outiva. Pergunte-se-lhes quem foi tão famigerada personagem, que responderão apenas ter sido o potoqueiro-mór de todos os tempos... Isso, porém, culpa não é delles, mas das livrarias, que nunca lhes deram a ler a synopse de taes peripecias.

Foi pensando nisso, com certeza, que os editores se resolveram a lançar no mercado esta edição do livro de Burger. Andaram muito bem, e ainda melhor, fazendo com que se expurgasse o texto corrente dos incontaveis erros que o affeiavam e, á leitura, emperravam-na. E' bem, assim, uma edição revista, correcta e... (augmentada não!) e exacta...

NOSSO BEBE' — P. e W. Freire — S. Paulo — 1924.

Os srs. P. e W. Freire realizam, com este livro, uma das obras mais curiosas que se tem lançado em nossas livrarias, onde vem, de facto, occupar posição até agora vaga. Em outros paizes, é habito arraigado guardarem-se memorias de infancia para evocação, tempos passados, dessa deliciosa phase da vida. Empregam-se, para tal fim, albuns em que, facilitada a tarefa por indicações impressas, podem os paes do

pimpolho ir grafando, a uma e uma, as occorrencias de maior tomo na vida do precioso rebento, que, mais tarde, ha de se mirar em tão curioso retrospecto. Em nosso paiz, porém, se bem já isso fosse entrando em uso, não se encontravam ainda os necessarios albuns. Os paes mais amorosos e as mães mais prestimosas contentavam-se com organizarem elles proprios os livros para tão interessante escripturação... O que já não se faz mister uma vez á venda *Nosso Bebé*, que reune todas as partes para se tornar um registro perfeito e uma preciosidade capaz de aturar annos e annos sem damno para a sua essencia.

E' que se apresenta muito bem encadernado, em varias especies de pannos e papeis, alguns luxuosissimos e que, neste capitulo, nada ficam a dever ás melhores coisas que no mercado se apresentam importadas de outras partes. As paginas de dentro são impressas com capricho e finamente illustradas pelo lapis de Belmonte, que compoz uma serie de figuras infantis admiraveis pela graça que irradiam.

Todas as etapas que o petiz tem a vencer no verdadeiro "raid" que é a vida até aos dois annos, quando ha, não só obstaculos naturaes creados pela variação constante em peso e crescimento, como outros creados pelas circumstancias do meio, que quasi sempre lhe propiciam alimentação nociva porque adulterada, todas as etapas — dizíamos — ahi estão com sua pagina no album, cumprindo apenas aos paes preencher os claros com os dados obtidos. Trabalho facil e sympathico, que redundará no mais bello presente que a um rapaz ou a uma mocinha se poderá fazer quando em edade de comprehender os incalculaveis esforços que custou a victoria de sua fragil organização. E hão de muitos verificar verdadeiros records que passaram despercebidos...

Louvavel, pois, sob todos os aspectos a iniciativa dos que tomaram a peito a organização de *Nosso Bebé*. Maximé pela feição pratica que lhe deram e pelo acerto dos conselhos hygienicos que lhe apozeram em paginas finaes.

MEU AMOR — Murilla Torres — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.

"Livro onde uma extrema sensibilidade feminina reflecte, como num espelho, suas multiplas impressões sobre a vida e as cousas" — assim o apçesentam os editores. E não sem razão. Talvez das pequenas paginas do mimoso volumezinho se vislumbra a mão fidalga que o foi traçando no dia-a-dia de uma vida toda feita de contemplação da humanidade. Diario em que se foram annotando as occorrencias que mais chocaram á autora e as considerações mais ou menos argutas que lhe suggeriram os preconceitos de nossa vida social, interessa a sua leitura.

Paginas ha, repassadas de tal ou qual encanto, que nos dizem de um temperamento de mulher fadado a largos surtos. De sorte que se não pode sinão considerar *Meu amor* como o élo inicial de uma cadeia de triumphos que ha de ser grande e brilhante.

ESTUDOS BRASILEIROS — Ronald de Carvalho — Ed. Annuario do Brasil — Rio. 1924.

O sr. Ronald de Carvalho reune neste volume uma serie de conferencias que pronunciou no exterior em propaganda de nossas letras. Não perdem, porém, valia, com serem tal. A propaganda não foi encommen-

dada, nem o autor seria capaz de se desmandibular em reclame espalhafatosa de genios que não possuimos. Sobra-lhe criterio para fazer, como fez, obra cuidada e equilibrada, sem exaggeros nem falhas de grande monta, de modo que ao estrangeiro fosse licito aquilatar dos nossos verdadeiros valores.

Ainda não possuiamos livro que versasse a um tempo o desenvolvimento simultaneo da literatura, da pintura, da esculptura e da architectura em nosso paiz. Pois os *Estudos Brasileiros* não são mais que monographias sobre cada um desses aspectos da nossa cultura e todas elias ligadas por uma orientação geral, que lhes dá cunho de unidade. Completa-a, ademais, um estudo final sobre a psyché brasileira, que é como a chave de ouro do volume.

RECENSEAMENTO DO BRASIL — Directoria Geral de Estatistica — Rio. 1924.

Está publicado mais um volume relativo ao censo de 1920: o segundo (2ª parte), referente á Agricultura e Industria, organizado pela directoria geral de estatistica do ministerio da Agricultura. E' um volume de 185 paginas, todo consagrado ao Districto Federal. Nelle se encontram detalhados informes quanto á agricultura — area e valor dos immoveis ruraes, categoria e nacionalidade dos proprietarios, systema de exploração rural, recenseamento do gado; producção agro-pecuaria e floresta; machinismos e instrumentos agrarios; beneficiamento da producção.

Quanto ás industrias — modo de organização, capital empregado e epoca da fundação das empresas; força motriz; pessoal; periodo de funccionamento das fabricas; principaes despesas annuaes; producção; salarios.

O ROMANCE NOVO — Almachio Diniz — Editora Lux — Rio de Janeiro.

"Ao dar-vos a lêr a theoria do romance novo, como plataforma de uma nova escola literaria, faço minhas — diz o sr. Almachio Diniz — as palavras de Charles Nordmann, para que me não tomem por surprehendido com as aggressões:

Engueulez-moi si vous voulez. Ça m'est égal, pour vu qu'on parle de mon livre.

Comtanto que falem de minha theoria, da qual não poderão deixar de falar..."

Nós não falaremos. O assumpto é harto difficil para quem se não arreia dos profundos conhecimentos scientificos que, a julgar pelos nomes citados, possue o autor. Limitaremos esta nota a mero registro, deixando que falem os sabios da escriptura... O que podemos afiançar é que, deste geito, o sr. Almachio Diniz acabará não reformando coisa nenhuma...

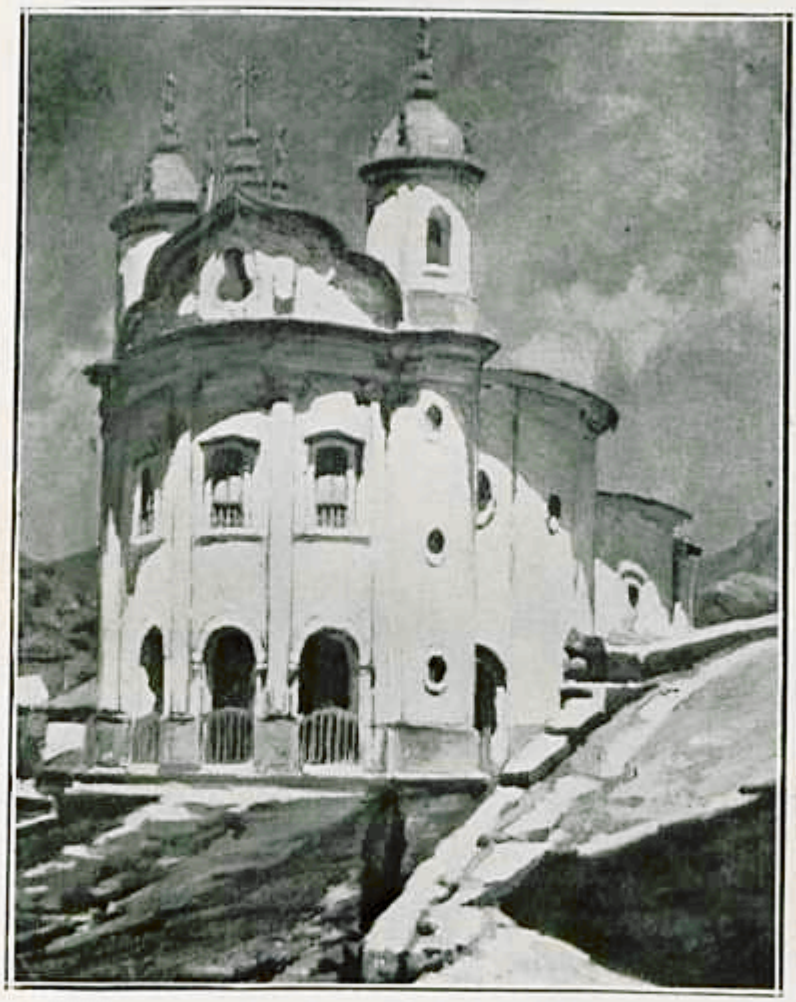
ENTARDECER — Silveira Bueno — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

A poesia do sr. Silveira Bueno parece nascer das silenciosas arcadas de um claustro. Ha nella todo o mysticismo dos monges que rezam pelas

horas mortas e por vezes como que se ouve, no rythmo de seus versos, o tatalar alacre de sandalias, percutindo a mudez cavernosa das egrejas. Nada de pompas, nem nos motivos, nem nos vocabulos. E' toda branda, serena como a luz mortiça dos cirios que erguem aos céos a piedosa oblata dos felizes que têm fé. Lembra ás vezes o Amadeu Amaral de "Urzes".

Cabe-lhe, pois, mui bem, o titulo que deu ao volume. Entardecer — hora mystica das aves-marias, quando a alma do misero mortal se confrange e se penitencia, ao som dos carrilhões que enchem o crepusculo de uma symphonia extranha. E o poeta canta, como que a rezar:

A sombra avança e a noite desce...
Começa um sino a badalar...
Bemdita a mão que se enclavinha em prece,
Bemdito aquelle que trocou, risonho,
o tormento infernal de só viver do sonho,
pelo prazer divino de rezar!



IGREJA DO ROSARIO (Ouro Preto)

RESENHA DO MEZ

O VOTO SECRETO

A Commissão de Justiça da Camara dos Deputados já emittiu parecer favoravel, ao projecto que institue o voto secreto e obrigatorio para as eleições do Districto Federal.

Coincide essa util iniciativa parlamentar, limitada infelizmente aos pleitos municipaes da capital da Republica, com o movimento do elemento feminino paulista, em prôl da adopção do sigillo absoluto do suffragio, por parte da legislação eleitoral de S. Paulo.

Quer isso, portanto, dizer que a bem inspirada propaganda da Liga Nacionalista, no sentido da garantia do segredo do voto, conseguiu, mais breve do que se esperava, na terra heroica das bandeiras, a adhesão do sexo fraco, até aqui incomprehensivelmente alheiado de toda acção sanificadora das chagas innumeraveis que corroem a nossa enferma democracia.

Mas, não só no objectivo da reforma legislativa em andamento, senão tambem no pensamento das defensoras patrioticas da unica forma aceitavel do exercicio do voto, se nota a incomprehensão dominante no ambiente brasileiro relativamente á base do nosso systema eleitoral.

Não havia mister de uma lei do Congresso, estabelecendo o segredo do voto para determinadas eleições.

Quem não sabe, porventura, que o escrutinio secreto é o principio essencial da organisação eleitoral da União Brasileira?

A lei eleitoral vigente é de uma clareza decisiva neste tocante. Basta vêr-se o que dispõe imperativamente a mesma sobre a maneira de votar:

"O voto do eleitor será secreto, escripto em cedula, collocada em envolucro fechado e sem distinctivo algum, podendo, entretanto, ser impressa, mas trazendo sempre a indicação da eleição de que se tratar. Ao eleitor só é permittido votar a descoberto, quando a eleição se realizar em cartorio" (art. 31 § 2.º do dec. n. 14.631 de 17 de janeiro de 1921).

Na letra da lei citada existe, pelo menos, o principio que os nacionalistas advogam e que a cegueira do poder legislativo pretende restringir á determinada circumscripção do paiz.

Estabelecido, entre nós, o segredo do voto, restava tão sómente ao Congresso Nacional cercal-o de garantias effectivas, á semelhança do que o fizeram outros povos, que, em sua acção reformadora, não ficam sempre, como nós, em meio do caminho.

Sem as providencias complementares adoptadas por muitas legislações que nos devem servir de exemplo, não se pode pretender o sigillo que o nosso legislador recommenda na expressão do voto de cada cidadão.

O suffragio secreto reclama, antes de tudo, um padrão obrigatorio de envolucro para a cedula.

A experiencia aconselha que esse envolucro seja opaco e contenha um timbre official perfeitamente discernivel. Convem deixar-se ao Estado o encargo do fornecimento dos enveloppes e das proprias listas com os nomes impressos dos candidatos.

Além disso, torna-se necessario o estabelecimento de um gabinete de insulação,

sem janella e com uma porta apenas communicando-se com a sala em que funccionar a secção eleitoral.

E' o que ordena o systema argentino, copiado intelligentemente de outros povos cultos, que haviam tomado a deanteira ás democracias sul-americanas no aperfeiçoamento e respeito aos direitos politicos.

Na visinha Republica do Prata, o processo eleitoral é regido por disposições legaes que arredam as temidas possibilidades das incursões do arbitrio e dos manejos da politiquice, gafada e burladora.

Ali recebe cada eleitor directamente do presidente da mesa um enveloppe, passando aquelle, em seguida, a convite deste, para uma peça contigua, onde faz o encerramento da cedula.

A lei diz textualmente que "la habitacion donde los electores pasan á encerrar su boleta en el sobre no puede tener más que una puerta utilizable, no debe tener ventanas y estará iluminada artificialmente en caso necessario".

Introduzido nesse compartimento de insulação e fechada exteriormente a porta pelo presidente do comicio, o eleitor encerra no enveloppe recebido o seu boletim de suffragio, voltando immediatamente ao local onde funcciona a mesa. E' o proprio eleitor quem deposita o seu voto na urna collocada sobre a mesa existente na sala em que se effectua o pleito.

Cada cidadão considera-se assim ao abrigo de todas as ameaças e perigos por motivo da emissão de um suffragio, contrario aos interesses de qualquer dos partidos em luta ou das situações officiaes, armadas outrora de um prestigio omnimodo.

Todas os credos, todas as opiniões encontram opportunidade de expressão sincera pelo exercicio livre do voto, em que se assentam, afinal, a força e a belleza do regimen representativo.

Data de 10 de fevereiro de 1912, a lei que arrancou o governo da Argentina ao egoismo baixo dos corrilhos, servidos por influencias nascidas do acaso e da fraude, sem outro apoio além do que lhes emprestavam, por justificada connivencia, as oligarchias absorventes das provincias, para o confiar á politica organica e programmatisada dos partidos, cuja acção se intensifica e se depura cada vez mais no ambiente livre e oxygenado em que esplende a vida civica daquella nação.

Adoptando tambem o voto secreto, o Uruguay modificou promptamente os seus costumes politicos e tornou possivel uma collaboração mais estreita de seus grandes homens na obra que corresponde a cada administração publica. A influencia do espirito popular reflecte-se largamente na actividade ordenada dos partidos. — E' o que se sente, é o que se percebe no funccionamento regular de suas instituições progressistas.

Se a lição ministrada por duas adeantadas republicas sul-americanas não basta para vencer a obstinação interessada dos dirigentes brasileiros no erro capital de sua legislação eleitoral, não é de se esperar que continuem estes, ainda por mais tempo, insensiveis á eloquencia dos exemplos que vêm igualmente da Europa.

Paizes de civilisação milenaria attestam a excellencia do regimen eleitoral que ora se pleiteia, de norte a sul, como remedio imprescindivel ao nosso analphabetismo civico.

E isso precisamente no momento em que o esforço de cada legislador, nas boas organisações eleitoraes, segundo eminente publicista, é "descobrir justamente processos que possam assegurar o segredo do voto", garantindo o eleitor "contra os odios e resentimentos das pessoas de que elle está dependente".

Os ensinamentos da França confirmam a verdade do asserto.

A lei de 30 de novembro de 1875 consagrou ali o bom principio aqui defendido. Todavia, suas disposições, conforme diz Duguit, eram "insufficientes em relação ás medidas asseguratorias do sigillo e da independencia do eleitor".

"Depois de largas peripecias foi votada a lei de 29 de julho de 1913, que leva precisamente o titulo — "Lei que tem por objecto assegurar o segredo e a liberdade do voto, assim como a sinceridade das operações eleitoraes".

Trouxe-lhe modificações a lei de 31 de março de 1914. Ambas, porém, prescrevem, em caracter imperativo, o recolhimento do eleitor a sitio conveniente, para, a salvo de qualquer indiscreção ou influencia, collocar a sua lista de votação dentro de um enveloppe, opaco, sem gomma e de typo uniforme, fornecido e

timbrado pelas Prefeituras ou Sub-Prefeituras. Feita essa operação, o votante deposita o envolucro, contendo a sua chapa, na urna eleitoral.

Ao presidente da mesa cabe verificar se o eleitor não tem mais de um envelloppe.

A nova lei eleitoral italiana de 13 de dezembro de 1923 vae ainda mais longe nas providencias concernentes á obrigatoriedade sigillar do suffragio. "Se a expressão do voto não se fizer no gabinete de insulação do eleitor, será a cedula apprehendida e annullada pelo presidente da mesa eleitoral, não podendo mais aquelle votar". (art. 72).

E o presidente que não obrigar o eleitor a entrar no compartimento destinado á emissão do voto, incorrerá em pena corporal e na multa de quinhentas a mil liras.

"As mesas destinadas á expressão do voto devem ter preso a uma corrente o lapis necessario ao eleitor para exprimir o voto e devem ser isoladas e collocadas a conveniente distancia, não só da mesa eleitoral, como tambem da divisão; o lado em que se senta o eleitor tem que estar proximo á parede e os outros lados devem ser munidos de anteparos que assegurem o segredo do voto" (art. 60). Absolutamente resguardado das vistas alheias, o eleitor assignala, a lapis, na lista dobrada, que lhe fornece o presidente, os nomes dos candidatos de sua predilecção, tendo ainda a faculdade de escrever do seu proprio punho qualquer outro nome nas linhas propositadamente traçadas na parte central.

Como se vê, o processo eleitoral italiano offerece patente semelhança com o systema australiano, segundo o qual, como mostra Marneco Souza, "todos os candidatos são inscriptos num boletim preparado e distribuido pelo Estado, e o eleitor indica sobre elle os candidatos que escolhe. Como todos os boletins são iguaes e são preparados num pavilhão isolado, facil é de se vêr que o segredo se pode obter de um modo completo".

O boletim australiano reveste-se, entretanto, de duas fórmas: a da disposição dos nomes dos candidatos em ordem alphabetica, com a designação dos partidos a que estes pertencem, e a da lista de cada partido impressa numa columna á parte, facilitando, dest'arte, ao mais bronco dos votantes o reconhecimento dos candidatos de sua sympathia partidaria.

Não é, aliás, o systema mais aconselhavel para o Brasil, á indole de cuja legislação se adaptaria melhor uma reforma calcada no modelo belga, que é o seguido de perto pela França e Argentina.

O enveloppe naquella admiravel "democracia coróada" é fornecido pelo proprio Estado. De posse do mesmo, recolhe-se o eleitor ao gabinete insulado, onde encerra a sua lista, regressando, em seguida, á sala da secção eleitoral, para depôr na urna o seu voto.

Entre nós, parece ser mais acertado o uso do enveloppe opaco. Sem a imposição de certas minudencias previdentes, não ha reforma eleitoral que escape, na nossa terra, á fatalidade do mal persistente da fraude.

Rego Lins.

("Correio do Povo", Porto Alegre).

O ROMANCE BRASILEIRO

Quem é Monteiro Lobato? Não ha ninguem brasileiro, que presuma enxergar um palmo além do nariz, que o desconheça. Qual a sua opinião sobre o romance brasileiro? Eis o que talvez ignorem todos.

— Está vendo este livro? — pergunta-nos o grande novellista.

Pegamos o volume e lemos o titulo: 'A fortuna de Solano Lopes".

— Basta. E' um romance popular italiano, em que o autor explora um assumpto positivamente fantastico, inteiramente divorciado da historia, mas que colima um proposito que está sendo esquecido pelos escriptores brasileiros, tal o de interessar o povo.

Lobato grifa as palavras com um sorriso ironico e prosegue:

— Os romancistas brasileiros precisam tornar-se populares. Já reparou, que não temos um escriptor verdadeiramente po-

pular, em nossos dias? Não rebusque porque não encontra. Todos querem fazer parte do rol da "elite"... e até hoje Alencar e Macedo permanecem sem substitutos. Por que? Por falta de talento nas gerações que os succederam? Talvez sim, talvez não. Mas não creio: o que ha é uma pavorosa crise de romancismo. Sim, falta coração nesse diluvio de romances modernos, e o peor é que os tolos não percebem que só o coração é inalteravel e immortal. O naturalista que escreve um calhamaço e urde episodios crispantes ou immundos numa novella, com o fim de parecer psychologo, consegue interessar, quando muito, meia duzia de leitores entre mil amantes da litteratura de acção. E', sim. Foi a psychologia que estragou o romance. Qual psychologia, qual nada! A meia duzia de cidadãos do caso formulado na minha hypothese, póde ser que não se reproduza nas gerações vindouras. Por conseguinte, não escreva para a excepção que elles constituem. O romancista, muito mais imperiosamente do que os cultores de outros generos litterarios, devem escrever para a costureirinha. Esta, sim, é eterna; symbolisa a humanidade; possue, como esta, duas cordas só no coração: a tragica e a comica. Dahi a razão por que Dumas e Hugo, Bernardim e Zevaco são immorredouros. Por isso. Porque descobriram essas cordas e nellas apenas tocam. Naturalmente o coração humano tem outras cordas, mas secundarias, menos vibrantes que as duas do contraste apontado. Acontece ainda que nem todos possuem essas mesmas cordas secundarias: este, uma; aquelle, outra. Em todo, porém, as principaes existem.

— Então devemos ser ferrenhamente romanticos?

— Logico. E' uma lição que só agora aprendi, e tanto me convenço dessa necessidade, que iniciei a publicação de uma longa série de romances populares brasileiros. Sabe em quanto calculo a venda annual d'"A Moreninha", por todo o Brasil? Em nada menos de 50 mil exemplares. Vale ou não, a pena de se cultivar o genero? E' facto que me custou muitas horas de trabalho fazer a revisão do romance de Macedo. A d'"As memorias de um sargento de milicia", então nem lhe conto! O livro já fôra mal escripto e, a aggravar a feição hispida da prosa, uma infinidade de erros de revisão foi-se alli amontoando com o correr do tempo, graças á ignorancia de editores afoitos. E' possivel que a critica berre, pois enfiei a penna a fundo nessas obras, mas se fizer escandalo, tanto melhor. Eu partí deste principio: foram apontados como criminosos os autores das hediondas adulterações desses livros? Não. Logo, não pode ser culpado quem as alterou para melhor.

Lobato preenche o ligeiro hiato da dissertação com um sorriso ironico. E continúa:

— Aos nossos romancistas, eu, como editor, só tenho um conselho a dar: estudem os processos do romantismo francez. Ser imprevisto — eis o que importa. Lembra-me de que, certa vez, cahiram-me diante dos olhos os 24 volumes das "Memorias de um medico". Quasi amaldiçoei Dumas. Um romance em duas duzias de volumes?! Estafante! Audacioso! Deshumano! E a trocar amabilidades com a memoria de Dumas, deletrei as primeiras paginas... Ah! Não eram palavras: eram correntes. Debati-me. Debalde. Tentei fugir á estopada, mas estava definitivamente preso. Um capitulo atirava-me furioso sobre outro, e quando dei accordo de mim, trinta dias depois, suspirei alliviado! Devorara tudo numa vertigem de sonho. De uma coisa, em todo caso, serviu-me a esfrega: de não me deixar mais abocanhar assim atôa; por detraz das armadilhas, revolvendo o lado avesso do enredo, vou friamente analysando, acompanhando, destruindo os processos da carpintaria novellesca de Dumas. Que pirata! Que finorio conhecedor da idiotice humana!

Lobato abana a cabeça e sorri pela terceira vez. Depois, reinicia a palestra:

— O romance historico... Porque não o cultivam? Não precisam respeitar os Institutos Historicos... Ficção! Fantasia! Ouro falso! O livro italiano que ainda ha pouco lhe mostrei é um repositorio de mentiras sensacionaes. Que thesouro é

esse de Solano Lopes? Mas o caso é que o povo se interessa, porque o romance é uma caixa de segredos... Portanto, imitemol-o. Vamos romancear o thesouro de morro do Castello, o pé de meia recheiado de ouro da Ilha da Trindade... revelar que o celebre tyranno paraguayo esteve em espionagem no Brasil, antes da guerra de 70... De que se espanta você? O povo quer, o povo exige...

Silencio. Lobato passeia. Levantamo-nos. Elle volta-se:

— Insisto em dizer-lhe que a humanidade é romantica. Não me queira mal por isso. Passe bem.

("Folha da Tarde", S. Paulo).

A ACADEMIA E O SR. OLIVEIRA VIANNA

A Academia Brasileira conferiu, ha poucos dias, o seu chamado "Premio de Erudição" — louvando-se no parecer de uma commissão composta de tres academicos. Esse acontecimento, sem nenhum significado especial, provocou certos rumores nos circulos intellectuaes, não pela obra premiada, mas por allusão aggressiva contida no parecer contra o escriptor F. J. de Oliveira Vianna autor de livros notaveis, que honraria a propria Academia se a ella pertencesse. Não se comprehendia o intuito academico com essa objurgatoria intempestiva. Affirma-se, de outra parte, que a maioria ou a unanimidade academica tinha votado tal parecer sem attentar no ataque insolito, dirigido a um espirito da maior distincção, tão retrahido e modesto quanto estudioso.

Era esta a passagem aggressiva, que copiamos do parecer: "E' um livro (referia-se o relator á obra escolhida) de questão pouco versada nas nossas letras, "falhas de assumptos scientificos, sobretudo no campo sociologico, onde se têm alevantado desarrazoadas famas de escrevinhadores pernosticos e cheios de affirmações erroneas, só porque se abalançam a tratar de "populações brasileiras", o que quasi ninguem faz. E a obra de que a commissão se occupa não tem caracter restricto: ella abre azas no immenso espaço das generalizações, o que lhe augmenta o valor".

Parecem-nos a nós que seria interessante saber o que pensava a respeito o Sr. Oliveira Vianna, tão claramente visado em tal julgamento das nossas letras sociologicas. Com este pensamento, atravessámos a bahia, e fomos procural-o na sua residencia, á alameda de S. Boaventura, em Nitheroy. Mas o Sr. Oliveira Vianna, tão amavel e discreto, não contava com a curiosidade jornalistica, e parecia não comprehender que assumpto nos levava a solicitar-lhe uma entrevista. Era como se não soubesse noticia nem da Academia nem das opiniões. Foi necessario dizer-lhe claramente o que queriamos:

— Não leu o parecer da Academia sobre as obras de erudição?

— Não li o parecer. Li, por alto, apenas um trecho, que A NOITE publicou. E dahi? sorrindo...

— Parece que ha nelle uma allusão, transparente ao senhor e ás suas obras. O relator refere-se a ellas aggressivamente...

— E' possivel. E' provavel. E' quasi certo. Mas isso me interessa muito pouco — ou melhor, não me interessa nada. E' uma opinião pessoal ou personalissima do relator — e essa opinião, digo-o "sans rancune", não me parece, como nunca me pareceu, opinião de grande peso. Dentro da propria Academia ha muita gente que pensa de modo inteiramente differente — e com muito maior autoridade.

— Mas concorreu o senhor ao premio da Academia?

— Eu?! De modo algum. O premio é de erudição, e eu não sou erudito. O meu pensamento é comprehender, explicar o Brasil — e os livros dos autores estrangeiros só me interessam quando me auxiliam a realisar este objectivo. O povo brasileiro é para mim um grande livro que estou procurando ler e comprehender — e as obras dos grandes mestres têm apenas o papel esclarecedor de certas difficuldades ou obscuridades: vou a ellas como, deante de um texto em lingua estranha, costumamos ir ás vezes ao diccionario para buscar a significação de um termo desconhecido, ou traduzir com mais

precisão um pensamento obscuro. Apenas isto. Fóra disto, o mais é commigo, isto é, com a minha capacidade de comprehender, intuir, analysar a realidade. Confesso que a erudição pela erudição, a erudição pelo gosto da erudição, é sport que não me seduz: sou um espirito de feitio muito pragmatico para adaptar-me a esse genero de cultura. Tomar de uma these geral e contentar-se em discutil-a apenas no dominio das generalidades, nisso que Taine chama "o peristillo das idéas geraes" e ficar ahi, e não sair dahi, é coisa inteiramente refractaria á indole da minha intelligencia. Observar um complexo de factos objectivos, apanhal-os ainda palpitantes, dissecal-os a fundo, até as suas mais intimas fibrilhas, e, depois resumir tudo isso numa synthese lucida, precisa, exacta, calcada, modelada sobre a verdade viva da realidade observada; eis o que procuro sempre, embora nem sempre consiga, nos meus estudos — e confesso que só acho interesse e belleza nisso! Se a Academia, em vez de estabelecer um "premio de erudição", instituisse um premio de "observação", era possivel que eu me resolvesse a concorrer...

— Não notou que o relator academico procura contrapôr á sua obra a obra premiada para concluir que esta é superior porque é mais generica?

— Sim, notei mais ou menos isso. Não nego valor a essas obras de sociologia geral; mas acho perfeito disparatorio querer negar ou diminuir o valor dessas outras obras de sociologia nacional, como a que estou fazendo. Umas exigem faculdades de assimilação e generalisação; mas as outras exigem faculdades de observação, o sentimento da objectividade, a intuição, o senso do discernimento e da analyse. Ha intelligencias dotadas da faculdade generalisadora, mas pouco aptas para uma analyse séria de um facto concreto. Serão capazes de expôr, com o maior luxo de detalhes, theoricamente, as leis que regulam a influencia do meio economico sobre a sociedade em geral; mas, deante de determinada sociedade, a população do Nordeste ou a do Triangulo Mineiro, por exemplo, se lhes pedirem que mostrem e discriminem as influencias que o meio cosmico respectivo exerce sobre ella, embaraçam-se, desorientam-se e não chegam a nenhuma conclusão razoavel, acceitavel pelo consenso geral. E' perfeitamente absurdo querer contrapôr as duas sociologias, como se ellas fossem incompativeis entre si. Cada qual tem o seu campo proprio e, logicamente, as duas se devem mutuamente auxiliar. De mim, comprehendi cedo que seria muito mais util estudar o meu paiz e escrever para os meus compatriotas. Espirito de ambições modestas, contento-me em ser ouvido no Brasil — e isto estou conseguindo da melhor maneira. Não sei se essas obras de sociologia geral estão interessando a "elite" brasileira; mas posso affirmar que, em quatro annos, de 1920 até agora, tenho conseguido interessar o Brasil inteiro em torno das minhas idéas. As minhas obras estão sendo lidas com attenção e curiosidade por todas as classes letradas, desde a Amazonia ao Rio Grande, e não só pelas classes propriamente intellectuaes, mas até pela classe politica. Esta eu não esperava attingir tão cedo e entre grande numero de homens politicos acompanham as minhas com um carinho generoso. Ora, o meu objectivo é justamente este, e tenho razões para estar satisfeito.

O Sr. Oliveira Vianna falava, realmente, com absoluta simplicidade, risonhamente, como se apenas quizesse desculpar-se, ao jornalista que o procurava, de não poder apaixonar-se por pequenas querellas de partidos. E as suas ultimas palavras ainda foram a affirmação de uma consciencia tranquilla, a certeza de um pensamento que se sabe livre e forte:

— Esses ataques irritados, virulentos, apparentemente inexplicaveis, e que, de quando em quando, me salteiam, são perfeitamente symptomas typicos e me fazem sorrir — porque são a prova da verdade que estou affirmando...

("A Noite", Rio).

ECCE ITERUM...

Segundo os telegrammas, revestiu impressionante apparato a execução do novo condemnado ao martyrio do poder, em Minas, isto é, a posse do novo governador do Estado. Exuberante em phrases e vocabulos de gala, o correspondente de Bello Horizonte conta das decorações da cidade, especialmente do local onde se consumou o sacrificio, local que se chama Palacio da Liberdade, com a mesma amarga ironia com que os escribas e phariseus chamaram de diadema real á corôa de espinhos, com que sangrou, ha vinte seculos, a sagrada fronte do divino martyre do Golgotha.

Ninguem que se dê ao facil e interessante sport da nossa politica, quer para pratical-o, quer como torcedor, ou mesmo simples mirone, terá esquecido as mortificadas apprehensões da victima, á hora de lhe ser intimada a sentença que a condemnou a governar toda aquella vasta e grandiosa terra mineira, por quatro annos. Ninguem, portanto, deixará de sentir-se commovido, vendo a realidade succeder áquellas afflictas apprehensões.

No banquete de uso aos candidatos officiaes — lembram-se? — o, então, futuro presidente fez, no seu tocante discurso, aquelle doloroso confronto entre os antigos martyres da liberdade e os contemporaneos martyres do poder, concluindo por assegurar que muito mais padecem estes do que aquelles padeceram.

Subscrevendo tão justo e verdadeiro conceito do candidato, o illustre paranympho, sr. João Luiz Alves, encareceu o alto sentimento do dever civico que se precisa ter para supportar uma alta posição official, como seja, por exemplo, presidente da Republica, dito do Estado, ministro do executivo, etc.

Agora, dissuadida qualquer esperança de perdão ou commutação da pena, pois que áquella terrifica perspectiva seguiram-se, sem tropeços ou delongas, os tramites do processo — eleição, apuração, reconhecimento e, afinal, a ultima gôta de fel, a posse, não se deve deixar de assignalar esse momento solemne em que começa o sacrificio patriotico do novo martyr do poder, tanto mais quanto, logo ao primeiro passo na via dolorosa, verifica-se que não havia exaggero, figura de rhetorica ou prosa, em considerar mais dura a sorte dos martyres do poder do que a dos martyres da liberdade, classe, felizmente, extincta.

E, se não... ao passo que Tiradentes e os outros martyres de antanho, tiveram o consolo do morrer, senão de todo anonymos, em todo o caso isentos de certos precalços do officio, a que não escapam os martyres de hoje. Logo no primeiro noticiario local, repetido pelo telegrapho, sobre a cerimonia da sua investidura, diz-se, nada mais nada menos, que o dr. Mello Vianna foi — que horror! — ovacionado.

Francamente, é mais forte que a força humana o martyrio do poder. Só as atrocidades da linguagem moderna bastam para abater e annihillar todo e qualquer sentimento de dever civico e patriotico, por mais vehemente que seja.

Ovacionado, logo de saída, Santo Deus!...

("O Jornal", Rio).

A ACTIVIDADE PAULISTA

No Rio de Janeiro, realisou-se, nos ultimos dias do mez passado, por iniciativa da Liga do Commercio, uma reunião das directorias de associações commerciaes e industriaes do Rio de Janeiro e de S. Paulo, para estudar as causas da crise de numerario e suggerir ao governo federal os meios de conjural-a.

Nessa reunião, que se distinguiu pela concorrencia de altos elementos representativos da classe commercial das duas importantes praças da Republica, foi approvada a proposta, enunciada num discurso do dr. José Carlos de Macedo Soares, presidente da Associação Commercial de S. Paulo, a qual concretisou as deliberações da assembléa depois transmittidas ao presidente da Republica, por uma com-

missão composta dos srs. Araujo Franco e Othon Leonardos, presidentes da Associação Commercial do Rio.

O conhecido banqueiro paulista examina, em primeiro lugar, na sua exposição, as contingencias da praça de S. Paulo e revela, como abaixo se vê, o surto surprecendente da actividade paul'sta. Diz o dr. José Carlos de Macedo Soares:

"Vejamos assim em primeiro logar como se avolumam, em S. Paulo, as "applicações de capital".

Em toda a parte, é nos fundos immobiliarios que o capital conservador vae buscar uma estabilisação rendosa e segura.

S. Paulo, a esse respeito, offerece numeros bastante eloquentes:

Novas construcções — A cidade de S. Paulo começou o anno de 1924 construindo mais de duas casas e meia por hora de trabalho. Em agosto, a Prefeitura concedeu 318 licenças para novas construcções; em setembro, 537; em outubro, 557 contra 540 licenças concedidas no correr de janeiro.

Ao terminar o anno de 1924, a capital paulista estará construindo, certamente, 3 casas por hora de trabalho, ou sejam 24 casas por dia ou uma casa por hora.

Essa intensidade de construcções comparavel apenas, no mundo, com a de uma ou duas cidades norte-americanas, não impede que de outras maneiras se appliquem os capitaes paulistas.

Desdobramento dos capitaes proprios dos Bancos — Ao mesmo tempo que o Banco de Commercio e Industria e o Banco de S. Paulo fizeram as chamadas de suas novas acções subscriptas antes dos acontecimentos de julho, o Banco Noroeste eleva seu capital de 12.000 para 30.000 contos, e o Banco Commercial do Estado de S. Paulo, augmentando o seu capital de 50.000 para 75.000 contos, galga o primeiro logar, em recursos proprios, entre os estabelecimentos bancarios do paiz, excluido o Banco do Brasil.

Outras applicações de capital — Além de varios emprestimos lançados por empresas industriaes, e cobertos immediatamente, foi registrado na praça o augmento do capital da poderosa Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que chamou mais 30.000 contos além de 3.000 contos de agio.

As grandes transacções — E' de facto surprehendente a actividade dos paulistas após a revolução em São Paulo.

Existem, hoje, na capital, pouco mais de oito mil automoveis. Quer dizer para cada noventa habitantes circula um automovel.

As transacções de propriedades já ultrapassaram as estatisticas do principio do anno.

Em janeiro haviam sido transferidas propriedades no valor de 14.469:121$332. Em agosto esse total diminuiu para ... 10.477:848$833. Em setembro subia vertiginosamente a 32.004:415$313. Em outubro baixou novamente a 25.912:303$521. O mez de novembro acusa dados que passam a espectativa mais audaciosa.

No dia 19 de novembro corrente em um só cartorio, o do conceituado tabellião, dr. Angelo Gabriel da Veiga, foram lavradas escripturas no valor global de 78.893:100$000! Neste mesmo cartorio na vespera havia sido lavrada uma escriptura de 20.000:000$000. E ao cartorio do honrado tabellião dr. Antenor de Macedo, fôra lavrada outra escriptura de ..... 20.000:000$000.

Dentre as operações mais vultosas devo salientar: a fazenda Cambuhy, criada pela intelligencia brilhante e vontade forte de Carlos Leoncio de Magalhães, e vendida por 20.000:000$000; a Fabrica de Tecidos "Maria Zelia", poderosa organisação industrial, e modelar instituição social, devida ao cerebro admiravel e coração magnanimo do dr. Jorge Street, foi transferida por 25.000:000$000; a Companhia Nacional de Tecidos de Juta, a primitiva fabrica do inolvidavel industrial paulista Antonio Alvares Penteado, foi cedida por 42.000:000$000.

Devo dizer que afóra a fazenda Cambuhy, todas as demais transacções representam applicação de capitaes brasileiros.

Não são, é evidente, de commerciantes e industriaes, todos os dinheiros que têm girado nessas transacções avultadas.

Uma parte provirá da lavoura e das profissões liberaes. Não importa. Esses algarismos suggestivos significam, e é o que nos interessa, com exactidão, uma larga prosperidade economica do Estado, e consequente solidez da praça de S. Paulo.

EXPOSIÇÃO LOPES DE LEÃO

RUA DA QUITANDA (Diamantina)

Fallencias e concordatas — No correr do mez de outubro foram decretadas em todo o Estado de São Paulo 30 fallencias sendo: 23 na capital e 7 no interior. Das fallencias decretadas, eram firmas regulares apenas 12, com um capital registrado de 975:000$000.

Em igual periodo foram requeridas somente duas concordatas preventivas com um passivo de 280:670$970.

Titulos protestados — Os balancetes dos 10 principaes bancos accusavam na rubrica titulos descontados: 611.869:000$ em agosto; 655.273:000$, em setembro e 639.220:000$000 em outubro. Nos mesmos mezes foram protestados 376 titulos em agosto, representando 861:791$850; 1.211 em setembro — final da moratoria — representando 2.727:220$199; e 822 titulos em outubro representando 1.852:347$457. Como se vê, a porcentagem de titulos protestados é insignificante, mesmo comparada apenas com os descontos bancarios. Torna-se quasi nulla, comparada com as sommas vultosas das letras, promissorias e duplicatas do commercio e da industria em geral. A estatistica dos titulos protestados só por si demonstra a solidez da praça de São Paulo.

O intenso trabalho nacional em S. Paulo vae produzindo os valores de que dão noticia esses algarismos. Maiores, talvez, seriam elles, se não fora a entorpecel-o a nossa situação financeira".

DEBATES E PESQUIZAS

NACIONALISMO E LINGUA NACIONAL

Um redactor do sympathico jornal "L'Oeuvre", em artigo intitulado — "Chez nous. — Si nous parlions français?" — reclama contra a invasão dos termos estrangeiros e contra o francez mal falado. Rebella-se contra as taboletas em linguagem variegada. Em pleno "boulevard", o francez pensa que está "em Melbourne ou em Varsovia". Nos bondes ha inscripções num francez de pacotilha: diz-se "places assises", em vez de "voyageurs assis". Nos armazens, "on livre de suite" em vez de "immédiatement"... Até eu, "barbare accuilli ("sic") en France", noto ás vezes a meus hospedeiros benevolos que não devem dizer "vis-à-vis" por "dans l'intention"...

Tudo isto é muito justo e eu quizera que ahi tambem se corrigissem do vezo mau de falar portuguez estrangeirado. O Ministerio do Exterior, que desde Rio Branco pretendeu decretar até graphias nacionaes estrangeiradas (o Brasil teuto-francez com 's"), agora se esforça por fixar um "entendimento cordial", por "entente cordiale"... Já que o Brazil imperial ficou Brasil á moda teuto-franceza, porque não fazem logo da "entente" uma "ententa", que o provençal já consagrou? Se o accôrdo nacional — um "accôrdo amigavel", e uma "boa, amigavel intelligencia" lhes não bastam, adoptem a "ententa" e deixem-nos ler Camões, com "o entendimento de seus versos", segundo o amor e a clara lingua de nossos avós, para

Saber que só um cego entendimento
A's amizades faz prender o preço,
Assim, com
... entendimento.
Que experiencias fazem reposado.

nós cultivaremos a lingua em seu fundo essencial, mas sem rejeitar contribuições estranhas.

O escriptor de "L'Oeuvre", por exemplo, torna-se estreito nacionalista quando em seu artigo "nos" chama "barbares accuillis", que "émaillent leur langage de barbarismes"... O caso foi a proposito de dois brasileiros que no "tribunal correctionel" se fizeram passar por "commerçants parisiens" e que eram querelantes numa "affaire d'escroquerie". Só depois de uma "enquête laborieuse", foram elles ativados ("boombardés") para o rol de brazileiros barbaros...

Como em outros casos, tomei um pouco o pião nacional em minhas unhas barbaras, e enviei ao homem uma nota que resumo aqui, em portuguez (neste portuguez inçado já de barbarismos... francezes).

Não lembrei que os puristas francezes condemnaram a phrase "sacramental", com que o presidente houve por bem abrir os pouco felizes "Jogos Olympicos". Ahi elle teve que dizer: — "Je proclame l'ouverture des jeux olympiques de Paris, célébrant la huitième olympiade de l'ère

moderne". Uma "abertura" que "se proclama" e um "celebrando" que não celebra nada, porque a "olympiada" é um quadriennio, não é festa, e a éra moderna, carece de "olympiadas"... Creio que deviam dizer como nos bons tempos da monarchia e do imperador, com os então ridicularizados "papos de tucano": "Augustos e dignissimos, etc.... está aberta a "sessão" dos jogos olympicos"...

Como o artigo mal tinha um "gemeo" (*) de longura, catei os termos estrangeiros que o articulista empregou em tão poucas linhas. Achei uns quatorze: — 'tract", "tramway", "metro", "opera', "pastiche" (pasticcio"), "jargon" ('gergo"), 'charabia" ("arabia" e "chara", de node "achat"), "escroquerie" ("scrocco" italiano, e allemão arcaico — "scorga"), 'brouiller", ("broglio", "imbrogliare" e allemão "brodeln"), "bombarder" (italiano, hespanhol e portuguez 'bombardar"), "boutique" (de 'bottega" e "botica"), "blesser" (do allemão "bletzen"), e "émailler" (do allemão antigo). E isso só para contar os termos importados pelo purista e tomados dos povos vizinhos. Que seria se elle não fosse purista! O titulo de minha nota foi: "Si nous parlions français, sous l'influence fraternelle des autres peuples?"

Este pequeno episodio evidencia dois factos:

1) Incontestavelmente cada povo deve pugnar por sua lingua e cuidar de sua elegante pureza, da "boa vernaculidade patria";

2) Fatalmente, os povos communicantes hão de influir uns nos outros e reciprocar palavras, expressões, modismos.

Todo o problema está no determinar os caracteres fundamentaes de uma lingua, em sua vernacula pureza de construcção, de lexico, de syntaxe e de cuidado estilo. E depois inferir os processos de adopção, de adaptação para as acquisições modernas.

(*) "Gemeo" é o pequeno palmo que se obtem com o index e o pollegar distendidos. Era popular em S. Paulo e falta na lingua literaria (que deve ser pura mas com accrescimos, sobretudo os "nacionaes", como é este).

Nossa lingua é talvez a mais romana das linguas novi-latinas. Estrangeiros que nos observaram, com animo de entendidos isentos, acharam que tudo em nós reflete um romanismo essencial e mesmo intenso.

Falta-nos, porém, um estudo serio sobre a indole, sobre o "genio" de nossa lingua e de nosso povo. Desprezaram-se injustamente ou descontinuaram as tentativas de um *Leoni* (1858) e de um *Herculano* (1846-1860). Uma escola com illusões teuto-saxonicas e copiosas formas estrangeiradas, inventou ha tempos uma lingua nova, com uma nova philosophia... Dahi uma literatura onde se derrancava o gosto e os pensamentos não se exprimiam "á camoneana".

"Com rara graça e com saber antigo".

Em meu exilio não conheço os contemporaneos. Espero que entre elles haja quem retome ou já retomasse o bastão dos *Leonis*, dos *Herculanos* para nos dar livros claros e consistentes. Livros de lingua pura, de vivo saber polido, progressivo e ancorado em tradições avitas, mas sem "substratum" vão.

O purismo não é immobilismo classico. Mas tambem não deve tornar-se um estrimanço barbaro, como o dos "hermetistas" medicos, dos technicos obscuros e de certos juristas impregnados de germanismo. Vocabulos abstrusos, — com ares de recobrir abstracções profundas ou sciencia infusa — e camandulas de synonymos rombos, ou ramal de enumerações exhaustivas, só servem de annuviar o cerebro e deformar a lingua. Conviria tambem evitar a tumente sonoridade verbal, com vestimenta classica e estilo corredio, a estender-se prolixamente, com idéas limitadas... Estilo que empolga, mas não educa, não instrue ninguem.

Falou-se muito em alta cultura. Appellaram para os professores estrangeiros que ahi estão a ensinal-a agora. Como? Expondo a evolução theatral franceza e a "sciencia" (?) financeira? Não vejo em que nossa alta cultura se elevará com esses pretensos conhecimentos "cultos" e "curtos". Servem para vender livros estrangeiros e aproveita ao mercantilismo literario ou theatral...

Sem ensino scientifico, essencial, logico, na "lingua materna" e com sequencia

methodica, — não ha cultura da intelligencia e ainda menos cultura nacional. Ha enxertos de idéas que se digerem mal e que se exprimem imperfeitamente, numa linguagem estranha, ou mesmo estrangeira. O cerebro precisa haurir noções reaes, certas, precisas, consistentes, claras, em limpidos termos "nossos" que encontram na alma os ecos affectivos de uma educação maternal, de uma lingua impregnada de sentimentos caseiros. Isso aquece o entendimento e faz eurairar noções... Assim o alto saber se exprimirá depois com ardente convicção, com efficiencia patriotica e para o progresso nacional, humano.

Paris, Julho-Agosto 1924.

José Feliciano

("O Estado de S. Paulo").

POESIA POPULAR

I. — CORRENTE URBANA E CORRENTE RÚSTICA

A poesia popular do Brasil, como a de toda a parte, comprende dois vastos dominios, que se devem discriminar desde logo: o rústico e o urbano. Embora, ás vezes, se compenetrem, e possam apparecer manifestações esporádicas de uma delas no território da outra, as duas divisões não se confundem, e não devem ser esquecidas de quem quer que pretenda discriminar os vários e verdadeiros aspectos e tendencias das nossas criações populares.

A êste respeito escrevemos uma vez:

"Antes de tudo, guardemos-nos de confundir o cancioneiro popular da cidade com o cancioneiro popular da roça.

O da cidade anda muito impregnado de influencia do teatro e das infinitas colectâneas que os livreiros, de longa data, impingem aos cantores; imprime-se frequentemente em livritos de cordel, e tem suas pretensões. E' a poesia dos palhaços-trovadores, dos músicos-poetas, cujo talento se abre ao calor de tocatas por tavernas de bairro e bailaricos de arrabalde. E' a poesia do *violão*.

O cancioneiro do campo é muito mais singelo e mais original. Não se sabe, em regra, nem como nem onde nasceram os versos. São reperussões de outros que já foram cantados... Obedecem a normas muito suas, normas que pouco variam, tendo por vezes um sabor pronunciadamente arcaico. Tudo, nelas, é simplicidade de almas, normalidade honesta de sentimentos, idéas de vôo curto mas claras e sãs. Nenhum ressaibo de literatura. Nenhuma rebusca. A linguagem é o genuino dialecto sem liga. E' a poesia dos tropeiros, dos carreiros, dos boeiros, dos trabalhadores da roça. E' a poesia do fandango, das noites de S. João em roda das fogueiras, dos puchirões e das bandeiras do Divino, dos responsos e dos pagodes. E' a *poesia da viola*".

E' certo que não se pode estabelecer uma nitida linha de separação entre uma e outra dessas duas ordens de elaboração poética popular, mas nem porisso a differença fundamental, aqui indicada, deixa de entrar pelos olhos. Para se perceber de golpe tôda essa diversidade, basta comparar um "cantador" da roça, do interior de S. Paulo, áquillo que denominamos escarninhamente um "trovador de esquina".

O primeiro é um caipira legitimo, na criação, nos costumes, no trajo, na fala, geralmente analfabeto; o segundo um citadino escovado, frequentador de casas burguezas e de galerias de theatro, geralmente com tinturas de instrução.

O primeiro canta "modas" e "versos", isto é, composições longas e quadras soltas, intimamente ligados — ponto importante — pela substância, pelo ritmo, pela forma, pelo destino, a costumes tradicionaes da roça, hábitos de trabalho, géneros de ocupação, dansas e actos religiosos, festejos profanos, etc.; o segundo canta modinhas e lundús, fados e cançonetas, barcarolas e romanças, e outras várias indrôminas artificiaes, que nada teem com os costumes e são apreciadas em si mesmas, como as peças da literatura e da arte cultivada.

Assim, a poesia da roça não pode ser convenientemente compreendida, se não

se observam os "actos" a que se acha entrelaçada, e que, a explicam. Apanhar os seus produtos, como de ordinário se faz, e amontoá-los nas páginas das colectâneas, sem explicações, e, o que é pior, à mistura com toda uma quantidade de coisas colhidas em vários meios, lugares e tempos, é tirar-lhes a melhor parte do interêsse que possam offerecer ao estudioso da psycologia popular, reduzi-los a simples curiosidades, nem sempre curiosas, e mesmo tornã-los em grande parte incompreensiveis.

Essa maneira de proceder origina-se num modo de vêr muito propagado tanto aqui como em Portugal: por influência de hábitos literários, de preconceitos estéticos e tambem de certas teorias germanicas, talvez mal interpretadas, considera-se o povo como um artista qualquer, equiparam-se as suas producções ás de "outros" literatos, e pretende-se que ellas sejam lidas e saboreadas isoladamente, apreciadas no seu valor absoluto, como puros artefactos de joalheria literária. Então, sob o império destas ideas, como nem sempre os versos do povo são correctos e bonitos, ou escolhem-se cuidadosamente os que o sejam, ou corrigem-se e retocam-se...

Entretanto, seria tão simples e fácil encará-los sob a verdadeira e única luz a que devem ser considerados: não como produtos "intencionaes", "autónomos" e "acabados" de uma preocupação autoral, mas como simples *reflexos* de uma vasta elaboração anónima, "nunca terminada" e "interminável", que de resto abrange toda a actividade humana do povo — ideas, crenças, arte, filosofia, costumes, num inextricável enovelamento.

Mas continuemos o nosso paralelo

Os versos do caipira não são escritos; os do "trovador" não são só escritos, como também são musicados; teem pretensões a literatura, ou foram mesmo tomados á literatura, através das compilações baratas vulgarizadas pelos livreiros.

A música do caipira, igualmente não escrita, vive na tradição e da tradição; é simples, monótona, plangente; sua génese é inseparável do ritmo das danças caracteristicas; está sempre adaptada á medida secular dos versos de sete sílabas ou, menos vulgarmente, de cinco, dispostos as mais das vezes em estrofes regulares. A música do "trovador", ao contrário, variável e copiosa como as modas que se sucedem, ou é pilhada ao largo património público das composições em voga, ou feita expressamente por maestrinos e amadores da cidade: música complicada, caprichosa, cheia de notações, com grande variedade de ritmos, abrangendo versos de todas as medidas e estrofes de todos os feitios.

O instrumento do caipira, como já se disse, é a viola; o do trovador é o violão. A viola, como o seu sócio, o pandeiro, e como os versos de sete e de cinco sílabas, tambem caracteristicos seculares da poesia popular das regiões rurais portuguesas, de Portugal nos veio, sem dúvida, desde os primeiros tempos da colonização. Tanto um como o outro daqueles instrumentos são freqüentemente mencionados em versos de cá e de lá, alguns comuns a ambos os países. O violão procede da guitarra lisboeta e coimbrã dos fadistas, ou de um tipo antigo de que resultou esta última, como é mais provável.

*

Em suma: a diferença entre as duas correntes é grande, e antiga, impondo-se a quem quer que deseje estudar a nossa poesia popular, sob pena de baralhar tudo e nunca chegar a compreender a natureza, a filiação, a marcha, as tendências próprias de cada uma, e seus mútuos empréstimos.

Esses empréstimos, aliás, não são muitos. A poesia popular da cidade ignora espantosamente a da roça. Toma-lhe, de quando em quando, alguns versinhos, ou limita-se a contrafazê-los, e canta-os com música alambicada, de um sertanejismo exagerado e convencional. A da roça recebe, por sua vez, aqui e ali, por intermédio de alguns caipiras mais espertos e mais em contacto com a gente da cidade, um ou outro trecho de música, um ou outro pedaço de letra; mas êsses empréstimos não chegam a influenciar profundamente a grande corrente tradicional, garantida pelo conservatismo inconsciente do roceiro.

Facto idêntico deve dar-se em todo o Brasil. Entretanto, a distinção não tem sido feita, contribuindo isto bastante para a falsa idéa, que geralmente se forma ácerca da poesia e música popular bra-

sileira, que para muita gente é apenas um mixto de brejeirice dengosa, de sensualidade estuante, de chulice rasteira e de grossa chocarrice, uma resultante de melúrias romanticas do século passado, amalgamadas com restos de lusismo, de hespanholismo, de africanismo e de cabocolismo, de habanera, de fado, de samba e de catereté.

Ora, essa arte, elaborada nas cidades, não é toda a nossa arte popular. E', de certo, interessante, e sob mais de um aspecto; mas nem por isso deixa de ser a menos espontanea e menos natural das manifestações poético-musicais do nosso povo. E' uma arte cultivada, consciente, rapsódica, inçada de elementos peregrinos, abeberada de literatura, com muito de intencional e de excessivo nos seus boleios brasilicos; obra de poetas e compositores letrados e semi-letrados, ou iletrados, mas "sabidos". Completamente estranha ás populações sertanejas de S. Paulo, deve-o ser tambem ás de Minas e dos Estados do Sul, senão ás de todos os Estados.

*

Feita a distincção entre a poesia da viola e a do violão, devemos acrescentar que nem todos os versos do povo são cantados com acompanhamento de instrumentos: há-os, também, que simplesmente se cantam em tom de vaga litania, como certas parlendas rimadas, rezas, etc. São, porém, excepções.

E' quási escusado aditar: nada impede que essa poesia "cantada" seja, alguma vez, recitada por alguns que lhe teem os versos de cor... Isso não lhe tira o carácter mélico com que nasceu e que, mais do que tudo, concorre para a sua conservação e para o prestigio que exerce na alma simples do povo sertanejo.

Amadeu Amaral.

("O Estado de S. Paulo").

A MARSELHEZA

Muitos dos nossos patricios estão candidamente convencidos que um hymno é cousa que se consegue mediante concursos. E fazem concursos de hymnos patrioticos, como fazem concursos de belleza.

Um hymno é a sublime explosão da alma nacional, emocionada pelo surto espontaneo do sentimento patriotico. Só em momentos de allucinação nacional, um moço, poeta, musico e soldado, podia escrever, como Rouget de Lisle, a letra e o canto da Marselheza, este hymno incomparavel, inconfundivel, cheio de notas graves e agudas alternadas, semelhantes a gritos de terror, a brados de agonia, a clamores de carnificina, a acclamação de victoria, a todos os éstos sublimes e angustiosos da alma humana, attribulada nesses dias de infinita commoção nacional.

Cantando a Marselheza, os soldados francezes marcham intemeratos para o combate e os condemnados politicos para a guilhotina.

Os Girondinos, a flôr da intelligencia, da belleza e do patriotismo francezes, seguiram para a morte cantando em côro o hymno sublime e fatal.

A' proporção que a cabeça de um cahia, uma voz faltava no côro e outras continuavam o canto.

O ultimo, Vernignaud, o mais illustre delles, subiu os degraus maldítos cantando sósinho as ultimas estrophes do hymno.

O cutello cortou-lhe a palavra e a nota:

Tremblez, tyrans, et vous, perfides...

Os francezes venceram Jennapes e Marengo cantando seu hymno de guerra.

A Marselheza é a carga de bayonetas das idéas.

Só por quem conhecia o toque estridente e bellicoso das cornetas, podia ser escripta aquella musica desatinada como um toque de degolla.

Um povo amollentado na inercia dos factos consummados, que nunca atravessou as supremas crises tragicas de perigo nacional, não póde produzir um hymno assim, que seja o rebate de clarins, o sussurro de vozes ululando nas pugnas

em que a nação sente o terror de Job tranzindo-lhe as carnes arrepiadas.

Nem mesmo póde produzir um "Dies Irae" porque lhe falta o sentimento, o enthusiasmo e a fé, que produzem grandes milagres da intelligencia.

Só um povo engrandecido pela paixão patriotica, pela paixão das coisas divinas, é capaz de produzir um hymno que seja a symphonia de todas as suas aspirações, enthusiasmos, desalentos, arremessos, ancias de liberdade, terror de escravidão ou da morte, ou anhelo da bemaventurança e, ao mesmo tempo, uma prece.

Um hymno é a synthese da alma de um povo.

Só um povo alanceado pelas supremas agonias da patria invadida, nadando em sangue, vibrando deante do fragor das armas e do estrupido dos batalhões, que marcham em passo cadenciado para o combate, compungido deante dos altares conspurcados; só um povo heroico, experimenta em absoluto as dôres da patria e dispõe do supremo poder de comprehender a letra e o canto de um hymno que é a musica e a poesia de todas as almas.

Um hymno não se estuda: improvisa-se.

Foi o que aconteceu com Rouget de Lisle.

Soldado, tinha de marchar com o seu batalhão para as fronteiras invadidas e combater pela patria em perigo.

O ambiente da França então estava saturado desses enthusiasmos, dessas loucuras moraes, dessa immensa furia de destruição.

Carlota Corday, a senhora Roland, os Girondinos, Robespierre e os terroristas, eram agitados por esse frenesi guerreiro e sanguinario, por essas agonias exacerbadas pelas noticias das formidaveis batalhas em que os exercitos francezes eram derrotados e pelos horrores das hecatombes monstruosas de Paris.

Tudo isto abalava os espiritos, tornando esse movimento desordenado, unico nos seculos, o maior acontecimento da historia depois do nascimento de Jesus Christo, como já foi dito.

A Revolução Franceza foi o choque decisivo do passado com o presente, do regimem catholico-feudal com o regimem democratico.

Idéas, crenças, instituições, piedade, justiça, todas as grandes cousas religiosamente guardadas no escrinio dos seculos e tidas como infalliveis pelos moralistas para a regeneração do genero humano, e que os maiores pensadores de todos os tempos sanccionavam e abençoavam, cahiram, emmoelladas, na sargêta por onde corria em regatos o sangue dos reis, dos nobres e dos plebeus misturado numa argamassa rubra feita com a poeira das ruas.

O povo, acompanhando a carrêta que conduzia Luiz XVI, Maria Antonietta e os fidalgos para a guilhotina, cantava a Marselheza com o mesmo fervor patriotico com que a cantava seguindo a carrêta que conduzia Danton e Robespierre á guilhotina, ou acompanhava o cadaver de Marat ao Pantheon.

Aquelle hymno servia para todos os actos extremos e solemnes, infames ou sublimes.

A questão era a emoção, o enthusiasmo do momento.

O hymno explodia sempre no frenesi das paixões anormaes, como um terremoto moral, convulsionando todas as fibras da alma.

A Marselheza nasceu do acaso de um improviso. Rouget de Lisle, tenente do exercito, tinha de marchar com o seu batalhão para as fronteiras.

Em casa do chefe do municipio de Strasburgo, onde tinha aquartelho filial, nas vesperas da partida, Lisle bebeu com o dono da casa a derradeira garrafa de vinho da sua outr'óra provida adega. A miseria era geral.

A fome penetrava até nos lares mais abastados.

Além da commoção intestina, da lucta sangrenta, que dividia os partidos, produzindo geral anarchia, os exercitos extrangeiros invadiam a França por todos os lados, espalhando o terror por toda a parte, por onde batalhões amigos e inimigos passavam com as bandeiras desfraldadas aos ventos, que vinham impregnados do odôr acre da polvura das batalhas.

A defecção de Dumouriez, as victorias dos austriacos, tinham por contra-peso os heroes de Paris, onde a guilhotina imperava e a canalha dava leis escriptas com sangue e lagrimas.

Rouget de Lisle, cheio de todos esses sobresaltos, de todas essas supremas agonias, proprias desses momentos tragicos, e que excruciavam a alma de Bruto na vespera de sua morte, ao recolher-se a seu quarto de rapaz, dominado por essas idéas acerbas e, talvez, pela dôr da separação de uma das filhas de Dietrick, a quem votava secreta affeição, sentou-se ao piano e compoz simultaneamente a poesia e o canto deste prodigioso hymno.

Adormeceu na embriaguez da inspiração prophetica.

Ao acordar, reanava-lhe pela imaginação confusa a indecisa lembrança, como um sonho vaporoso, dessa musica e desses versos.

Escreveu-os de um fôlego como os improvisára e correu para a casa de Dietrick, cujas filhas, como elle, patriotas enthusiastas, eram tambem artistas.

Convidaram alguns patriotas e, á noite, Rouget de Lisle cantou o seu hymno, acompanhado ao piano por uma das filhas do dono da casa.

A's primeiras notas, os ouvintes estremeceram abalados por extraordinaria commoção.

A's ultimas estrophes, todos se abraçavam chorando, num enthusiasmo indescriptivel.

Estava achado o hymno da revolução, diz Lamartine.

O hymno da Revolução, não: o hymno da França.

A Revolução passou com o seu desatinado estertor de tempestade; porém a alma franceza ainda se amotina num assombro de sublime patriotismo, quando então esse canto de guerra e de victoria, unico na especie.

Mezes depois, foragido, conduzido por um nobre guiz para a fronteira, Rouget de Lisle, mettido em um esconderijo, viu passarem batalhões francezes cantando a Marselheza.

Assim, pondera Lamartine, foi que Rouget soube o nome da sua obra!

A França não esqueceu e não esquecerá nunca o seu hymno de liberdade, o arrorrague de todas as tyrannias.

No tempo de Napoleão III era crime cantar a Marselheza.

Fazia-lhe mal aquelle canto entoado pelas hostes de seu tio, através da Italia através da Europa subjugada!

O tyranno tinha desses melindres e dessas antipathias.

O hymno da liberdade fazia-lhe mal aos nervos, porque elle fôra um inimigo da liberdade, um transfuga da Revolução!

A Marselheza, apezar de contar um seculo de existencia, parece de hontem.

O pavilhão glorioso da mais gloriosa das nações nunca mais fluctuou no tôpe de um navio ou no campo de batalha em Austerlitz ou em Watterloo, em Sedan ou em Marne, que não fosse saudado por esse hymno, que agita os nervos, ora parecendo rufos de tambores, ora toques de clarins, ora alaridos das grandes massas amotinadas.

Um hymno como a Marselheza, sim: é a alma franceza que canta a estrophe e a musica marcial e victoriosa.

Ainda é cedo para termos um hymno; por isto temos muitos hymnos arranjados em concurso.

Não somos ainda povo distincto numa nacionalidade distincta.

Não nos integralizamos ainda, não passamos ainda pelos tremendos transes das supremas afflicções nacionaes, para poder synthetizal-as na expressão immortal, vibratil, frenetica e guerreira de um hymno que seja para todos nós brasileiros a voz augusta da patria querida.

Ainda é cedo demais para termos hymnos nacionaes, porque, afinal, não temos nacionalidade definida, porque ainda vivemos como todos os povos menores, no periodo apagado das imitações.

Em qualquer solemnidade, a execução do hymno nacional não nos commove, porque aquella musica, aliás bella, porque aquella poesia inexpressiva, não são o brado da alma nacional.

O hymno da Independencia, dizem que escripto por D. Pedro I, vem da mesma origem e tem os mesmos defeitos.

A *brava gente brasileira* não o canta, porque não sente aquella musica e aquelles versos.

CLODOALDO FREITAS

O TESTAMENTO DE JUDAS

As nossas tradições, a pouco e pouco vão desapparecendo. Varios são os phenomenos que concorrem para esse desapparecimento: os costumes modificados por influencias exteriores, o regimen de intolerancia de determinadas épocas e talvez, o surto de um maior grão de aperfeiçoamento mental e moral. As gerações se succedem sem transmittir as tradições que receberam de seus maiores, ou as reproduzem modificadas, desvirtuadas pela actualidade em que viveram; assim, passam ao esquecimento.

Judas, outr'ora, era objecto de verdadeira solemnidade popular; o sabbado de Alleluia, depois que, os sinos das egrejas repicavam, annunciando a resurreição, era um dia de festejo. O rapazio procedia á execução do perverso Skarioth, então representado num boneco grosseiro, vestido de roupas velhas, sinistramente dependurado pelo pescoço num galho de arvore, ás vezes, dentro da praça principal da cidade ou da freguezia. Havia foguetes, buscapés, bombas chilenas, até musica. Em algumas localidades do interior, desciam o Judas e o amarravam sobre um cavallo velho e lerdo que faziam partir sem destino. E Judas cavalleiro, máo cavalleiro, seguia para os campos. Em breve tempo rodava e os pés ficavam para cima e a cabeça para baixo. O animal de sua montaria, embora lerdo e tardinheiro, acabava por impacientar-se e era uma vez o Judas. Espatifava o boneco a pinotes e corcóvos e atirava para longe os trapos a vigorosos coices.

Na zona da Matta, no Estado de Minas, até 1889, mais ou menos, Judas era não capaz de se suicidar, sem prévia e prudentemente fazer o seu testamento, sempre em verso satyrico. Como qualquer cidadão dono de apreciaveis haveres, Judas comparecia a cartorio, apresentando bom aspecto de saude, em pleno gozo de suas faculdades mentaes e no exercicio de seus direitos civis e politicos; dictava o seu testamento galhofeiro com rara generosidade, legando a sua fortuna aos seus amigos do peito, deixando sempre alguma coisa para os mais humildes e obscuros typos da cidade. Naquelle tempo era assim o sabbado de Alleluia. A liberdade de Judas, porém, aos poucos foi sendo tolhida pela susceptibilidade dos homens, até extinguir-se.

O testamento de Judas não podia deixar de ser epigrammatico; era um documento de critica mordaz e ferina, para cuja feitura arrolavam-se os homens e os factos por elles produzidos e que, nem por isso, eram escoimados de certos escrupulos e interesses, de modo a evitar a mofina.

Os politicos aproveitavam-se da occasião para se criticarem reciprocamente com ironia ferox, mesmo injusta, mas nunca offensiva ou degradante, afim de attribuil-a ao adversario. Os partidos então que se guerreavam eram o conservador e o liberal, a que a giria alcunhava de "cascudo" e "chimango". Se os "cascudos" estavam de cima, o Judas daquelle anno era fatalmente do partido liberal; fazia o testamento dispondo de seus haveres a favor de seus correligionarios. Do mesmo modo, se no poder estava o partido dos "chimangos", o Judas seria, na certa, um "cascudo" retrogrado e atrazado e legaria seus haveres e bens aos "cascudos", aos quaes impunha obrigações interessantes e curiosas.

Os tempos mudaram; Judas perdeu a faculdade de testar, depois que a Republica se consolidou. Os politicos a quem Judas, no seu testamento, sempre contemplava, passaram a considerar que essa pilheria os diminuia perante a opinião publica, arrebatava-lhes o prestigio, e criava mesmo certas incompatibilidades para os pleitos em que se deviam envolver. Os republicanos devem ser intangiveis e o conseguiram ser.

Entretanto, ainda nos primeiros annos do regimen republicano, as mais conspicuas figuras politicas do Estado de Minas foram amercoadas pelo famigerado Skarioth, sem que se julgassem decaidas do favor publico. Recordo-me que, em 1890 ou 1891, Cesario Alvim, Carlos Peixoto de Mello, pae, e Carlos Vaz de Mello, em Uhá, uma das maiores e mais prosperas cidades da zona da Matta, foram criticados no testamento de Judas; nem por

isso os tres grandes politicos mineiros deixaram transparecer qualquer contrariedade ou se mostraram mordidos.

Uhá é uma cidade de tradições republicanas; entre os vultos que no antigo regimen propagavam a republica com desassombro, ao lado dos mais enthusiastas e fogosos, deve de figurar, sem favor, Camillo de Moura Estevão, medico de raro valor, o primeiro que ali falou em Republica e na necessidade de derribar o Imperio carcomido.

Em um dos annos a que me referi, Judas fez um importante testamento; lembro-me que começava assim:

"Em nome Deus, eu Judas,
Com perfeito entendimento,
De haveres meus soberano,
Ao escrivão Zé Quintiliano,
Dicto as palavras sisudas
Do meu formal testamento".

Conheci o sr. José Quintiliano; era de facto tabellião. Não tenho lembrança da sua orientação politica. Era um velhote baixo e gordinho.

Judas, querendo ser generoso, contemplou-o no testamento, deixando para elle a "metade das pernas do tabellião Augusto Cesar". Este senhor, tambem fogoso republicano, era um homem demasiadamente alto. Judas, portanto, foi equitativo; diminuia o tamanho de Augusto Cesar e augmentava o de Zé Quintiliano. Esta pilheria inoffensiva tinha um grande sabor local.

O Estado de Minas ainda cheirava a provincia; Em Uhá não se falava em Capital Federal nem Rio de Janeiro, porém, na Côrte.

A Côrte era esta muito leal e muito heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, residencia dos Poderes Republicanos em pleno vigar. O Judas daquelle anno parecia pertencer aos remanescentes do Partido Liberal ("Chimango"), pois para Cesario Alvim, o impolluto mineiro, Sharioth gastou palavras bonitas e como um propheta fez um legado que se realisou integralmente:

"A joia entre as joias finas,
De que sou proprietario,
— Toda a Provincia de Minas
Deixo ao dr. Zé Cesario"...

Carlos Vaz de Mello, politico de merito, e que a morte colheu como senador da Republica, tambem teve o seu quinhão na partilha de Judas:

"Do Carlos Vaz, sem dissidio
Ao poder abro as fronteiras,
— De S. Geraldo a Presidio,
— De Ponte Nova a Teixeiras".

Presidio é o antigo nome da hoje cidade do Rio Branco, nas faldas da Serra de S. Geraldo. Egualmente, o meu amigo, dr. Carlos Peixoto, pae, recebeu o seu presentesinho no testamento de Judas.

Carlos Peixoto fôra escolhido senador na ultima eleição imperial; dizem que o vencedor no pleito havia sido Cesario Alvim e que o sr. visconde de Ouro Preto influira para que fosse escolhido por Pedro II Carlos Peixoto, devido aos impulsos liberaes, com manifesta tendencia republicana de Cesario Alvim.

Carlos Peixoto não tomou posse da cadeira, porque a republica foi proclamada.

Naquella época, o Estado de Minas estava assolado por uma forte epidemia de influenza (hoje espanhola) e Carlos Peixoto andava com um pouco de tosse. Este particular não escapou ao Judas testamenteiro, como se vê:

"Lego ao querido doutor
Que anda atacado de tosse,
A curúl de senador,
Mas... sem direito de posse".

Outr'ora, Judas inoffensivamente fazia o seu testamento, nelle envolvia os homens de maior prestigio politico, sem que lhe resultasse um processo, uma simples advertencia do delegado de policia.

Carlos Peixoto, cuja fidelidade ao antigo regimen demonstra um caracter e uma convicção notaveis, afastou-se da politica e se entregou á vida dos campos na fazenda de sua propriedade, denominada Vendéa. Houve uma época em que o quizeram ingressar novamente na politica, e o fizeram eleger agente executivo do municipio. Tudo passou. Judas, agora, morre annualmente, sem fazer o legado da fortuna que obteve com a venda de Christo. A tolerancia e liberdade dos homens de outr'ora, os tornavam invulneraveis; não

viam no testamento de Judas nenhuma referencia capaz de os degradar ou diminuir; mostravam-se superiores, muito acima da ironia e da satyra.

Se Judas hoje pudesse fazer o seu testamento, tal como outr'ora fazia, no interior de Minas Geares, tratando dos actuaes politicos como tratava de vultos do estofo moral de Cesario Alvim, Vaz de Mello, Peixoto, que coisas não deixaria para a presente geração?...

Hoje, Judas, mal comparecesse ao tabellião para dictar o seu testamento epigrammatico, teria, immediatamente, em torno de si centenas de outros Judas que o iriam denunciar ao delegado de policia do districto.

E o pobre Skarioth, ao invés de se enforcar, seria talvez mandado para a Colonia de Dois Rios ou para a Detenção, sujeito a processo.

Essa tradição pode-se considerar banida do nosso meio. De certo tempo a esta parte, mão grado as faculdades de testar consubstanciadas no Codigo Civil e as liberdades do regimen democratico, Judas está prohibido de satisfazer a sua ultima e derradeira vontade. Morre "ab-intestado", deixando á humanidade o direito de se habilitar a disputar-lhe a herança ou "avançar" nos bens, mesmo sem habilitação.

D. M.

LOPES DE LEÃO

Este começo de anno em S. Paulo tem sido prodigo em manifestações artisticas, principalmente no capitulo pintura. Varias exposições se abriram com grande successo de critica e de venda. Entre ellas as de Wilson Nobrega, o Manlio Nello Benedetti, Wasth Rodrigues e Lopes de Leão. Desta ultima, reproduzimos no presente numero alguns quadros, que dão bem a medida do valor de quem os compoz.

Falando a um redactor do "Diario da Noite", bordou Lopes de Leão uma serie de considerações a proposito do meio artistico paulista, as quaes resumiremos: Referiu que "Aristides Sartorio, grande mestre italiano, que aqui passou com a embaixada do navio "Italia", registou no relatorio ao governo do seu paiz, inserto no "Il Piccolo" de 5 do corrente, que existia aqui um certo numero de artistas feitos que deveriam figurar em logar de destaque nas exposições internacionaes e aos quaes infelizmente, parecia um absurdo, faltar a comprehensão devida e o meio bastante largo no seio do proprio Brasil. E' este, geralmente, o caso dos pintores nacionaes."

Pretende o artista, dentro de dois annos (periodo necessario, a seu vêr, para estudo sério e elaboração de novos trabalhos) apresentar ao povo de sua terra, um conjunto de aspectos e suggestões deste paiz, tão grande e tão rico, tão desconhecido e calumniado.

— Porque calumniado?

— Dizem que aqui tudo é verde, que o verde entre nós é irritante e nostalgico; affirmam que nós, que estudamos na Europa (porque aqui não encontramos meios identicos), de lá voltamos pintando o Brasil com côres e interpretação estrangeiras...

"Tentei provar a maldade dessa asserção e parece, a julgar pela critica, que obtive o que desejava, dar aos meus quadros aqui feitos um caracter e colorido todo nosso. O que é necessario na arte é emoção e esta só existe quando ha "sinceridade."

Sem esta sinceridade é impossivel obter a personalidade, requisito imprescindivelmente necessario em toda e qualquer obra de arte."

NOTAS DO EXTERIOR

A LETRA B NA POLITICA EUROPEA

PARIS, novembro de 1924 — E' uma curiosidade apontada por muitos observadores europeus que a letra B é inicial de toda uma categoria de politicos e homens de governo. Deu margem a esta observação o facto da delegação franceza á assembléa de Genebra ter sido constituida pelos Srs. Bourgeois, Briand e Boncour, allás todos elles unidos por um notorio parentesco espiritual.

E, em seguida, descobriu-se logo o rastro que a letra B deixou no pessoal politico de outros povos, reunidos numa mesma categoria ou designados por ella.

Na Inglaterra, Balfour e Baldwin confirmam a curiosa coincidencia. Ambos representam o primeiro gesto de cordialidade internacional que teve a Grã-Bretanha nestes momentos graves da historia. O funccionamento mecanico da democracia ingleza, com tanta frequencia desprovido de calor humano e que produziu as deslocantes contorsões de Lloyd George, teve um momento feliz quando Balfour lançou a fórmula Dawes e um gesto de grande dignidade quando Balwin, compromettendo o seu prestigio pessoal, foi bater á porta de Poincaré para estreitar com effusão a sua mão amiga. O proprio Baldwin, presidindo um governo conservador, com uma maioria homogenea e compacta, teve a duvida de que a sua politica não obedecia ao pensamento do povo inglez e, para certificar-se se pensava bem ou mal, decidiu submetter sua vida ministerial á prova duma consulta popular que lhe foi adversa, abrindo ao laborismo o caminho do poder. A opinião do vulgo considerava Baldwin um valor perdido, porém, o grande politico, sem abandonar o gesto displicente com que deixou o poder, não esperou em vão o retorno inevitavel do seu prestigio quando a serenidade dos outros lhe permittiu descobrir que o que tinha de cordial o pacifismo de Mac Donald nada mais era que um resultado do impulso do governo que Balwin dirigira. E a sua presença actual no poder é disso uma reaffirmação.

O signo da letra B continúa na Allemanha. Bulow e Bethmann representam expressões distinctas duma unica lealdade. O principe Bulow foi o chanceller da crise politica de 1908, o primeiro, depois de Bismarck, que sacrificou sua posição pessoal mas não referendou com a sua responsabilidade de ministro uma audacia inconstitucional do imperador Guilherme. E Bethmann, pessoalmente, opposto á brutalidade da guerra, offereceu ao impreador e ao povo a sua propria vida, mantendo-se no posto de chanceller para não perturbar com o estalido duma crise a tragica solemnidade do horrivel momento em que, pelo desvario duma casta, se iam decidir os destinos da partia.

E a letra B foi escolhida, na incipiente nacionalidade da Tcheco-Slovaquia, Benè,

o obscuro emigrado da guerra, elevado, na hora da paz, a uma das mais altas representações do mundo, para forjar pessoalmente, com uma intervenção decisiva, o novo direito internacional.

Na propria Russia, Bulharine recolhe a influencia mysteriosa da inicial do seu nome. Respeitado por todos, admirado pelos mais, não escandalisa com a pretenção immediata de uma posição eminente no regimen ditatorial a que serve com extremada lealdade, e, em troca, seguro de si mesmo, arrisca sem titubeios a sua autoridade pessoal na censura aos procedimentos de governos, sempre que repugna á honestidade de sua consciencia o furor anti-democratico da velha mentalidade do partido.

Eis ahi uma glaeria completa de homens de merito, que serve para fazer crer que a letra B tem um signo. A ella, porém, falta, ainda, reunir mais um nome: o de Briand. Serenidade nas horas difficeis, desdem pela popularidade fugaz, ambição sem impaciencia, calma para esperar a sua hora sem intrigas que a provoquem, prudencia e suavidade na acção, afim de assegurar a sua maxima efficacia no momento preciso e dignidade espiritual para rectificar o systema de suas campanhas quando a experiencia lhe demonstra os seus erros. O resumo destas qualidades levou Briand a dirigir os destinos da França mais vezes que todos os demais homens de seu tempo.

Não ha muito, numa hora de fadiga, ao relembrar a sua acção publica, dizia elle aos seus amigos: "Começo a sentir-me cansado do officio de lenhador. Apenas me chamam quando o tecto se desmorona, afim de o repor no logar e, logo que o meu trabalho está feito, tenho que me ir embora".

E' claro que não se póde deduzir desta singularidade da letra B nenhuma regra para a vida dos povos, nem uma previsão politica, nem, sequer, um horoscopo da personagem que a tenha por inicial de seu nome. Isso equivaleria a uma lamentavel superstição. A superstição, porém, só costuma apoderar-se dos que soffrem e dos que têm medo de soffrer.

Jules Monet.

("O Paiz", Rio).

A LINGUA PORTUGUEZA NO JAPÃO

O discurso que segue foi proferido pelo seu autor Todão Ueno, em 30 de maio de 1923, no encerramento das aulas na Escola de Linguas Estrangeiras, de Tokio. Publicamol-o na sua perfeita authenticidade, e conservando a orthographia e insignificantes erros nelle contidos.

"Exmos. senhores e caros professores:

Cumpre-me em primeiro logar agradecer a todos os dignos representantes das differentes nações a subida honra que dão a esta escola com a sua presença a esta cerimonia de conclusões de curso.

Sou um estudante de curso de Portuguez e acabando o estudo de 3 annos vou sahir desta escola. E hoje em cerimonia tão imponente como esta, fazer a saudação em portuguez em frente de vs. exas., é uma grande honra para mim.

Agora no Japão ainda ha pouca gente que aprenda esta lingua — ou melhor dizendo ha ainda pouca gente que saiba que o portuguez foi não só a primeira lingua europêa que se falou na nossa patria, mas tambem é de grande importancia para o Japão de hoje. Alguns amigos e parentes meus ás vezes perguntaram-me para que estudo tal lingua e em que paiz ella se fala. A lingua portugueza agora está em tal esquecimento que são feitas por gente comparativamente culta taes perguntas pueris. Eu sinto muito este facto, e por Francisco Zeimoto e Antonio Behoto (1) — chegaram corridos pelo temporal, á ilha da Tanegashima (2). Tokitaka, daimyo isso nesta occasião quero falar um pouco sobre as relações entre Portugal e o Japão em eras passadas.

Em 1543, XII anno de Tenmon, 3 por-

(1) Peixoto.

(2) Simultaneamente, ou antes destes, entraram no Japão, Fernão Mendes Pinto, Diogo Zeimoto e Christovão Borralho, sem que um dos grupos soubesse do outro.

tuguezes que seguiram do Siam para Cantão — e segundo a historia estes 3 portuguezes foram Antonio da Motta, desta ilha, obteve um mosquete destes portuguezes e ao mesmo tempo aprendeu a maneira de o manejar e fabricar (3). Elles foram os primeiros europeus que vieram ao Japão, e por isso a lingua portugueza foi a primeira lingua européa que se falou na terra de Oyamato.

Desde então os portuguezes vieram continuamente, alguns delles esforçaram-se por propagar o christianismo e alguns dedicaram-se ao commercio.

Nobunaga Oda gostava tanto do catholicismo, que edificou uma egreja em Kyoto, onde os padres de Portugal exerciam culto e ensinavam a sua religião. Foi neste tempo que innumeraveis palavras portuguezas foram introduzidas na lingua japoneza, e ainda hoje a maioria destas palavras está em uso.

Não podemos deixar de ver outro facto historico muito interessante. O paiz europeu em que o japonez saltou primeiramente foi Portugal. O Daimyo Otomo, que se converteu ao catholicismo, em 1582, mandou seu neto Yoshikata Ito como enviado ao Vaticano. E este Yoshikata Ito partiu de Nagasaki num navio portuguez, e dobrando o Cabo da Boa Esperança chegou a Lisboa.

Por occasião as relações entre o Japão e Portugal tornaram-se cada vez mais intimas. Mas, durante o Shogunato de Iyeyasu, por ter odio ao christianismo, começou a expulsar os portuguezes e finalmente em 1612 fechou inteiramente as portas aos estrangeiros.

Desta epoca em diante a lingua portugueza nunca mais se estudou, mas passados 300 annos, na éra de Taisho, o estudo da lingua de Camões renasceu. Ha poucos annos, criou-se um curso de portuguez nesta escola, e este anno nós 13 estudantes, somos diplomados.

Como já disse, agora no Japão ainda ha pouca gente que estude esta lingua, por isso o papel que nós vamos desempenhar na sociedade tem significação muito importante.

Eu creio que por nosso esforço se podem tornar as relações entre Portugal e o Japão mais intimas — tão intimas como as de ha 300 annos.

Isso é um sonho — dirão — mas nós vamos sahir da escola para realizal-o.

Antes de terminar não quero deixar de agradecer a todos os senhores professores desta escola o carinho que mostraram ter para comnosco e os infatigaveis esforços que fizeram para que nós hoje possamos sahir daqui conhecendo os differentes idiomas falados em todo o orbe. Tenho dito".

---

(3) Fernão Mendes attribue o episodio da espingarda a Diogo Zeimoto: "Os Japões vendo aquelle novo modo de tiros que nunca até então tinham visto, deram rebate disso ao Nautaquim..., o qual, espantado desta novidade, mandou logo chamar o Zeimoto... (Peregrinação cap. CXXXIV).

AS CARICATURAS DO MEZ

A CRISE DE BONDES EM S. PAULO

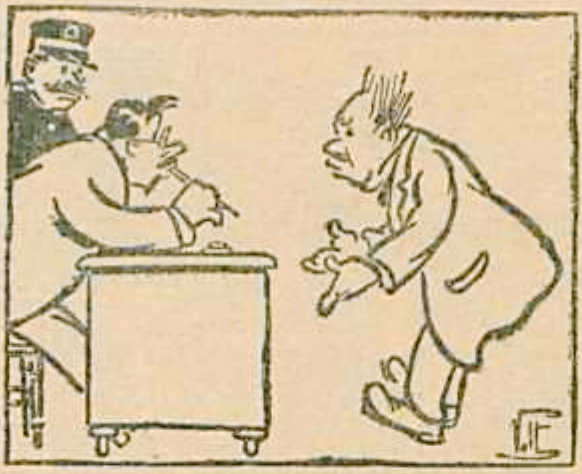
("Diario da Noite" S. Paulo)

A NOVA SALOMÉ

— Minha filha, como não pôde hoje pousar para a sua Salomé mandou-me aqui para substituil-a...

("D. Quixote" Rio)

NOVA POLICIA: NOVAS QUEIXAS



— Eu não reclamo a minha esposa que fugiu, sr. delegado; quero só aquelle litro de feijão que ella carregou...

A TRISTE HISTORIA DO SIMÃO

— O MONO MONOLOGANDO: Primeiro, servi para fazer a humanidade; mais tarde, para divertir as creanças; depois, para enfeite de roupas; agora, para remoçar os velhos... Que pretenderão ainda de mim, para o futuro?

NutrioN

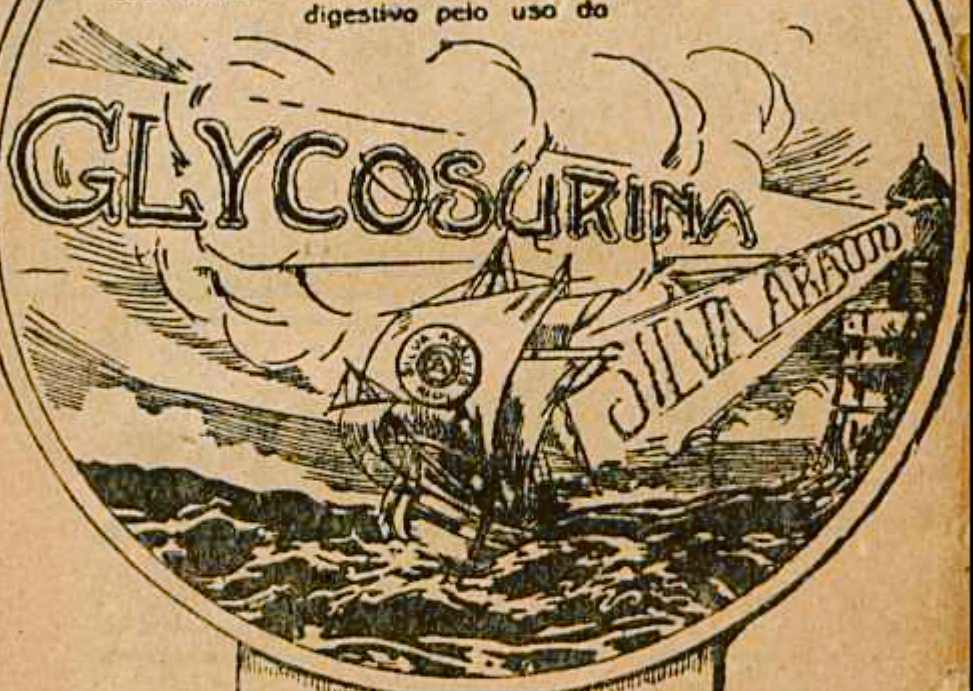
E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularisar as funcções dos orgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas brazileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA
JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25$000, enc. . . . . 30$000

MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25$ enc. . . . . 30$000

A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc. . . . . 20$000

DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch. . . 20$000

CONCRETO ARMADO — Theoria e Pratica, segundo as prescripções allemãs, Dr. Raul Gomes Porto . . . . . 20$000

CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch. . . . . 12$000

DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch. . . . . 8$000

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch. . . . . 8$000

HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch. 5$000

CONVERSAS AO PÉ DO FOGO, Cornelio Pires, broch. . . . . 5$000

NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch. . . . . 5$000

CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch. . . 5$000

VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch. . . . . 5$000

A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2$000, enc. 4$000

CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart. 4$000

O BRASIL E A DOUTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch. . . . . 4$000

POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch. . . . . 4$000

MENINA E MOÇA, Bernardim Ribeiro, broch. 1$500, enc. . . . . 3$000

O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch. . . . . 3$500

FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch. . . . 4$000

QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch. 4$000

PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.. . . . . 3$000

O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, enc. . . 2$000

MANUAL DE GYMNASTICA, Victorino Fabiano, broch. . . . . 3$000

DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart. 5$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO

A Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos quantos se interessam pelos assumptos didacticos.

Redactores

Dr. A. Almeida Junior
Dr. Haddock Lobo Filho
Prof. Pedro de Alcantara Machado
Prof. Branca do Canto e Mello
Prof. José Ribeiro Escobar

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual . . . . . 12$000

CIDADES VIVAS

DE BRENNO FERRAZ

Paginas admiraveis de sociologia, em que se tem nitida impressão da vida de trabalho das cidades paulistas que se estendem pelo Paranapanema e pelo Tieté.

PREÇO: 5$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

PARA BREVE

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato tem no prélo as seguintes obras juridicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS E COMMERCIAES

CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMILIA

PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURIDICO

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Melchisedeck Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CIUMES

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL

COMO NASCE O AMOR

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

LIVROS PARA CRIANÇAS

DE MONTEIRO LOBATO

Jéca Tatuzinho, *album colorido* . . 5$000

A Menina do Narizinho Arrebitado
album colorido . . . . . 3$500

Narizinho Arrebitado *(escolar)* . . 2$500

O Marquez de Rabicó, *colorido*. . 2$000

O Sacy, *desenhos de Voltolino* . . 2$500

Fabulas de Narizinho . . . . . 3$000

A Caçada da Onça . . . . . 3$000

DE D. DOLORES BARRETO

Dodóca, *memorias de uma boneca* . 5$000

DE G. A. BÜRGER

Aventuras do Barão de
Münchhausen . . . . . 6$000

A' venda em todas as Livrarias

EDITORA

Companhia Graphico - Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÉ, 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO